



António Lobo Antunes

As Naus

*Publicações D. Quixote / Círculo de Leitores*

*Lisboa*

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***



# 1988

Dedicado a

Nelson de Matos

Passara por Lisboa há dezoito ou vinte anos a caminho de Angola e o que recordava melhor eram as discussões dos pais na pensão do Conde Redondo onde ficaram entre tinir de baldes e resmungos exasperados de mulher. Lembrava-se da casa de banho colectiva, com um lavatório de torneiras barrocas imitando peixes que vomitavam soluços de água parda pelas goelas abertas e da altura em que topou com um senhor de idade, a sorrir na retrete de calças pelos joelhos. À noite, se abria a janela, via os restaurantes chineses iluminados, os glaciares sonâmbulos dos estabelecimentos de electrodomésticos na penumbra, e cabeleiras loiras no lancil dos passeios. De forma que urinava nos lençóis por medo de encontrar o cavalheiro do sorriso atrás dos peixes oxidados ou as cabeleiras que rebocavam notários corredor adiante, baloiçando a chave do quarto no mindinho. E acabava por adormecer a sonhar com as ruas intermináveis de Coruche, os limoeiros gémeos do quintal do prior e o avô cego, de olhos lisos de estátua, sentado num banquito à porta da taberna, ao mesmo tempo que uma manada de ambulâncias assobiava Gomes Freire fora na direcção do Hospital de São José.

No dia do embarque, a seguir a uma travessa de vivendas de condessas dementes, de lojas de passarinhos alucinados e de bares de turistas onde os ingleses procediam à transfusão de ginámatinal, o táxi deixou-nos junto ao Tejo numa orla de areia chamada Belém consoante se lia no apeadeiro de comboios próximo com uma balança de uma banda e um urinol da outra, e ele avistou centenas de pessoas e de parelhas de bois que transportavam blocos de pedra para uma construção enorme dirigidos por escudeiros de saia de escarlata indiferentes aos carros de praça, às camionetas de americanas divorciadas e

de padres espanhóis, e aos japoneses míopes que fotografavam tudo, conversando numa língua bicuda de samurais. Então poisámos a bagagem no terreiro, por cima dos agapantos que as mangueiras mecânicas aspergiam em impulsos circulares, perto dos operários que trabalhavam nos esgotos da alameda que conduzia ao estádio de futebol e aos prédios altos do Restelo, de tal modo que os tractores dos cabo-verdianos se cruzavam com carroças de túmulos de infantas e de pilhas de arabescos de altares. Passando por uma placa que designava o edifício incompleto e que dizia Jerónimos esbarrámos com a Torre ao fundo, a meio do rio, cercada de petroleiros iraquianos, defendendo a pátria das invasões castelhanas, e mais próximo, nas ondas frisadas da margem, a aguardar os colonos, presa aos limos da água por raízes de ferro, com almirantes de punhos de renda apoiados na amurada do convés e grumetes encarrapitados nos mastros aparelhando as velas para o desamparo do mar que cheirava a pesadelo e a gardénia, achámos à espera, entre barcos a remos e uma agitação de canoas, a nau das descobertas.

O pai morreu de escorbuto antes do Cabo Bojador ao darem pela proa com uma água tão tranquila como o pó das bibliotecas, e apodreceram um mês, comendo castanhas e carne salgada, até o vento estremecer o casco e empurrar uns contra os outros os pingentes de lustre dos marinheiros de uma revolta abortada enforcados nas enxárcias, depenados por gaiotas e milhafres atlânticos. Depois de sete amotinações sangrentas, onze assaltos de baleias extraviadas, missas incontáveis e um temporal idêntico aos suspiros de Deus na sua insónia pedregosa, um gajeiro berrou Terra, o mestre firmou o óculo no castelo da popa e lá estava a baía de Loanda invertida pela refacção da distância, a fortaleza de São Paulo no cume, traineiras de pescadores, uma corveta da Armada, damas que tomavam chá sob as palmeiras e fazendeiros engraxando os sapatos enquanto liam os jornais nas pastelarias das arcadas.

E agora que o avião se fazia à pista em Lixboa espantou-se com os edifícios da

Encarnação, os baldios em que se ossificavam pianos despedaçados e carcaças rupestres de automóvel, e os cemitérios e quartéis cujo nome ignorava como se arribasse a uma cidade estrangeira a que faltavam, para a reconhecer como sua, os notários e as ambulâncias de dezoito anos antes. Tinha demorado uma semana com a mulata e o miúdo na sala de embarque do aeroporto de Loanda, estendidos no chão, enrolados em mantas, roídos de fome e de vontade de urinar, numa confusão de malas, sacos, crianças, soluços e odores, na esperança de vaga para fugir de Angola e das metralhadoras que todos os dias cantavam nas ruas brandidas por negros de camuflado, bêbedos de cálices de after-shave e autoridade. Um chanceler que consultava papéis e pulava sobre os corpos deitados pingava um nome de hora a hora, e por detrás dos vidros milícias da UNITA de pulseiras de crina e lanças emplumadas, orientados por conselheiros americanos e chineses, vigiavam-nos sob os tubos de flúor do tecto.

Em vez do labiríntico mercado da manhã da partida, a seguir aos palácios das condessas maníacas e aos bares de sombras lúgubres dos estrangeiros anémicos, em vez da praia do Tejo onde erguiam o mosteiro e dos pedreiros talhando o calcário a grandes golpes de maço, em vez dos bois e das mulas das carroças de carga e dos arquitectos a gritarem para os ajudantes endechas parecidas com a fala dos criados dos restaurantes galegos, em vez das vendedeiras de ovos e frangos e pargos doirados e miniaturas de chaminés do Algarbe e quinquilharias de latão, em vez da claridade de lágrima das cebolas nos tabuleiros de madeira, dos ardentes poderes ocultos das ciganas que exaltavam as virgens outonais com promessas de amores de vice-reis, em vez das furgonetas de para-brisas azuis dos turistas e das caravelas e dos cargueiros turcos sob a ponte, enxotaram-me para um miserável edifício de cimento com painéis de voos nacionais e internacionais a pulsarem ampolas coloridas ao lado do free-shop dos uísques. Uma m quina de vender chocolates e cigarros estremecia de febre a um canto, vomitando caramelos após uma

complicada digestão de moedas, e os passageiros do avião alinhavam-se em fila como nas mercearias, nas padarias e nos talhos pilhados de Loanda, em busca do arroz, do pão e da carne que não havia mais, somente poeira e côdeas e gordura e um empregado que a vassoura não levava a abanar a cabeça ao balcão apontando com o dedo as vitrinas vazias. E lembrou-se dos entardeceres espavoridos dos últimos tempos de Angola, dos moleques que assaltavam os escritórios e os apartamentos do centro, das fachadas rombas de balas e das beneméritas do Bairro Marçal sem clientes, oferecendo a ninguém as coxas de sereias órfãs nas vielas onde os faróis dos jipes se aparentavam às lanternas traseiras dos comboios.

Os que regressavam consigo, clérigos, astrólogos genoveses, comerciantes judeus, aias, contrabandistas de escravos, brancos pobres do Bairro Prenda, do Bairro da Cuca, abraçados a volumes de serapilheira, a malas atadas com cordéis, a cestos de verga, a brinquedos quebrados, formavam uma serpente de lamentos e miséria aeroporto adiante, empurrando a bagagem com os pés (na faixa reservada aos passageiros em trânsito passavam islandeses altos e desgrenhados como pássaros de rio) na direcção de uma secretária a que se sentava, em um escabelo, um escrivão da puridade que lhe perguntou o nome (Pedro Álvares quê?), o conferiu numa lista dactilografada cheia de emendas e de cruces a lápis, tirou os óculos de ver ao perto para o examinar melhor, inclinado de banda no poleiro de fórmica, passeou o polegar errático no bigode e inquiriu de repente Tendes família em Portugal?, e eu disse Senhor não, muito depressa, sem pensar, porque a minha velha se finou de icterícia há seis anos e dos tios que aqui permaneceram quase não me recordo ou não me recordo nunca, ignoro se ficaram em Coruche e se ficaram onde moram, com quem moram, quantos filhos têm, se estão vivos sequer. Guardo o perfil vago de um primo a chegar de licença fardado de recruta, pisando as alfaces da horta com as botas cruéis, mas por exemplo a casa, que é que quer, sumiu-se-me, salvo o espelho do

vestíbulo comprado na feira de Almeirim entre choro de leitões e tambores de saltimbancos, que deformava os rostos e torcia os gestos em ondulações embaciadas, devolvendo a cada um a sua face secreta e genuína, aquela que apenas a solidão do sono ou o abandono do amor finalmente revelam. Lembro-me dos invernos com uma sementeira de alguidares e panelas no soalho a fim de receberem a chuva que descia em ampulheta das fissuras do tecto, e, mais recuada no tempo, da madrinha do meu pai a coser peúgas e ceroulas sob a cerejeira estéril das traseiras, que erguia uma das patas do tanque de lavar a roupa com a força de bíceps das raízes. E esta memória remota trouxe-lhe de súbito ao nariz o aroma de bosta de vaca dos derradeiros meses, desde que a telefonia anunciou a independência de Angola decretada por Sua Majestade, no rescaldo de um motim, durante as cortes de Lixboa, o odor do suor, da diarreia, do medo, quando colávamos em pânico os armários aos caixilhos porque daqui a nada uma coronha desventra o aparador, daqui a nada uma sapatilha esmaga o tapete a rir-se, daqui a nada o MPLA principia a disparar ao acaso e as nuças estoiram como figos numa pasta de carne branca e de grainhas vermelhas, o que julgaria o Infante, se vivo fora, lá na escola de Sagres, desdobrando mapas e consultando estrelas frente às janelas do mar, enquanto os seus capitães perseguiram dinamarquesas nas praias de Albufeira e Gil Eanes se apresentava em Lagos, pingando como um noivo exausto, com um ramo de florinhas murchas na mão. Disse Nem por sombras e pensou Claro que não, visto que em dezoito anos de África não recebi uma carta, um postal, um presunto, um retrato sequer. Quase que aposto que morreram todos há séculos, sepultados sob o lajedo das igrejas com o nome em latim apagado por solas de noviças, acomodados no tecido cor de pérola dos caixões, vestidos de casacos de xadrez, de xailes lilases, de blusas claras, de mãos postas e malares agudos como as estátuas jacentes nas criptas das capelas. A minha família de queixo amarrado e moedas de prata nas órbitas a fitar-me com reprovação, Este é o que foi para Loanda morar no meio dos pretos em

lugar de explorar uma tabacaria na Venezuela ou um escritório de transportes na Alemanha, este é o que montou um comércio de talhante nos musseques, vendia costeletas aos cafres, fez um filho a uma mulata, habitava um pré-fabricado da Cuca, nem um coche, nem um batel possuía, aos domingos espojava-se na sala, de calções, a ouvir relatos de futebol e a comer merda de sanzala, o escrivão da puridade aplicou-se em apontamentos góticos adiante do meu nome, sacudindo as orelhas entendidas como se partilhasse o desprezo ou o desgosto dos meus tios, e o diácono que o acolitava, com uma coroa de cabelos e bochechas de Santo António de azulejo insistiu Nenhuns parentes, nenhum cunhado, nenhuma relação distante?, à medida que preenchia formulários, multiplicava números numa calculadora de bolso, me estendia um papel para assinar, Aqui, entornava uma gota de lacre no termo da página e a oferecia ao outro para que apusesse o anel de armas na nódoa de sangue fumegante. A mulata, de sandálias de plástico e lenço amarrado na testa, que antes de morar comigo servia à mesa num restaurante da Ilha, abismava-se num cartaz de férias orientais que exibia um casal de grinaldas ao pescoço refastelando-se de caneca de cerveja num poente marinho. Ninguém, disse eu, só a mobília do quarto que há-de chegar no próximo galeão se a não desviaram no porto com esta história de roubalheira, democracia e socialismo, e orgulhei-me das mesinhas de cabeceira com maçanetas de loiça, da consola de três portas para garrafas, cristais e copos de água e de vinho, para além da cómoda da roupa de sumptuoso tampo de mármore no qual se gravavam as veias que se ramificam de leve nas pálpebras das crianças, ao mesmo tempo que o escrivão me entregava, com a pompa de um diploma de menção honrosa, uma notificação ilegível, Tem oito dias para comparecer nesta repartição, agora veja lá. Nas minhas costas um plebeu de muletas protestava contra as demoras da burocracia, Em saindo daqui apresento queixa aos jornais, e eu cessei de ouvi-lo porque me lembrei de novo de Coruche e da madrinha do meu pai a coxear para casa, com a cesta das molas da



roupa na mão, desfocada na latada das videiras. Quanto ao comer e ao dormir, explicou o  
escrivão alheio ao das bengalas, sem olhar sequer ou se preocupar nunca com a mulata ou  
o miúdo que se me enrolava nas pernas, de boca aberta numa espiral de angústia,  
arranjámos-lhe lugar na Residencial Apóstolo das Índias, Largo de Santa Bárbara, meta-se  
num autocarro e pergunte pelo senhor Francisco Xavier, o que se segue. Um ruivo grosso e  
túmido, gaguejando empenhos, acotovelou-me para se aproximar da secretária e estávamos  
sozinhos e postos de banda numa cidade que conhecia sem conhecer e cheirava à carne  
doce dos javalis que os monteiros açulam no verão perseguindo-os pelas praças e travessas  
de Linda-a-Velha ou de Bucelas, enquanto homens de negócios holandeses e capitães dos  
mares de Malaca desapareciam nos táxis do aeroporto na direcção do centro da cidade e do  
fedor de vazante dos seus becos, e nós os três cá fora, no passeio, à torreira, à espera das  
mesinhas vindas de Angola como se as caravelas atravessassem as avenidas para nos  
depositarem aos pés um caixote bolorento de limos de baixios, amolecido pelas gengivas  
das ondas, destruído por correntes contraditórias e gumes de recife, barbudo de mexilhões  
e ostras oceânicas, com um resto de colchão e uma maçaneta dentro.

Era uma vez um homem de nome Luís a quem faltava a vista esquerda, que  
permaneceu no Cais de Alcântara três ou quatro semanas pelo menos, sentado em cima do  
caixão do pai, à espera que o resto da bagagem aportasse no navio seguinte. Dera aos  
estivadores, a um sargento português bêbedo e aos empregados da alfândega a escritura da  
casa e o dinheiro que trazia, vira-os içar o frigorífico, o fogão e o Chevrolet antigo, de  
motor delirante, para uma nau que aparelhava já, mas recusou separar-se da urna apesar das  
ordens de um major gorducho (Você nem sonhe que leva essa gaita consigo), um féretro de  
pegas lavradas e crucifixo no tampo, arrastado tombadilho fora perante o pasmo do  
comandante que se esqueceu do nócio e levantou a cabeça, tonta de cálculos, para olhá-lo,  
no momento em que o homem de nome Luís desaparecia no porão e encaixava o morto

sob o beliche, como os restantes passageiros faziam aos cestos e às malas. Depois estendeu-se no cobertor, poisou a nuca nas palmas e entreteve-se a seguir o crochet meticoloso das aranhas e o cio dos ratos nas vigas do tecto cobertas de caranguejos e percebes, sonhando com os braços nocturnos das negras carecidas. Ao segundo almoço conheceu um reformado amante de biscoitos e suélicas e um maneta espanhol que vendia cautelas em Moçambique chamado Dom Miguel de Cervantes Saavedra, antigo soldado sempre a escrever em folhas soltas de agenda e papéis desprezados um romance intitulado, não se entendia porquê, de Quixote, quando toda a gente sabe que Quixote é apelido de cavalo de obstáculos, e ao fim da tarde puxavam o caixão e batiam trunfos lambidos no tampo de verniz, evitando tocar no crucifixo porque dá azar às vazas e altera as manilhas, e erguendo os sapatos de fivela sempre que os balanços do barco derramavam na sua direcção o vomitado dos vizinhos, que adquirira um palmo de altura e os obrigava, de meias ensopadas, a agarrarem-se às pegadas a fim de que o cadáver não lhes escapasse, à deriva num caldo em que flutuavam lavagantes, transportando consigo os valetes e os ases da partida decisiva.

O homem de nome Luís habitava com o pai no Cazenga quando uma patrulha disparou sobre o velho, de forma que assim que os amigos do dominó lho trouxeram embrulhado em rasgões de lençol, só com uma madeixa de cabelo ruço de fora, o deixaram na toalha do jantar, em cima dos talheres e dos pratos, e se foram a discutir um dobre de seis, desceu o beco até à agência funerária que uma granada rebentara, entrou pelos vidros estilhaçados da montra e escolheu uma urna no meio das muitas que sobejavam na loja porque os corpos se decompunham nas praças e nas ruas sem que ninguém se afligisse com eles, salvo os cachorros vagabundos e os ladrões de farrapos. Entornou o finado lá dentro, esquecido de o desembaraçar do lençol, de o beijar, de lhe vestir o fato do casamento ou de lhe aparar as unhas, atarrachou os parafusos do féretro e na manhã imediata instalou-o no

carrinho de mão juntamente com uma muda de roupa e uma marmita de batatas e dirigiu-se à doca no intuito de embarcar para o reyno. Logo que o vomitado atingiu os dois palmos amarrou o caixão à perna do beliche, com a guita dos perus do Natal, para poder dormir, embora sentisse o pai navegar sem substância no interior do seu sono, chamando-o pelas frestas de nogueira na voz alvoroçada dos mortos. Ao atracarem em Lixboa o maneta e o reformado ajudaram-no a depositar a urna, a que faltavam pegas e uma porção de crepes, no rebordo do cais, e o reformado sacou as cartas da algibeira para uma última sueca sob os queixumes da noiva dos guindastes, os borborigmos das corvetas e os albatrozes que conspiravam no alto, intrigados pelo odor de vinagre do velho. Ao décimo terceiro trunfo de copas o das cautelas levantou-se, *Buenas noches*, senhores, que tenho de ir a Espanha acabar o meu livro, só consigo rever provas com o sol cigano de Madrid à cabeceira, prometo enviar pelo correio um exemplar autografado a cada um, e eles notaram então, surpreendidos, que as pessoas e a bagagem haviam desaparecido do porto: sobrava o escuro, um desertor supliciado numa espécie de palco para edificação das gentes e alimento dos corvos, e um candeeiro aceso num edifício de socorros a afogados ou de escritório marítimo, desses que o ministério das pescas, o Infante navegador e a Polícia Judiciária plantavam litoral abaixo para vigiar ao mesmo tempo o contrabando de haxixe e as manobras dos bucaneiros flamengos. A tonalidade das ondas contra a pedra mudara, agora transparente e doce como o som dos teus olhos. O reformado ganhou a centésima quadragésima nona implacável partida quando já nem as pintas das cartas se diferenciavam e se adivinhava o valor das quinas por um decepcionado eco na alma, após o que recolheu o baralho, se despediu e foi embora, lamentando, para não se comover, que com parceiros assim, que nem o número de pontos decoram, qual é o raio de gozo de vencer uma bisca. O homem de nome Luís permaneceu séculos observando o jogador que se afastava no passinho prudente dos subtis conhecedores do acaso até sumir-se, pardo no céu pardo,

além do renque de arbustos paralelos a uma linha de comboio e se perder na desordem iluminada da cidade. Então sentou-se na urna com a água aos seus pés sem lograr distingui-la, salvo o ofegar do rio que se distanciava e avançava, e onde desembocavam os esgotos de Lixboa e os sonetos pastoris do poeta Francisco Rodrigues Lobo, suicida do Tejo pescado numa rede como um sável de bigodes. As gaiotas e os milhafres acolheram-se às cornijas quase concluídas dos Jerónimos para onde o exército trasladara a chamazinha gloriosamente modesta do soldado desconhecido, camponês atónito jogado para a lama francesa e os gases alemães da primeira guerra mundial, dando lugar a morcegos do tamanho de perdizes que dormiam durante o dia na paz de arcos do claustro com um lagozito ao centro destinado à sereia criança que Bartolomeu Dias prometera a el-rei aquando da sua próxima viagem, logo que de madrugada um canto de búzio se erguesse dos recifes a deslumbrar os marinheiros. Locomotivas em manobras separavam o homem de nome Luís dos edifícios da margem, obliquamente assentes no pavimento das calçadas como as naus do cerco da cidade no musgo do Tejo. Um cabo da guarda-fiscal, de escopeta, vestido com as risquinhas dos suíços que protegem o papa, passou por ele uma ocasião ou duas a fumar, e o morse da ponta do cigarro respondia em código aos sinais de lanterna dos contrabandistas, conduzindo às armadilhas da tropa falsas traineiras marroquinas atestadas de licor italiano e de papoilas de ópio. Cheirava a calor e a desperdícios e de tempos a tempos farrapos de jornal erguiam uma brisa de notícias da calçada. Urinei à sombra de uma camioneta de fruta e enquanto desabotoava a braguilha e o ar se tingia de fragrâncias de pêsego lembrei-me de Loanda às seis da tarde, à hora a que os barcos largavam para a pesca diminuindo a fumegar entre troncos de palmeiras. Urinei a pensar no relojoeiro surdo-mudo, de pupilas de Charlot, cercado por centenas de cucos furiosos, que consertava molas microscópicas a dez metros do meu emprego, a pensar em Dom Miguel de Cervantes Saavedra que nos gritava por vezes episódios esquisitos de

Dulcineias e moinhos e acrescentava excitadíssimo, a palpar o lápis no casaco, Vou enfiar isto no meu livro, vou enfiar isto no meu livro, a pensar no reformado da sueca que vedava com rolhões de pano e estearina de vela as frestas do caixão e se instalava ao meu lado no beliche a exhibir fotografias antigas coladas num caderno de escola, Aqui sou eu no cavalo de pasta aos quatro anos, O terceiro a partir da esquerda sou eu na tropa em Tancos, Esta tirou-me o meu irmão Paulo quando descobri o caminho marítimo para a Índia, Agora, que engraçado, repare, estou com os colegas da secção de rótulos da fábrica de cerveja, por sinal que me ofereceram uma caneta com aparo de oiro e um diploma encaixilhado, com uma placa em baixo e as assinaturas de todos, Que pena, ó Gama, já não trabalhares cá, o reformado que se alongava em episódios sem fim da sua juventude de sapateiro em Vila Franca, terra que a vermelhinha do Tejo ora mostrava ora escondia consoante as cheias, abandonando, ao retirar-se, ventres inchados de bois e os saxofones entupidos da banda do coreto. O primo que dirigia o negócio das solas escrevera-lhe para África a oferecer um quarto e sociedade na loja, e eu, que não conhecia ninguém em Portugal, decorei o endereço para o visitar pela Páscoa com um saquinho de broas e um baralho americano com mulheres nuas do outro lado dos valetes. Acabei de urinar no momento em que uma locomotiva arrancou confundindo o seu apelo com o apelo dos barcos, e tornei para o cais sem saber o que fazer com o trambolho da urna a que o maneta das cautelas, num impulso absurdo de artista, prometera um poema, Apeio-me do cavalo em Madrid, tranco-me em casa e escrevo-o num segundo, não custa nada, ora que espiga, copio tudo em papel de carta de avião e dentro de um mês o máximo está cá. Cocei as crostas do herpes da orelha, cuspi para a água invisível na esperança de uma ideia, mas onde catano sepultar o pai se não há dinheiro sequer para o serviço dos mortos? Se não fosses completamente parvo, explicava-me o reformado manipulando damas, num dos seus raros instantes de compaixão e áspera amizade, esquecias-te do defunto na mesa onde o deixaram. de mão de unhas

compridas quase a agarrar o galheteiro porque os gajos se pelam por azeite como os mochos, chupam-no agitando as asas nos armazéns das mercearias, mas a mim afligia-me a ideia de que pudesse apodrecer sozinho em África, com malmequeres nas cerdas do nariz, rodeado de salamandras e lacraus. Ao sétimo escarro amanheceu: uma claridade de alguidar revelava os guindastes, o perfil das naus de Ceilão, a labareda da Siderurgia ao longe, e o esqueleto do supliciado no altar do seu patíbulo. Os milhafres e os corvos voltaram, o cabo da guarda-fiscal desapareceu. Uns pescadores de camisa estampada instalaram-se a dez ou vinte metros do caixão, cada qual com o seu cabaz e a sua cana, mas decorridas algumas horas de não apanharem nada jogaram a tralha para uma furgoneta da companhia do gás e escaparam-se mais ou menos pelo mesmo trajecto do senhor Gama e do espanhol, sacudindo as chapas soltas do capot nos carris do comboio, e ao irem-se embora regressou a noite: as luzes acenderam-se, os pavios das canoas baloiçavam, o volume incompleto dos Jerónimos, vigiado por infantões de alabarda, adquiriu uma grandeza imprevista. O cabo da véspera espiou da repartição de tijolo, e sempre que se aproximava as fivelas das polainas tilintavam e as feições reduziam-se a nódulos inexpressivos de pau. Os morcegos que farejavam as lâmpadas, procurando as borboletas tropicais chegadas com os escravos da Guiné, submergiam-se por engano nos reflexos lilases das ondas de desmaio do Tejo. Automóveis de faróis nos mínimos, em que se revolviam namorados, apontavam ao chão as grelhas amuadas. O cheiro do esquife tornara-se a pouco e pouco tão insuportável quanto o do desertor no seu cepo, com pássaros poisados na crista da espinha e no que sobejava dos ombros e das nádegas, de modo que pensei Mal o frigorífico e o fogão arribem vendo-os a um cigano qualquer e compro ao velho um Jesus de metro e meio com embutidos e enfeites, já que a partir de certa idade vivemos a imaginar, a aperfeiçoar, a polir o teatro macabro das próprias exéquias, o sacristão, a família, as participações nas revistas, o interesse dos vizinhos, o número de ramos de flores e os litros das lágrimas. Pensei: Nem

que tenha de pagar para o chorarem. Pensei: Nem que tenha de comprar óculos escuros e um lenço enorme de adeuses de emigrante para fingir que choro. Pensei: Nem que alugue cunhados nos mendigos que exageram a fome nos degraus das igrejas, e nisto o cabo, a seguir a tentar em vão um pontapé na seda instantânea de um gato, avançou em diagonal de lagosta a mudar a bandoleira da arma de uma omoplata para a outra:

- O que é aquilo ali?, disse ele.

Só então me dei conta de que para lá dos ralos e das cigarras das trevas cujo trino se aparenta ao zumbir das lantejoulas da insónia, para lá dos moluscos nas enxárcias e da harpa das cordas e da sua única nota sem cessar repetida, um grilo cantava: não dentro da noite, entenda-se; num barquito ancorado, uma dessas chatas de caçadores de limos e mariscos doentes, que navegam umas braças tripuladas por homens de calças enroladas munidos de camaroeiros e de baldes. De tempos a tempos uma barbatanazinha da água cintilava num pulo e evaporava-se de novo. As casas, duplicadas de pernas para o ar, subiam e desciam na direcção de Lixboa, enfeitadas de craveiros nos caixotes das varandas.

O cabo tocou no féretro com a ponta da bota, a avaliar:

- Esta porcaria pertence-lhe?

De madrugada as locomotivas, quando chamam, mesmo distantes, dão a impressão de se encontrarem tão próximas que se podem apertar contra o peito. Os demais ruídos também. E o silêncio.

E os odores. E as vozes que ciciam a quilómetros: tudo vizinho, nítido, transparente e frágil, de vidro. Incluindo a ponte que atravessa o Tejo e os pirilampos dos camiões a vogar no tabuleiro.

- Ando à espera do pacote para a levar daqui, disse eu. Tenho lá o meu pai morto embrulhado num lençol.

Em África, semeada de padrões, de destroços de caravela e de armaduras de

conquistadores finados, os mochos plantavam-se no centro das picadas e deixavam que os carros os atropelassem, mochos de olhos amarelos como as barbatanas da água e os pirilampos dos camiões: viamo-los tarde demais, buzinávamos e um remoinho de penas cinzentas, mais cabelos do que penas, embatia no vidro e morria para trás de nós, a perder-se nas lavras de girassóis adormecidos por onde os burros do mato trotavam sem descanso.

Em África, ao contrário daqui, o meu nariz palpava os odores e alegrava-se, as pernas conheciam os lugares de caminhar, as mãos aprendiam com facilidade os objectos, respirava-se um ar mais limpo do que panos de igreja, até a guerra civil dar um tiro no velho, me encafiar com o reformado e o maneta dos moinhos num porão de navio, e os perfumes e os rumores das trevas se me tornarem estrangeiros porque ignoro esta cidade, porque ignoro estas travessas e as suas sombras ilusórias, porque apenas soletro o porto e as traineiras, presentes de dia e ausentes de noite, sem contar os corvos e as gaiivotas excitadas pelo relento do defunto, debicando o crucifixo à procura da carne podre oculta no túmulo de verniz.

- Um cadáver?, desconfiou o cabo. Um cadáver ou tabaco americano, nosso amigo?

Gitanes, Marlboro, anis, perfumes franceses, vermute, uma dúzia de radiozinhos de pilhas japoneses? Você quer convencer-me que traz um cadáver aí?

Lançou fora a ponta do cigarro e a luzinha vagabundeou na noite e apagou-se no Tejo. A passagem de nível desatou a tocar na fúria estremunhada dos despertadores, e as janelas do rápido das dez sucederam-se por detrás dos arbustos em quadrados cintilantes levando consigo os operários dos Jerónimos aos bairros periféricos sem electricidade nem água, com bêbedos e cadelas a ferverem raivas nas esquinas. Um par de guardas, chamados pelo apito do cabo, transportou o féretro para o escritório de tijolo de secretárias desfeitas encostadas às paredes, antigos ficheiros metálicos e ordens de serviço e relações de naus desaparecidas afixadas a alfinete num painel de cortiça, à esquerda da fotografia



emoldurada do presidente da república que mirava a eternidade na expressão de estupidez visionária dos heróis. Os guardas, de cócoras, aliviaram os parafusos, esboroaram a placa de estearina que cintava a urna, desfizeram a canivete as rendas do forro, um vento de amoníaco ascendeu do caixão e a boca do presidente do retrato torceu-se na careta de dor de dentes com que por muitos anos assistiu, por cima da ardósia, à tabuada das escolas.

- Mal atraque o paquete com as minhas coisas, garanti eu, juro que lhe pago uma lápide como deve ser.

Perto do candeeiro, mais nu sem o boné do que se estivesse despido, o cabo, a limpar as unhas com um fósforo, aparentava-se aos pescadores de limos da vazante, embora de polainas e cartucheira à cinta a fim de assassinar as enguias do rio. Ou os morcegos. Ou os comboios. Ou a Torre de combater os castelhanos. Ou o pai que engolira o seu chumbo em Loanda e se tornava devagarinho num lodaçal de tripas.

- Caralho, disse um dos guardas, enjoado, a tapar o nariz com a manga de cotim.

Espreite-me só este radiozinho japonês, nosso cabo.

Uma locomotiva atravessou de cambulhada o posto de socorros a náufragos, tombando ficheiros e cadeiras, e agora olhavam-me os três, escondidos por uma ponta do lençol, numa surpresa de virgens, de modo que cresci um passo num sorrisinho humilde de desculpa:

- Se os senhores pregassem o caixão agradecia: é que não há nada para me sentar no cais enquanto o barco não chega.

A Residencial Apóstolo das Índias não se situava no Largo de Santa Bárbara consoante o escrivão da puridade lhes afiançara, mas no declive de um terreno perdido nas traseiras dos prédios entre a embaixada da Itália e a Academia Militar. Era uma casa arruinada no meio de casas arruinadas diante das quais um grupo de vagabundos, instalado em lonas num baldio, conversava aos gritos à roda de um chibo enfermo. Perguntou o

endereço a um mestiço de olhos sigilosos, a garotos que remexiam desperdícios com uma vara e a um sobrevivente alcoólico de mares remotos abraçado a uma âncora oxidada, e contornaram, a tropeçar, tábuas de andaime, paredes calcinadas, betões torcidos, restos de muro e escadas de apartamentos sem ninguém, por onde à noite deslizavam luzes de navegação nos intervalos das janelas. Um bando de rolas espantou-se num coto de telhado, ergueu-se em leque e afundou-se num céu de chaminés. Abaixo, na Rua de Arroios com obras nos esgotos e um caterpillar a entupir o trânsito, ficavam capelistas decrepitas, bares de prostitutas e merceariazinhas manhosas enxameadas de operários de pavio de bagaço aceso no castiçal da mão. Um rato húmido de brilhantina escapou-se de um caneiro, correu ao longo de degraus assoreados e esgueirou-se num monte de cascalho. Os mendigos observavam-no de longe, em silêncio, debaixo de um pedaço de tenda, e nesse instante viu as letras

## RESIDENCIAL APÓSTOLO DAS ÍNDIAS

pintadas a amarelo ao lado de uma porta aberta ou do que havia sido uma porta e não era mais do que uma espécie de cancela esburacada. Uma rapariga de sapatos de homem despejava um caixote numa cova repleta de cascas, de embalagens de insecticida, de bisnagas, de mostradores de bússola e de frascos de xarope vazios. O senhor Francisco Xavier, indiano gordo de sandálias, recebeu-o no camarote do vestíbulo cercado de uma dúzia de indianozinhos todos parecidos com ele, igualmente gordos e de sandálias, de tamanhos diversos como a escala de teclas de um xilofone. Cheirava a insónia e a pés, cheirava ao estrume de curral da miséria, e percebia-se o andamento de migração das nuvens pelos orifícios do reboco. Como se houvesse também guerra aqui, pensou Pedro Álvares Cabral, como se um morteiro destruísse os prédios.

- Eu sou de Moçambique, elucidou o senhor Francisco Xavier num sotaque macerado de gentio a recolher-lhes as senhas de desembarque carimbadas pelas armas do

escrevão. E ele imaginou o goês, de charuto apagado na saliva das mandíbulas, a adorar na floresta criaturas de oito pernas ou a impingir tafetás de praça em praça antecedido pelo volume persuasivo da barriga. Lá fora escutavam-se os vagabundos que discutiam aos guinchos e as rolas de papo que tornavam aos paus de fileira, e debruçando-me lobriguei o chibo a tiritar entre os calhaus e os edifícios desertos que anoiteciam devagarinho à minha volta.

- Não os preveniram, espantou-se o senhor Francisco Xavier, que têm de entregar cinco contos de sinal?

A rapariga do caixote regressou a falar sozinha e sumiu-se na boca de uma escada: os sapatos deslaçados encalhavam no rebordo dos degraus. Cochichos e choros espalhavam-se na extensão de trevas da Residencial. Um pássaro qualquer assobiava, estrangulado, no buraco de caliça de uma esquina.

- Na Beira comprei eu três cinemas e uma moradia com piscina, disse o senhor Francisco Xavier exibindo os braços vazios de déspota apeado. Três cinemas e uma moradia frente às caravelas do porto, sem contar os criados, é claro, e se me jurassem que havia de governar esta espelunca para ganhar a vida ria-me uma tarde inteira pelo menos. Só os calotes que os hóspedes me pregam dão comigo em doido. Por falar em calotes, rapaz, os cinco contos vêm ou não vêm? Três cinemas, poça. E assine-me este recibozinho para lhe receber o subsídio, é uma norma do Apóstolo das Índias, entende? Honestidade de uma banda, honestidade da outra.

A mulata arreou as malas e os sacos num baque de desmaio. Deviam ser oito horas mau grado o silêncio de poço dos relógios atendendo a que desdobravam os toldos dos cabarés de Santa Bárbara, e sujeitos agaloados a oiro, vestidos de alferes de carnaval, controlavam um tráfico complicado de clientes e de putas. As rolas inquietavam-se nos peitoris desmantelados e ele pensou que Lixboa sem restaurantes chineses era a cidade mais

feia sobre a terra. Pensou a olhar um ninho de vespas num taipal Onde vou arranjar agora cinco contos para acalmar o gordo, e nesse instante guincharam do escuro à Xavier, o indiano disse-nos Aguentem pianinho que eu já venho, e partiu a estalar as sandálias, seguido pelo xilofone dos filhos, para as despensas, patamares, saletas, caves e túneis da pensão.

De maneira que ficaram à espera no vestíbulo diante do alarido do tojo e dos ralos de agosto: a mulata e o garoto completamente mudos, arqueados e quietos na escuridão que crescia, medindo tudo, verificando tudo, espiolhando tudo, as centopeias sem rumo, os escaravelhos mortos, as lagartixas tonas nos relevos do tecto, a noite e a via láctea dos candeeiros do Martim Moniz que nenhum dedo desfia, e eu, branco de Coruche sem instintos nem mistério, demasiado afastado dos castanheiros da infância, a cismar no dinheiro do indiano e na forma de roubá-lo, ouvindo passos e cicios e arrastar de baús, lembrando-me do meu avô a tactear o sol das três da tarde com a bengala até que a voz do senhor Francisco Xavier proclamou, à medida que as sandálias bolorentas se avizinhavam de novo, Arranjei-lhes um quarto com mais oito famílias de Angola, reparem na vossa sorte, caneco, tudo conterrâneo, tudo solidário, tudo compincha, tudo no paleio, que é dos cinco contitos, ó sócio?

Desta feita não trazia atrás de si a comprida procissão das crias mas uma velha minúscula e descalça, de carrapito, cabelo apartado ao meio e pinta vermelha na testa, uma copa de jogar entre os arcos de capela das sobranceiras grisalhas, e em cujas pupilas se refractavam tanques de crocodilos, silhuetas de piratas e as naus de D. João de Castro sob um céu de catástrofe, fundeadas no mar de icterícia de Diu. Uma velha centenária trazida de Malabar ou de Timor com a primeira pimenta, amante de descobridores barbudos de tosse espessa de barrica, que conversava com o senhor Francisco Xavier na linguagem colorida dos ídolos de pau adormecidos sob árvores imensas nos seus pagodes de cobre,

uma vetusta namorada de marujos que assistira impávida a abordagens ferozes, ulcerações de escorbuto, fumigações de Bálsamos e melancolias de vice-reis, debruçados para as andorinhas nas varandas do poente. Não se preocupou muito com o miúdo ou comigo, ocupados a medir a densidade da noite pela pressa das corujas, mas avançou e recuou várias vezes na direcção da mulata observando-lhe a cara, o corpo, as pernas, e eu sentia-me na Ribeira ou no mercado de Cascais em manhãs de vozearia, papagaios, zangas, regateio, a assistir ao desembarque dos escravos, de penas de galo na nuca, por uma portinha das fragatas. O gordo accionou um interruptor de pêra e uma claridade súbita mostrou o trio adornado em que nadavam percas, as pranchas soltas da ponte de comando do soalho, o reboco em pedaços, as feridas, nódoas e cicatrizes do estuque. Os vagabundos amornavam-se no baldio para dormir, arrebanhando jornais contra o orvalho do estio. Cães sem dono e arcebispos despadrados, de mitras de palhetas de vidro na cabeça, esvoaçavam em cambaleios de anjo rente à porta. A rapariga do caixote saiu para a noite a fumar, mascarada de boneca de mercearia de bairro, de bochechas de palhaço e de pescoço apertado numa estola leprosa. O senhor Francisco Xavier, derramado num ângulo de balcão, copiava custosamente os nossos nomes num caderno pautado, na caligrafia gótica dos cabeçalhos de jornal.

Um rafeiro uivou a cinquenta metros de nós e logo um segundo, mais distante, retorquiou das bombas de gasolina num lamento dorido, de goela ampliada pela concha de cimento da garagem com outras vozes lá dentro, de automobilistas, de carteiros de motorizada, de estofadores, do último mecânico a ensaboar-se a uma torneira cuja água se espalhava a brilhar pelas gretas do chão: sei como é por há anos ter trabalhado de aprendiz numa oficina em S da Bandeira entre os relentos do óleo, do cabedal e da estopa, a ver, sob o leite coalhado do flúor, electricistas comporem baterias em mesas fuliginosas, repletas de desperdícios e amperímetros. Desisti porque o encarregado me apanhou o

dedinho no casaco do bate-chapas à cata de uns trocozitos inocentes para um maço de cigarros, e me expulsou ao tabefe, rampa acima, até à chuva da rua. O indiano, subtraído pela fé dos evangelhos aos seus ídolos risonhos e às suas trovoadas monstruosas, veio vindo do balcão com a papada da barriga a baloiçar sobre o cinto:

- Não tens as coroas, mocinho?

Os ratos que conspiravam no forro do tecto desprenderam do alto uma placa de caliça, e nisto a velha, de boca aberta, pulou como um sapo aleijado, filou a mulata com as pinças das garras e arrastou-a para os túneis do Apóstolo das Índias, onde uma criança se esganiçava no salão decorado de azulejos do século XVII do primeiro piso, representando cenas de caça ou milagres de virgens. E dei comigo a pensar se o chibo dos mendigos dormiria de pé, de joelhos a tremerem nos cardos do baldio.

- Nem a miséria de um tostãozinho te sobrou, ora confessa ao chefe, alegrou-se o senhor Francisco Xavier a aplicar-me palmadas exultantes nas costas, quando o vento trouxe da beira-rio o aroma de oleado heróico do hidroavião sem hélices, exposto, para além do Beato, no pontão dos pescadores de domingo, com os passageiros ainda sentados nas cadeiras conforme se podia espreitar pelo suor das vigias.

- Deixa que comigo foram três cinemas de estreia de quatrocentos lugares cada um, consolou-o o senhor Francisco Xavier. No carnaval organizava bailes no foyer, concursos de disfarces, bebidas grátis, havia balões de gás para os gaiatos, desses que ao segundo dia já hesitam entre o tecto e o chão, vinha um conjunto de Nampula especializado em mambos, uma pipa de massa evaporada num rufo.

Os candeeiros de Arroios, os candeeiros do Paço da Rainha cintilavam no sopé da encosta como as tochas das folias nocturnas de D. Pedro I, e o meu filho, sempre grudado à minha manga, sempre pregado aos meus joelhos, sempre enganchado na minha cintura, fitava-me com os olhos intensos, adultos e graves, nos quais, desde que nasceu no hospital

da tropa, nunca topei o luar de infância alguma: um homenzinho microscópico que se não assemelhava a mim ou a fosse quem fosse da minha família, um gnomo chegado directamente de remotos avós negros das matas de Carmona, sentados nas esteiras à entrada das palhotas, de cachimbo de cabaça na palma. Rocei-me pela ombreira, farejando, mas a noite de Lixboa não cheira a lavras de café, à vivenda de colunas do patrão na vinha virgem do capim, à mancha da fortaleza de São Paulo, à ampla e profunda respiração da terra: cheira a butano, a fumo de farturas, à peste dos séculos idos, a mulas de frade e a fezes de chibo doente no ondeado do terreno vago. A ampola do vestíbulo piscava confundindo as melgas. Os sem foros da Avenida Almirante Reis empurravam o trânsito na direcção do largo de contrabandistas do Martim Moniz e das suas violas de pedintes que repetem até ao delírio queixumes de calafates desamparados de mar. O senhor Francisco Xavier chamou-me do balcão, a fechar o livro numa imponência eclesiástica, e dei com a mulata vestida de fantoche ou de palhaço de circo como a rapariga dos sapatos de homem, de carapinha apanhada num carrapito de laços, unhas prateadas, baton, pálpebras verdes e uma vírgula de espanto na testa franzida. A velha, de agulha na mão, compunha-lhe à pressa as pregas de lamê das ancas.

- A tua esposa vai trabalhar lá em baixo num bar até a contazinha da pensão ficar paga, decidiu o indiano a esfregar com empenho a fazenda das virilhas. Se as coisas nos correrem bem, rapaz, daqui a nada é melhor do que três cinemas em Lourenço Marques. Por mim não tem nada que saber: arrasto a cadeira de baloiço de palhinha para o centro do vestíbulo, de onde se vê a porta e as tábuas do sobrado se lamentam menos, apago a luz e fico à espera, a soprar com força no escuro, que elas regressem das boites de Arroios ou das árvores do Campo de Santana, exaustas, despenteadas, de sapatos na mão, com o baton desbotado pelos beijos dos clientes, perseguidas à distância por ladrar de cães, buzinas de automóveis despeitados e o pífaro do vento nas ervas e nos prédios em ruína.

Depois do jantar aguento uma porção de tempo, a chupar o charuto, de olhos abertos na noite, e a partir das duas, ou seja a seguir ao carro-patrolha iluminar os estores fracturados e desaparecer na embaixada de Itália, levanto-me devagarinho para não acordar a minha mãe e os meus filhos que dormem na mesma cama do que eu, desço as escadas amparando a barriga com o ninho da palma, e sento-me a observar os sem foros e as insígnias da Estefânia, nomes de letras fundidas e pedaços de telhado que o luar cor de tomate aguça e revela, a pensar nos três cinemas que não tive nunca, apenas uma sala de percevejos no bairro dos paquistaneses de má morte, uma cave irrespirável de suor e de miséria e do cheiro do caril, com vaqueiros a galoparem, atrás do som dessincronizado dos cascos, no lençol do écran. A pensar em África, amados irmãos, e na vivenda com piscina que se resumia ao tanque de lavar roupa com um fundo de chuva dentro apodrecendo no capim ao lado da rulote em que mor vamos, comprada ao circo falido que depositava as girafas e os leões nos penhoristas da cidade, bichos gastos como cotovelos de sobretudo estendidos nas vitrinas entre pulseiras e despertadores, ou palhaços pobres nas estantes das montras a sorrirem para nós enormes gargalhadas melancólicas.

Portanto oiço o ruído da cadeira de baloiço e os diversos, estranhos, múltiplos, ínfimos barulhos da casa, passinhos de carocha no silêncio, a agitação das traças, o ressonar dos hóspedes, escuto a manhã que chega, ainda escuro, no reboliço dos pássaros nos caboucos vizinhos, enquanto aguardo que as mulheres trepem, encosta acima, das discotecas de vodka marado do Bairro das Colónias e da Luciano Cordeiro, que entrem na pensão tontas de vinho falso, que passem por mim sem me notarem sequer, a fim de estender o braço para a última, para a mais bêbeda e sonolenta e desprevenida de todas, a espalmar contra os relevos do balcão, lhe levantar as lantejoilas da saia e lhe lavar as coxas, à força, numa energia de arado, à medida que a cadeira oscila no soalho, para trás e para a frente, a palhinha do assento, até os meus arrancos terminarem ao mesmo tempo que os



suspiros do pau, ela alisar o vestido num som de cravos de papel que se mistura com o das asas dos pombos, e eu me afastar, compondo a braguilha, para enxotar o focinho do primeiro cão vadio, surgido da noite a espiar da soleira, no jazigo da Residencial, as múmias adormecidas dos hóspedes.

Nem cinemas nem piscina: apenas um barraco em pedaços entre os pedaços de barraco que cercavam a antiga cidade colonial dos mercadores de negros, e a minha mulher, trinta e um anos e seis meses mais nova do que eu, trocada ao meu compadre por um bilhete de avião para Lixboa: Ficas com ela e a mobília e dás-me o papelinho da passagem. O meu compadre, acorçado na almofada em feitiço de bóia de aliviar as fístulas, mediu a rapariga, hesitante, e depois fitou-me a mim, desconfiado: Com tanta gente a embarcar agora deve haver negócios do camandro na Europa. E acabou por dizer que necessitava de três dias para se aconselhar com uma sobrinha que deitava cartas e previa eclipses, e que entrementes, a fim de pesar o valor da transacção, levava a minha esposa à experiência dado que sei lá se ela sabe de costura, sei lá se ela sabe cozinhar. Ainda não é maior nem tem doenças, animei-o eu, demorei um tempo dos diabos a ensiná-la a obedecer, faz tudo o que lhe ordenares, passa a roupa a ferro, conhece receitas indianas, ajuda-te a vender os manipansos, aonde é que aos oitenta encontras gaja assim?

Ao cabo de três dias (chovia embora não fizesse um calor por aí além, somente o êxtase taciturno dos narcisos e os quinhentos milhões de mosquitos habituais a picarem-me as orelhas) bati-lhe de manhãzinha cedo no zinco após chapinhar as sandálias por duzentos metros de beco: pelo menos meia hora aos socos no metal ondulado até o meu compadre gritar Quem é? dos fumos pantanosos do seu sono. Pelas frinchas das placas suspeitava-se a escuridão do interior, repleta da bronquite das galinhas e das pessoas que dormem, esmagadas pelo peso dos móveis. Piei Sou eu, no momento em que a chuva aumentava de intensidade, o céu cheirava a enxofre e a alho seco, e os pedregulhos dos primeiros trovões

explodiam a rolar nos telhados de palha. Abre a porta ao teu marido, comandou o meu compadre cuja voz aumentava com o sifão do vento, e dali a pouco o trinco correu na bainha empenada, a moça surgiu, descalça, com uma caçarola na mão, e lá estavam os quase nenhuns trastes de sempre a ganharem sargaço pelos cantos, molduras de arame com cromos de atrizes em fato de banho, as bugigangas de artesanato cafre que ele impingia de café em café e de esplanada em esplanada, os galos de loiça, a pia quebrada e o meu compadre a transpirar na cama um odor de cabedais velhos, de pupilas desfocadas pela miopia da febre: Apanhei uma carga de paludismo lixada, desde ontem que ando à rasca com os vómitos. E a minha mulher, calcule-se, filha de comerciante branco, filha do dono da única cantina num quilómetro em redor, ajudando-o com pachos frescos no peito e na testa, muito mais submissa e solícita do que em qualquer ocasião o foi comigo, mesmo no inverno passado quando me torci seis dias no colchão para espremer umas pedrinhas da bexiga, a limpar-lhe maternalmente, a ele que podia ser seu bisavô, as gotas da pêra e do bigode, grande vaca. Entrega o bilhete ao homem, Lourdes, disse o meu compadre do seu fosso de agonias, e a branca enfiou o cotovelo num pote, remexeu sons de chaves, e avançou para mim no andar de bicho sem raça com que pela primeira vez a vi, caminhando dos coentros do quintal para o pré-fabricado do pai, alta, loira, forte, uma égua grande e dócil que trepou dois degraus furtados a uma escadaria de galé, uma cabrona de cesta na dobra do braço a sumir-se em casa sem me olhar e que deixou uma espécie de gás de aquário a ferver-me nos ossos, um aturdimento, mãezinha, como o de agora, ao estender-me a passagem, embrulhada naquilo que de perto reparava ser uma toalha tal como reparava no corpo nu por baixo, no peito largo, na barriga lisa, na espuma arruivada dos pêlos. Um pato invadiu o compartimento e tentou alçar-se sem êxito, tombando sempre, para uma cadeirita de lona esfarrapada, com tiras de ráfia nos apoios dos braços. Se já tens o papel para Lixboa vai-te embora, chiou o meu compadre dos cobertores onde se dissolvia

em madeixas alagadas, ainda mais magro e mais escaveirado que o costume, e eu pensei, sem parar de admirá-la, a avaliar-lhe a musculosa serenidade dos ombros e do púbis, Quero voltar atrás com o negócio, que coisa, quero agarrá-la pelas crinas e levá-la comigo. Magiquei melhor, disse ao doente, quem fica a perder com esta troca sou eu, e o meu compadre sentou-se nos lençóis, danado, com um pacho a escorregar-lhe da bochecha, espetando em mim os olhos irrevogáveis, vermelhos e miúdos, baços da aflição da malária e dos incontáveis anos que tinha, esquelético, frágil e inesperadamente enorme na inconcebível pequenez dos seus membros, Entrega ao teu marido o que se combinou e chega aqui, e a minha esposa poisou o bilhete numa ponta da mesa e aproximou-se fascinada por aquela voz sem quebras de pardal altivo até quase encostar os quadris à orelha do homem. O pato grasnava em pânico, com uma das asas entalada na lona, saltitando de bico aberto sem lograr libertar-se. Havia sapatos, cafeteiras amolgadas e caroços de manga pelo chão, cuecas de renda, varetas de leque, caixas de botões. Tens que apresentar-te no aeroporto esta noite, avisou o meu compadre a abanar-se de tosse, já conferiste por acaso a hora do embarque? E ela, a parva, a compor-lhe as almofadas, a acender os bicos avariados do fogão, a preparar-lhe um chazinho de ervanária, a mover-se através de dunas de detritos numa familiaridade conjugal que me expulsava. O pato conseguiu livrar-se das correias da cadeira e escapou-se para debaixo da cama num menear ofendido. A chuva pingava nos cobertores, pingava na minha cabeça, pingava na rapariga e no velho e no pato que me fixavam em uníssonos com a mesma hostilidade ou indiferença, e alcancei o avião (chovia sempre) no momento da última chamada, Por esta porta aqui, fazem favor. Segui a pé, de sombrinha aberta, na direcção das escadas que os relâmpagos mostravam para tudo recair depois numa noite triste e enervada. O aparelho correu ao longo da pista quase sem luzes e ergueu-se acima da nódoa opaca do mar. Quer dizer: não se topava o que quer que fosse salvo o reflexo de nós próprios nas janelas mas eu sabia que

era o mar, e recordei-me de quantas vezes, em pequeno, olhei aquelas ondas a lembrar-me de Goa.

Um padre missionário transportado por um batel perdido e a quem o escorbuto e a mal ria emagreceram como um abissínio sem poiso casara-os cinquenta e três anos antes, já na Guiné que se limitava então a um amontoado de casas no estuário do rio, muitas delas de madeira e de capim, com meninos e jacarés brincando com as mesmas rocas nos mesmos berços de bordão, em torno do palácio do governo e de uma ermida sem majestade. As gibóias engordavam na humidade dos lagos, e a senhora de luto que lhes alugara o quarto levava o dia com um pé calçado e o outro descalço, de botina de verniz no ar, achatando melgas nas paredes. Aos domingos, quando os corpos se procuravam e tocavam nos lençóis musgosos de calor, o caminhar desigual da dama no andar de baixo, entre centenas de pêndulos desencontrados, e os estalos vingativos da sola nos muros de tijolo, acabavam por lhes desanimar a vontade e os fazer sair para a rua, cegos de luz, a sentarem-se nos bancos de uma praceta de mangueiras anãs, cujos troncos definhavam na névoa do cacimbo. Ou vinham até ao cais, empurrados pela curiosidade tatuada dos indígenas, assistir ao atracar sempre idêntico dos navios de emigrantes, gente escura de Trás-os-Montes ou da Beira, céreos na morrinha cérea da tarde, que desciam do convés na lentidão processional dos enterros. No decurso desses cinquenta e três anos construíram-se mais umas dezenas de capelas imediatamente em ruína, um bairro para os operários da fábrica de sonetos gongóricos e para os cronistas desempregados que catavam cedilhas da barba, e um sistema de esgotos eternamente entupido por embriões de sapos. A criatura dos mosquitos finou-se da vesícula e os insectos passaram a circular em liberdade, apesar das osgas, do esquentador avariado para a cantoneira da cozinha, de medalhão de esmalte (meninas e faunos a almoçarem num prado) sob as garrafas de Porto. O piso inferior foi primeiro ocupado por um vedor da fazenda, que negociava à socapa das polícias do reyno

em irmãos siameses e miudezas de estanho, a seguir por um poeta de cabeleira empoada e sapatos de presilha e tacão alto que se gabava de ter sido amigo do glorioso defunto Manoel Maria Barbosa Du Bocage, eu que vi nascer nos botequins do Rossio os mais belos improvisos do meu tempo, e depois, já na época da guerra, por oficiais roídos de febre intestinal que de dois em dois anos mudavam de cara e de galões e regressavam da mata com um fungo de pêlos nas bochechas, porque todos emagrecíamos na Guiné nessa época, mesmo as araucárias, mesmo as ondas de alumínio do mar, mesmo o vento nos algerozes dos prédios, reduzido a um pifarozinho cristalizado. A violência das explosões dos morteiros, das bazookas e dos canhões sem recuo estremecia as lagunas de Bissau, sobrepondo-se aos relâmpagos de março. À noite grupos de colonos de pistola percorriam as travessas amedrontando as sombras, as negras apequenavam-se nas cubatas calando os filhos com os peitos chochos, e eles nunca mais se sentaram aos domingos, inchados de desejo reprimido, no banco da praceta das palmeiras: demoravam-se em camisa pelo quarto, desocupados, sem destino, borbulhosos de melgas, a fitarem com desgosto o leito coxo ou a janela para o cais onde em vez de colonos atracavam agora paquetes e caravelas de soldados, com a mesma inocência espantada na infância dos olhos. Uma noite escutaram por acaso na telefonia, num vendaval de assobios, a revolução de Lisboa, notícias, comunicados, marchas militares, a prisão do governo, canções desconhecidas, e no dia imediato a tropa parecia menos crispada, os bombardeamentos rarearam, pretos de óculos flamejantes e camisas de feriado instalaram-se nas esplanadas e nos largos no lugar dos brancos. Convocaram-nos para uma reunião no Cine Theatro das zarzuelas estafadas e das récitas dos bombeiros, onde um coronel de artilharia, com uma tripla fita de condecorações na clavícula, subiu ao palco em cujo fosso a orquestra desafinou entusiasticamente o hino, e lhes ofereceu de mão beijada, numa generosidade inexplicável, a possibilidade gratuita de tornar a Portugal. Uma vizinha de ouro nas cáries, divorciada de

um agrimensor que media a palmo, de joelhos, ribeiros e colinas, enganado nas contas pela quietude mineral dos crocodilos, narrou em pormenor que haveria vinganças, fuzilamentos, tiroteios, buscas. Os oficiais de tripas puídas debandaram do andar de baixo e tomaram o avião para a Europa. Batalhões completos, convulsos de amibas e lombrigas, com os furriéis a cabecearem de doença do sono logo após a charanga e a bandeira, alçavam-se para navios ferrugentos carregando as suas armas e os seus mortos. Guerrilheiros descalços, de camuflado, colares ao pescoço e bafo canibal de gato selvagem, passeavam-se nas escadinhas da cidade chacinando mulatos à baioneta. Um negro barbudo, autoritário, de cachimbo, que lhes não dava os bons-dias sequer, ocupou o rés-do-chão protegido por uma matilha de antropófagos de boina, a cuspirem sem cessar catarros prepotentes que assustavam no aparador o serviço de xícaras com pagodes de Macau da senhoria defunta. Corrida uma semana voltaram a convocá-los para o Cine Theatro e garantiram-lhes passagens para o reyno depois de horas de explicações confusas, no decurso das quais três majores em uniforme de combate, postados atrás de uma mesa com o escudo da nação, berraram discursos veementes acerca do fascismo que nos matou ao sol de frigideira do campo de concentração do Tarrafal, da censura eclesiástica da polícia que degolou tantas das nossas obras-primas nas tipografias mais recônditas, do colonialismo que até o Papa condenou no discurso de encerramento do Sétimo Congresso Dos Esperantistas Cristãos com as palavras consternadas da nossa preocupação apostólica. A divorciada do agrimensor jurou-lhes que os pretos, irritados pelos estabelecimentos vazios, coziavam a lume brando, em fogões de campanha, as crianças da cidade. O sabão e o tabaco deram em faltar nas mercearias de forma que fumavam folhas de amoreira e páginas de herbário, e raspavam com lixa de bate-chapas a fuligem dos dedos. As naus aportavam vazias e partiam cheias, convexas de gente e de caixotes. Bissau despovoava-se de brancos e o início da estação das chuvas encontrou-os sem saber o que fazer numa terra de selvagens triunfais

que estilhaçavam à metralhadora os postigos das fachadas. A do agrimensor, na altura ocupado a calcular em polegadas a fronteira da Costa do Marfim, deixou de procurá-los com os seus avisos de cozeduras e vinganças, e vieram a saber que se amancebara com um guerrilheiro pintalgado de Bolama, repartida com mais duas fulas numa cubata malcheirosa, a tramar castrações e garrotes. Um amigo da fábrica de sonetos gongóricos, chamado Jerónimo Baía, descreveu-lhes acontecimentos medonhos, sodomias, envenenamentos, rimas cruzadas, réguas de prisioneiros de algemas enxotados à coronhada para o mato. E quando o chá acabou e mergulhavam diariamente na água fervida o mesmo saquito sem sabor dependurado na extremidade de uma guita, a esposa, de costas para ele, anunciou-lhe na serena voz habitual com que enterrara, trinta e oito anos antes, a filha criança, Já não pertença aqui.

O marido olhou pela janela as lagunas de enguias de Bissau, o estuário deserto de pesqueiros, os telhados em que cantavam as guitarras sem cordas dos trovões, e viu reflectido no vidro um velho que demorou a reconhecer porque apenas se confrontava no espelho para a barba sumária dos sábados e prestava mais atenção aos lenhos do queixo do que à calva, às rugas e outras marcas e devastações do tempo, esticando a pele de iguana do pescoço com os beliscos dos dedos. A crueldade dos anos magoou-o como um castigo injusto e ao voltar-se para encarar a mulher, sugando das gengivas uma remota saudade de chá, indignou-se de novo ao verificar, espantado, a erosão sem cura que o tempo provocara nela também, avariando-lhe as pernas de um mármore de varizes, aumentando-lhe as pálpebras, dissolvendo a cintura, e admitiu com desgosto que Já não pertencemos nem sequer a nós, este país comeu-nos as gorduras e a carne sem piedade nem proveito uma vez que se achavam tão pobres como haviam chegado. Nessa mesma tarde subiu aos damascos rotos e óleos de defensores do reyno do palácio do governo, esperou numa enorme cadeira de dignitário, no meio de dezenas de brancos e mulatos, que lhe pronunciassem o

nome e um funcionário de jaqueta e punhal o recebesse na cave do edifício, atulhada de flippers e de mesas de bilhar desfeitas, e pediu, ao cabo de um silêncio difícil, dois lugares de porão para Lixboa. Ao entrar no quarto a mulher, instalada na ponta da cama, consertava o carrapito com uma multidão de ganchos. De modo que a avisou, mergulhando num púcaro a bolsinha do chá para o fim do almoço, Daqui a doze dias temos navio para a Europa.

No decurso desse período choveu sem parar um temporal que harpejava cravo no telhado das gelosias. O vento desordenava os galhos das mangueiras desorientando o azimute dos pássaros, e os derradeiros soldados partiam curvados sob as guinadas da água. Pólipos e cogumelos minúsculos rebentavam nas pregas dos lençóis, nos chinelos esquecidos, na trança das lâmpadas, na fotografia muito antiga de um casal de noivos contra uma paisagem de abetos: nós dois, eu de sobrecasaca e tu de véu, há tantos anos que não se distinguem os rostos, ainda que me lembrasse do bigode do fotógrafo a desaparecer nos panos da mquina e da mão de afogado, de anel de pedra vermelha no indicador, que acenava aflitivamente para nós que Pelo amor de Deus não se mexam agora, olha o passarinho, já está, e eles embaraçadíssimos diante daquele bicho estranho, assente em três patas junto ao balde de zinco do revelador.

Se os brancos diminuían, os pretos, em compensação, aumentavam nas casas atoladas nos caniços dos rios. Ocupavam as casernas que a tropa deixara, aliviada do peso da guerra, e enfeitadas de frases bélicas e de gravuras de mulheres de ligas, de pescoços opalinos como abajures arte-nova; acomodavam-se nos bancos de jardim, indiferentes à chuva, com as automáticas checoslovacas nos joelhos, caçando cães para o almoço; postavam-se de sentinela nas esquinas, a beber permanganato de garrações de botica; entravam e saíam nos cretones do palácio do governo, pisando com desdém as lajes do poder. Os escarros dos antropófagos do barbudo assobiavam raivas e ordens no piso



inferior, exactamente por baixo das nossas nucas deitadas, e a mulher disse Não pertença aqui num sussurro que provinha do interior da sua desilusão e da sua miséria, e repetiu baixinho Não pertença aqui na exacta voz da noiva do retrato. Um grande paquete claro aproximava-se do cais a ameaçar destruir Bissau com o gume da proa onde uma sereia esculpida, de bacia gigantesca, separava a espuma com a lã doirada do sexo: Não somos de parte alguma agora, respondeu o marido a designar o barco coroado de flâmulas, de emblemas reais, do estandarte do almirante Afonso de Albuquerque no topo do mastro principal, custoso de distinguir sobre as cornijas, os guindastes, as gruas e os repuxos de agulhas das palmeiras. Embrulharam a fotografia do casamento e o cofrezinho de cisnes de madrepérola em que se acumulavam recordações milenárias (um anelzito de safira, uma chupeta, medalhinhas de Fátima, um perfil magro de menina), o homem enfiou o dinheiro que sobrava nas meias por lavar, e deitou-se em ceroilas, consciente da chuva que lhe turvava o sono, a pensar no veleiro que os haveria de transportar para a Europa, de cordame bambo sob as nuvens escuras pesadas de adamastores e humidade. Como habitualmente nas últimas noites a esposa permaneceu horas a rebolar as cataratas no quarto lembrando-se dos jacintos do funeral da filha, presa aos ferros da cabeceira pelos tendões dos pulsos manchados pelas sardas da velhice. Não te esqueças da minha costura, foi a última coisa que o homem lhe ouviu antes de se submergir numa geleia de coma onde flutuavam miragens do passado exumadas das trevas. E na tarde imediata, seca apesar da grafite do céu, acotovelaram a multidão de negros que se amontoava no cais na esperança de barris de peixe ou das consolas e armários que os estivadores desprezassem. Devido à ausência da chuva albatrozes e cegos albinos surgiam das furnas dos vagões para girar sobre as fragatas num rodopio de brados. As pedras do porto luziam de água ou remexiam-se de medusas, e assaltou-os a impressão de distinguir o vizinho barbudo dispersando pretos com a pistola a fim de desimpedir a escada de acesso ao tombadilho,

que uma feira de passageiros tão idosos quanto eles trepava amparada aos corrimãos sebosos. O mar espessava em torno das hélices uma baba que excitava a gula dos cegos e dos pássaros. As mangueiras e as palhotas de Bissau desapareceram das vigias. Grumetes de camisa às listras marinavam pelas vergas desfraldando a lona de circo das velas. A mulher, no colchão inferior do beliche, apoiava o cotovelo na mquina de costura que uma bainha de serapilheira protegia do rescaldo das ondas. Depois de três meses de viagem um solzinho cor de pêssego despontou no meio do granito das nuvens e daí a nada avistaram o contínuo fervedeiro de mercado sírio de Lixboa a pular na distância, muralhas de castelo, fogueiras de judeus, procissões de flagelados, um trânsito simultâneo de carroças de escravos, cruzadores e bicicletas. Senhoras de sorriso inalteravelmente bondoso, com distintivos de metal na lapela, distribuíram-nos por autocarros de pára-brisas de três dioptrias que estacionavam no cais e que seguiram, ao longo das manias dos eléctricos e das demoradas defecações das mulas dos coches, até ao vestíbulo de um hotel de cinco estrelas perto de um liceu conventual e de um renque de acácias moribundas, e a cujo balcão se procedia, à esquina de sofás habitados por finlandeses de calções de praia, à distribuição cantada, de lota de peixe, das suites.

Após cinquenta e três anos num cubículo de Bissau sofrendo mosquitos e cacimbo era-lhes difícil imaginar o ilimitado tabuleiro de damas do chão de mármore, as tapeçarias de hibiscos nas paredes, grooms disfarçados de hussardos das invasões francesas, portas que se descerravam sozinhas no silêncio misterioso das estrelas-do-mar. A cabina espacial do elevador, acostumado a assobiar de leve por órbitas de cometas, depositou-os numa espécie de corredor de basílica com os vãos dos altares laterais numerados a algarismos de prata. Na cama que nos ofereceram, tão grande como os areais de Bolama, focinhos de tubarão navegavam na goma dos lençóis. Uma banheira pontifícia ocupava a sacristia de azulejos do compartimento vizinho, ao lado da escultura de uma sanita de Henry Moore só

para eles, nós que em África partilhávamos a nossa intimidade com a intimidade dos restantes hóspedes, contendo a flora do intestino à espera do autoclismo de quem se nos antecipara na urgência das necessidades. Para lá das cortinas vermelhas e brancas percebiam-se os edifícios de Lixboa, flechas de igreja, os quarteirões isolados da peste, jardimzinhos exíguos e o céu, liberto das nuvens de tempestade da Guiné, em que subiam e desciam santos de túnica e mãos postas que o sol doirava de uma poeira de talha. O velho deixou a fotografia de casamento numa cómoda ducal sem se atrever a confrontar a noiva do retrato, de corpete de barbas de baleia, com a septuagenária de cabelo sem viço de que conhecia os tiques e os gestos até à quase absoluta inutilidade das palavras. E no entanto, amolecido numa almofada de toucador cujos espelhos o reproduziam numa repetitiva náusea intolerável, palpou-se longamente para se convencer da sua própria idade, tomando consciência dos molares que faltavam, dos músculos que obedeciam em guinadas dolorosas, do rosto devastado pelo clima da Guiné desde que aos quinze anos o pai o enviara para os trópicos aos cuidados de um primo sargento que se decompunha de aguardente e de sífilis numa guarnição de fronteira. Agora o casal do retrato tornara-se numa aguarela de iodo e nós em múmias sem préstimo espantadas diante das dezenas de garrafinhas do bar do apartamento, expostas em prateleiras de mogno na imobilidade inquietante das peças de xadrez. Ao escurecer entraram a medo na nave de mosteiro de Alcobaça da sala de jantar enfarpelados com a roupa que escondemos, no decurso da viagem, numa maleta de linha: a minha mulher com o vestido pré-histórico do seu antigo emprego de caixeira numa loja de fivelas, e eu com o fato de bandas largas, à Al Capone ou à dançarino de tango, estreado no baptizado da nossa filha juntamente com a gravatinha ridícula, do diâmetro de um atacador, que procurava inutilmente unir as metades de um colarinho sem botão.

Colocaram-nos na mesma mesa que três fazendeiros de Carmona que carpiam o café

perdido e a lembrança das prostitutas da Muxima, um caçador de hipopótamos capaz de sobreviver séculos, sem um gesto, nas margens dos rios mais inclementes, e um faquir goês de perinha ascética que mastigava parafusos e roscas, a aperfeiçoar bolas de pão nos espargos dos dedos. Ao servirem a sopa um gordo de laçarote subiu o tamborete de um piano eléctrico, puxou os punhos com os anéis dos dedos e acompanhou a canja a semifusas. Escudeiros de travessa na palma bailavam nos intervalos dos aparadores. Os alões de caça do infante D. João devoravam lebres pelos cantos. E o marido deu consigo a reparar, espadeirando contra o caldo, que quase todas as senhoras traziam cintos ou mantilhas ou saias vermelhas e brancas onde se reiterava o estampado das cortinas. Nalgumas dependuravam-se ainda as argolas de lata dos reposteiros tilintando os seus sininhos sem júbilo, e que as raparigas mais novas, pegas da tropa, desaforadas filhas de chefe de posto ou alunas de colégio de freiras que os motoristas dos conventos transviaram, usavam perfurando-lhes o lábio ou o septo do nariz, como quando as conheci nadando em redor dos veleiros num alarido de pasmo. Quase no fim da salada de frutas de conserva sul-africana que os pára-quadistas desmobilizados deixaram a fermentar nos armazéns da Manutenção de Lixboa sob peças de fardamento, cruces de guerra e catapultas, um tenente de cabelos ralos, penteados desde a nuca numa minúcia de ourives, atravessou as tapeçarias de hibiscos a fazerem o pino e de alicornes monstruosos da sala cumprimentando aqui e ali, recomendando detalhes aos criados, e após conversar um momento com o artista das colcheias, que se abanava com um lenço afectado, adaptou o microfone à sua altura, soprou-lhe um hálito disforme, disse Um dois três experiência, batucou com o indicador numa saraivada de pedras, segredou ao pianista do laçarote que se desfez que sim e suspendeu as mãos sobre o teclado num acorde militar, e então uma voz divina, imensa, autoritária, nascida não só das madeixas complicadas do tenente mas de todos os pontos da sala, das cantoneiras, dos jarros de florinhas, das pipetas de remédio

sobre as toalhas e dos beijos dos animais fantásticos bordados na trança dos muros, uma voz de garagem ou de despenhadeiro do tamanho dos bombardeamentos e dos temporais de Bissau, informou com ferocidade, damas e cavalheiros, informou com pompa, senhoras e senhores, que se encontravam no Hotel Ritz por pura benevolência paternal das autoridades revolucionárias preocupadas em zelar pelo conforto e tranquilidade dos seus filhos até o Estado democrático, nascido, com a ajuda da parteira mão castrense, do ventre putrefacto do totalitarismo fascista que durante tantos decénios nos garroteou e oprimiu, conseguir casas ou pré-fabricados ou apartamentos nos bairros económicos para as vítimas da ditadura felizmente extinta, e que em nome, camaradas, da luta de classes e da construção do socialismo dirigida pela vanguarda política do exército, passariam a ser punidos com a força, a decepção da mão esquerda, a extracção de vísceras pelas costas ou o degredo em Macau, os intoleráveis abusos de assar sardinhas nos lavatórios, engasgar os ralos com tornozelos de faisão, cozinhar refogados e fritos nas cerâmicas dos chuveiros, vender as torneiras, concebidas por arquitectos franceses, nos antiquários caquéticos da Rua de São Bento, assim como servir-se das cortinas estampadas do hotel, repito, servir-se das cortinas estampadas do hotel para blusas e adornos, tenho dito, de barregã de moiro.

Depois do jantar, no quarto, o homem, debruçado da magnificência presidencial da janela a que apenas faltava uma colcha e um discurso, confrontou-se pela primeira vez com a noite fosca, de carvão de escape, de Lixboa, sob a forma de um parque a descer para uma praça redonda, e de árvores que se aglomeravam ou separavam de acordo com a atmosfera inexplicável dos sonhos, surpreendendo-se de não encontrar cubatas nem missões de noviças famélicas, e da ausência do odor de fémur bichoso da mandioca nas esteiras. O halo das lâmpadas da rua impedia-o de distinguir o céu onde os lagos palustres da Guiné transbordavam de peixes estranhos, guerrilheiros e caniços, ocultos pela neblina do cacimbo. Veio-lhe à cabeça a frase da esposa, Já não pertenço aqui, e pensou que na idade

de elefantes deles, reformados, sem dinheiro, sem família, sem móveis, dependentes de uma pensãozinha que não lhes entregariam mais, perdida nos escaninhos burocráticos ou nas gavetas do palácio dos pretos, em que mariposas e vespas se multiplicavam no interior dos armários e os fuzilados se afundavam nas dalias dos jardins, nada lhes sobejava para além de si próprios, da máquina de costura suturando o tempo, do cofre de embutidos que sei lá onde pára, olha que coisa, e do bom senso de morrer, de engolir a embalagem completa das pílulas calmantes que o médico dos fuzileiros lhe receitava contra a enxaqueca dos pesadelos, umas pastilhas que sabiam a cré e possuíam a virtude de despenhar uma pessoa nas águas sem limites do esquecimento completo. Preparava-se para perguntar à mulher Onde meteste a maçada do remédio que o não vejo, que é da gaita dos comprimidos da ausência total, quando a escutou de dentro a chamá-lo dos damascos absurdos, das sedas incríveis, das almofadas da avestruz e dos móveis sem preço riscados a canivete por hóspedes pretéritos, e a encontrou de pé, numa postura vitoriosa, apoiando a mão na máquina de costura ferrugenta, cercada por um emaranhado de fios, pedaços de colcha, fatias de reposteiro e sobras de cortina espalhadas ao acaso no soalho. Vestia uma blusa e uma saia vermelhas e brancas, idênticas às das restantes hóspedes, e um cinto em que se entrançavam, como nos truques dos ilusionistas, os aros de latão das janelas. O seu sorriso era pelo menos tão alegre, malicioso e jovem como na época da fotografia de casados e das primeiras horas de dificuldade e aflição no desassossego dos lençóis:

- Convidaram-me para um churrasco de gato na casa de banho do andar de cima, disse ela a apontar o sapo de baquelite do telefone prestes a mover-se a custo ao comprido de um tampo de verniz. Queres vir?

O primeiro amigo que fizeram na Residencial Apóstolo das Índias dormia três colchões adiante, chamava-se Diogo Cão, tinha trabalhado em Angola de fiscal da Companhia das Águas, e quando à tarde, depois da mulata partir para o bar, se sentava

comigo e com o miúdo nos degraus da pensão a ver nas ripas dos telhados o fresesim das rolas, anunciava-me, já de voz incerta, beberricando de um frasco oculto no forro do casaco, que há trezentos, ou quatrocentos, ou quinhentos anos comandara as naus do Infante pela Costa de África abaixo. Explicava-me a melhor forma de estrangular revoltas de marinheiros, salgar a carne e navegar à bolina e de como era difícil viver nesse árduo tempo de oitavas épicas e de deuses zangados, e eu fingia acreditá-lo para não contrariar a susceptibilidade das suas iras de bêbedo, até ao dia em que abriu a mala à minha frente e debaixo das camisas e dos coletes e das cuecas manchadas de vomitado e de borras de vinho, dei com bolorentos mapas antigos e um registo de bordo a desfazer-se.

De manhã, enquanto a mulata dormia anestesiada de anis, rosnando de quando em quando palavras de sanzala, eu procurava emprego nas redondezas a fim de satisfazer os juros dementes do gordo: oferecia-me de aprendiz no martelar satânico, de sangue nas têmporas, das oficinas de serralharia, ou de marçano nos talhos de Bâcoros esventrados, de pestanas loiras de menina; tentava provar a capatazes de bóina aos quadrados que era tão dextro como os cabo-verdianos das obras a furar à picareta o alcatrão das ruas, ou convencer os inspectores sanitários, de bafo de lula doente, que governava melhor os urinóis municipais do que os reformados trôpegos que despejam cartuchinhos de soda cáustica em regos de pedra onde uma espuma leveda e borbulha. A pouco e pouco, com o garoto a trotar-lhe nos fundilhos, alargou a sua busca inútil a zonas mais distantes da cidade, perto do bairro da lepra onde as carroças da Câmara moíam os eixos todo o dia; propunha-se para desocupar as valas comuns dos cemitérios das cartilagens incómodas dos mortos; queria à viva força, de boné de pala nos olhos, guardar cachalotes de automóveis nos parques junto ao rio, patrulhado pelas escunas do reyno, a vê-los transformarem-se lentamente em corvetas; esquadrihava os becos do Cais do Sodré, mendigando trabalho aos porteiros-valetes-de-espadas das boites de putas; almoçava bolos de arroz em leitarias

solitárias com uma única mosca a teimar sobre o balcão; passava um chupa-chupa de tangerina ao miúdo e trepava aos miradoiros a impingir-se de guia para traduzir aos alemães o panorama de capoeiras humildes e de miséria tranquila de Lixboa e os gatos que lambiam o sol que lhes poisava na garupa; solicitava, quase de graça, o emprego de levar bofetadas dos mímicos do Coliseu à medida que os trapezistas rodopiavam a cintilar na cúpula, desprendendo nuvenzinhas virginais de talco; e acabava por tornar, desalentado, à Residencial, por roçar um beijo distraído na mulata que descia a colina coberta de escamas sumptuosas, por atravessar o vestíbulo onde o lumbago do senhor Francisco Xavier, padroeiro de Setúbal, gania como um metrónomo na cadeira de baloiço, e por se sentar finalmente nos degraus ao lado do navegador ébrio, que riscava no chão, com um pauzinho, a latitude provável das ilhas por achar.

Da escada assistiam não apenas à chegada da noite que diluía as gaiolas e ressuscitava os cães mas à partida do bando de tágides de lamê que a mãe do indiano enxotava, pela erva da encosta abaixo, na direcção das discotecas de Arroios, da fachada da Morgue e do lago de patos do Campo de Santana, deusas magras aos tropeços nos seixos e nas raízes da terra perseguidas pelos filhos de umbigo ao léu que as chamavam, que desistiam, que entravam na pensão como os cachorros regressam, derrotados, aos portões das quintas, e a minha esposa cambaleava entre elas no exagero dos saltos, estropiando sem remédio os sapatos doirados que o gordo me obrigava a pagar para aumentar a dívida e a manter eternamente ligada aos seus impiedosos compromissos de chulo, de forma que o meu débito crescia sem cessar com a força dos pêlos do nariz e das plantas sem nome dos telhados, até que o fiscal da Companhia das Águas me somou o dinheiro em atraso com os olhos de quem conta draga-minas no horizonte, Faz tanto, e me aconselhou, a mamar da aguardente da garrafa, A única solução é espetares uma faca na barriga desse preto que com o corpinho da tua patroa já comprou dois prédios na Morais Soares e o trespasse de uma



mercearia na Penha de França, o camelo cada vez mais rico e eu reduzido aos meus cálculos de ilhas e aos meus diários inúteis num reyno onde os marinheiros se coçam, desempregados, nas mesas de bilhar, nos cinemas pornográficos e nas esplanadas dos cafés, à espera que o Infante escreva de Sagres e os mande à cata de arquipélagos inexistentes à deriva na desmedida do mar. Afastávamos a medo os reposteiros da sala e ele logo

Descubram-me os Açores, e a gente descobria-os, Encontrem-me a Madeira, e a gente, que remédio, encontrava-a, Encalhem-me no Brasil e tragam-mo cá antes que um veneziano idiota o leve para Itália, e a gente trouxe-lhe ao Algarbe, onde ceava no meio de uma roda de physicos e bispos, esse monstro esquisito de carnavais, papagaios e cangaço, de tal jeito que ao vê-lo, assim estupidamente enorme, arrastado por dezassete galés e mil e quatrocentos pares de bois, isto sem contar as mulas e os escravos mouros, se apartou dos seus e nos perguntou baixinho, ca hera homem avisado e de bom entendimento, Para que quero eu tal coisa se já tenho chatices que me sobram?, de modo que nos ordenou que o puséssemos, durante a hora da sesta, onde o tínhamos achado, sem conservar um papagaio sequer, e nos esquecêssemos logo da pelagra e dos mortos que padecêramos para lho dar, e ao pajem que interrogou, apontando a janela, Senhor, que nação é?, respondeu sem hesitar, na sua voz rouca de almirante ancorado que era um banco de areia da baixa-mar, meu palerma que nem o litoral conheces, e com muita Ave-Maria e muito trabalho obedecemos ao que nos disse, ou seja puxar o Brasil de volta para a América e quem viesse depois que se tramasse com aquilo, só que não conseguimos conter os papagaios inverosímeis que voavam aos gritos nos largos de Lixboa na agitação colorida das toalhas de banho.

Papagaios no galo de ferro do catavento da cathedral, nos chapéus em bico das aias, nas ameias de Óbidos e no topo dos pénis erectos, papagaios que conversavam numa linguagem de emigrados semelhante à das mulheres da Residencial descendo, com a noite, para Arroios, onde as esperavam tacinhas de álcool de farmácia e monólogos ridos de

velho, vinte ou trinta sereias a ondularem brilhos de sável e cabelos platinados nas trevas, o rebanho do padroeiro de Setúbal que fumava o seu charuto tranquilo, instalado atrás de nós na cadeira do vestíbulo. Dois prédios na Moraes Soares e eu sem jantar, pensou Pedro Álvares Cabral, raios partam a liberdade se a liberdade é isto, quero mas é os meus cabarés de Loanda e as minhas auroras sarnosas de cacimbo, quero os meus musseques de desgraça, quero os meus cheiros de esterqueira de África quando não tinha fome nem vergonha. O miúdo, envolto numa aura de laranja açucarada, lambia um chupa-chupa solene, Diogo Cão bamboleava de sono no interior do sobretudo gasto de funcionário público com ordenados em atraso, de maneira que dali a nada teria de transportar o navegador, ao colo, para o quarto de respirações xaroposas e de enfisemas de pacaça, à espera que a mulata assomasse com o apagar das luzes, se desembaraçasse das vertiginosas lantejoilas do decote, se estendesse na cama com o nosso filho e comigo e adormecesse alheia às minhas urgências de macho e às necessidades do meu sangue, e se calhar achatada pelo indiano contra o que sobrava do balcão, Ora anda cá, mais linda, mostra-me o que tens aí debaixo desses paninhos tão queridos. Conheci-a logo a seguir à tropa num baile do Ferroviário, queria ser aprendiz de cabeleireiro, morava em Vila Alice com a madrinha, e namorámos não de branco para mulata mas de branco para branca, os dois sentados, hirtos, respeitosos, dignos, de olhos no chão de terra, num sofazinho diante da vigilância da madrinha que costurava sem cessar, remendando blusões e calças de alferes, com uma cadelita minúscula enroscada nos chinelos. Na parede havia um calendário parado em Julho de mil novecentos e trinta e cinco, daguerreotipos que o bolor devorara, lamparinas de azeite, santinhos, uma ovelha de barro ao centro da mesa a pastar o seu oval de crochet, até eu juntar dinheiro para uma casa na Cuca, meter cinco dias de férias e te levar comigo para uns lençóis como estes em que definho à tua espera, submergido pela bronquite do marujo e por barlaventos e sotaventos que ignoro e me angustiam, por brisas de tempestade, por

promontórios intactos procurados pela tremura exaltada das bússolas. A cadeira de baloiço ganha, as crianças iniciaram o choro do costume no escuro perpétuo da pensão, e vai daí ergui dos degraus, consoante pude, o almirante de ilhas perdidas que babava, numa voz podre, saliva de vinho e canções de grumete, atravessei o vestíbulo com o herói dos oceanos pendurado dos ombros, disse Boa noite ao senhor Francisco Xavier que dançava para cá e para lá a barriga gigantesca, trepei as escadas, despi o embarcação do sobretudo, da gravata, da camisa, e ao enfiá-lo na cama encontrei um papagaio morto a ressequir-se na almofada.

Apesar das saudades de Loanda e da vivenda no Bairro de Alvalade, de jardim a toda a cercadura e vizinhos engenheiros, sem contar o apartamento, quase nunca usado, para férias europeias na Costa da Caparica, Manoel de Sousa de Sepúlveda morava em Malanje, numa casa geminada a cem metros do quartel, a fim de vigiar a chegada das colunas da fronteira: nessa mesma noite soldadinhos de olhos espantados ou tenentes cautelosos haviam de bater-lhe à porta das traseiras (instalado na sala, tenso, de rádio apagado, escutava-lhes as botas na tijoleira do pátio), de segui-lo através da cozinha, do corredor, do arco para as trevas do quarto até ao escritório iluminado de doçuras de oratório, com uma secretária forrada de pano escuro no qual se instalavam por ordem os instrumentos do culto: duas balanças, ganchos, placas de vidro, lupas, frasquinhos de reagente, um microscópio, ferramentas insólitas, caixinhas numeradas. Os tropas retiravam papéis dobrados da carteira e espalhavam no feltro brilhos de pedras minúsculas, trocadas por bisnagas de repelente ou ampolas de quinino aos negros que mergulhavam no rio Cambo em busca dos cristais adormecidos nas areias do fundo. Manoel de Sousa de Sepúlveda, que era calvo e viúvo (a mulher descansava o reumatismo no cemitério do Lobito, com um anjo de mármore funerário, de asas desfraldadas, assente no peito para obviar ressuscitações inoportunas), tombava num banco de laboratório de análises clínicas, acendia um foco mais

diáfano do que o pó-de-arroz das viúvas, cegava o olho esquerdo com uma lupa de relojoeiro, e procedia ao exame litúrgico dos diamantes, quase todos estilhaços de galheteiro ou fragmentos de carvão que afastava com a espátula num adeus de desprezo, enquanto os soldaditos em pânico ou os oficiais de cigarro preocupado no queixo se suspendiam a flutuar dos seus ademanos sacerdotais, mirando aquela missa de reagentes e ganchos, e partindo felizes, se algum calhau desaparecia num estojo de damasco, a caminho da porta de armas do quartel. Manoel de Sousa de Sepúlveda arrumava então a jóia num sacrário escondido por uma cortina de folhos, e aguardava a sexta-feira em que o amigo inspector da Pide, manganão de bigode que carregava nos espirituosos, ia jantar lá a casa o coelho habitual, para lhe passar a camanga que o polícia, depois de sumir a sua comissão nas profundas das calças, enviava à Zâmbia por um portador de confiança, e o careca recebia o chequezinho da Holanda ou da Bélgica mal o cascalho tombava na unha de um primo lapidador emigrado em Amesterdão, com loja de ourives no bairro das mulheres de m fama, aboboradas nas suas vitrinas como Budas de carne. Mas mais importante que as pedras, e cada vez mais importante à medida que o pó da solidão grelava a roupa da defunta nos armários, era apanhar da gaveta o alicate de podar, desprender o chapéu de palha dos cornos de palanca do bengaleiro, esconder a cara, apesar da sombra da aba, nuns óculos de mica, e assistir à hora do almoço, enquanto fingia barbear, em tesouradas de acaso, os buxos do muro, à saída das alunas do liceu que trepavam a rua sem atentarem nele, para desaparecerem em grupos cochichantes nas árvores do jardim público, abandonando atrás de si o rastro afrodisíaco das equações de segundo grau, que os clarins do batalhão vassouravam para longe numa pressa guerreira. Ao tornar à sala as fotografias da morta sorriam-lhe sem ciúme, da consola, a sua enervante compreensão imutável, e a pescada com grelos que engolia sozinho, num cubículo de móveis pesados e escuros como os das abadias antigas, possuía o sabor confuso das lições de gramática. E ficava a dormir

numa poltrona de orelhas sonhando com meninas de treze anos que lhe corriam, nuas, na ideia.

Uma manhã o engraxador do café, de voz rente aos sapatos, a estalar o pano do lustro nas biqueiras, informou-o de que haviam sucedido acontecimentos estranhos em Lixboa: o governo mudara, falava-se em dar a independência aos pretos, imagine, os clientes dos folhados de creme e das torradas indignavam-se. Crescia a frequência das colunas de regresso da Baixa do Cassanje, que perderam o aspecto bélico para se aproximarem da fisionomia pacífica das camionetas de transportes: o engraxador não se surpreenderia de ver berços e pianos a navegarem pelos morros na direcção de Loanda. Manoel de Sousa de Sepúlveda escutou a mesma conversa no barbeiro, no notário, na farmácia, e de atacadores a luzir postou-se de sentinela nos buxos do quintal, de chapéu de palha na cabeça, a observar as casernas da tropa com a mica das lentes. Assistiu à animação desusada do edifício do comando, aos pelotões de atiradores que carregavam furgonetas civis de caixotes de pólvora e espingardas, a um torvelinho de capitães esganiçados, aos maqueiros que arrumavam os filtros da água e a pomada antivenérea. Por causa de um negócio complicado de helicópteros estivera no Congo Belga na época da descolonização, e tinha aprendido a farejar no ar a ansiedade e o medo, o precipitado desmanchar de feira dos guerreiros vencidos, os sujeitos que apareciam e desapareciam, a mando não se sabia de quem, conspirando nas sanzalas, conversando com os padres negros, carambolando perguntas inocentes nos panos de bilhar. De modo que vendeu por tuta e meia, ao dono de um restaurante chinês, a casa, o recheio dos armários e os vestidos da esposa, armou-se da tesoura para se exaltar pela última vez com as estudantes do liceu de Malanje, circulou numa hipérbole triste pelos quartos a despedir-se do lava-loiça rachado e dos guaches do corredor, encheu um baú de roupa, pesou-lhe o joelho em cima a fim de trancar os fechos, e na semana seguinte era visto na África do Sul a tomar o avião para Lixboa.

Logo que tocou o pé no reyno e recuperou a bagagem que cirandava em voltinhas soluçadas numa passadeira de borracha telefonou de uma butique de tabacos e artesanato (moliceiros de filigrana, bonecas minhotas, garrafinhas de vinho do Porto, barricas de ovos moles e galos de Barcelos) ao irmão que morava em Lixboa a anunciar-lhe Estou cá, mas como não conseguiu entender as respostas atropelou um grupo de freiras australianas que discutia medalhinhas de mártires, virgens opalescentes e outras preciosidades de pacotilha mística, arredondou-se num táxi e mandou seguir para o Jardim das Amoreiras da sua infância. O chapéu de palha e os óculos deviam jazer ainda onde os deixara, na mesinha de três pés do vestíbulo, a cheirar a terebentina, por baixo do bengaleiro de chifres diante do qual a falecida, assustada por tanto corno, se benzia sempre, ao entrar em casa, com a rede das compras na mão.

O mano, também careca, despachante de alfândega sedentário que as aventuras tropicais não maravilhavam nunca, continuava a ocupar o rés-do-chão que pertencera aos pais e onde Manoel de Sousa de Sepúlveda conhecera uma infância aborrecida e lenta entre um pai retroseiro e uma mãe gordíssima, de movimentos penosos, a rolar de cadeira em cadeira o cansaço da asma.

Agora, trinta anos depois, os velhos haviam desaparecido com os seus múltiplos queixos e o seu odor de nastro, levados de cambulhada por uma epidemia bubónica, mas o Jardim permanecia idêntico, rodeado de casas de dois e três andares habitadas decerto pelas criaturas de dantes, explicadores de Desenho, antigos oficiais de marinha que colocavam à entrada jarrões chineses para os guarda-chuvas molhados, relojoeiros de dedos cirúrgicos, negociantes de moedas, selos e gravuras do século dezoito, seres de bengala que se instalavam à tarde, no verão, para o fresco das áleas, debaixo da claridade de lua amarela dos plátanos ou dos arcos de aqueduto que correm lá ao fundo, saltando a rua inclinada dos eléctricos. O resto eram bares barrocos e restaurantes caros, o macio desgoverno do

conhaque, e às nove da noite o Jardim que se assemelhava a um cenário pintado à espera da representação que nunca iria haver, com uma figurante idosa a passear de tronco em tronco o cãozito todo jubiloso de mijos fraternos, o repuxo num cruzamento de cascalho, raras janelas acesas, o halo de rosa assustada do poente de setembro a dissolver-se: a minha idade de rapaz aqui, cigarros escondidos, masturbações veementes, paixões por vizinhas inacessíveis, e os funcionários da Câmara, de colete cor de salmão, expulsando à mangueira a infância perdida.

O irmão recebeu-o sem sorrisos, de guardanapo ao pescoço, a grunhir na casa do passado onde se acumulavam, numa desordem de bastidores, adereços de récitas antigas, um cachaço empalhado de toiro comido pelas traças, pratos sujos, porcelanas, cabides, o sobrado forrado de jornais (Desculpa lá, andamos a pintar isto tudo), o escritório como sempre o vira, excepto a novidade do aparelho de televisão sobre uma mesa, e na sala de jantar o careca e a mulher discutindo aos guinchos por cima dos rissóis, vigiados por uma oleografia de lebres, rabanetes e perdizes.

Manoel de Sousa de Sepúlveda acomodou-se à esquina da toalha, numa cadeira de pregos, a arbitrar os insultos, olhando vagamente as portas de caixilhos lilases do aparador, o candeeiro de ferro forjado com teias de aranha nas correntes, as embaciadas emoções de outrora, quando o pai era vivo e presidia às refeições num silêncio de museu. A pretexto de urinar cirandou pelos compartimentos a tropeçar em fios, puxando silhuetas remotas da memória, e por pouco não introduzia o sapato numa ratoeira aberta entre dois armários, com uma côdea de pão empalada num gancho. De caminho apanhou a mala, saiu pelo restolho de nabiças do quintalzinho das traseiras, quatro palmos de ervas e minhocas citadinas, contornou o edifício e alcançou o Jardim muralhado pelas fachadas dos explicadores de Desenho, que ressonavam sonhos de geometria descritiva na esquadria dos lençóis. Na Rua das Amoreiras, ainda sem bêbedos, negociou o preço da corrida até à

Costa da Caparica com a luz de um táxi que bailava nas calhas. E durante a viagem reconheceu sem alegria os largos e as avenidas quase desertas de Lisboa, que se sucediam numa monotonia de tecidos desdobrando-se: estabelecimentos soturnos, estátuas engastadas nas trevas, arbustos escanzelados, a Basílica da Estrela aberta para um velório qualquer, e a seguir, ao longo da ponte, os galeões de especiarias fundeados no rio, uma nau com a bandeira da cólera, e os pedreiros dos Jerónimos que tricotavam, à luz de apanhadeira de malhas das tochas, o rendilhado do arco principal.

Já na margem oposta, ao ultrapassar as bombas de gasolina, Manoel de Sousa de Sepúlveda espantou-se com o gigantesco animal adormecido da Costa da Caparica na distância, a profusão de prédios, de hotéis, de insígnias, do brilho turvo dos cafés.

Cavalgado o caminho de ferro deu com cachos de estrangeiros em férias e automóveis de emigrantes, butikues, discotecas, uma febre desconhecida, e provavelmente, quase de certeza, nenhum liceu de meninas, nenhuma ancas de treze anos a caminho de casa. O táxi contornou um redondel perto de dunas e cabanas de madeira e parou cem ou duzentos metros adiante, no alinhamento de uma rua frente aos cheiros do mar e a uma extensão de areia coroada pela bola azul do Creme Nívea, assente no esqueleto oxidado da armação. Refractados no metal da água os paus de toldo aparentavam-se a hastes de renas enterradas, um exército de renas náufragas, desorbitadas, sem pêlo, que a língua da vazante dera à costa.

O chofer (só ombros, só nuca, só mãos, só pálpebras descidas, de santa de nicho, no retrovisor) acendeu a ampolazinha do tejadilho para não errar nos trocos (letreiro no tablier: SOU CARDÍACO PELO QUE SOLICITO A FINEZA DE NÃO FUMAR), e os acidentes do interior do carro, empestado de relentos de napa e de óleo rançoso, surgiram das trevas como episódios muito velhos que apenas desejamos, ó meu Deus, esquecer, aromas de berço, rostos aquosos, o terror de morrer durante o sono, a mãe a arrastar na



copa o inchaço das varizes, ou, mais vizinhos no tempo, os anos de Loanda e de Malanje, a agonia da mulher, a pupila incandescente dos diamantes no feltro, a gargalhada de uísque do inspector da Pide, afocinhado no coelho com arroz. Haviã construído um renque de edifícios a seguir ao seu, e a bola do Creme Nívea era a única estrela visível sobre o negrume do mar.

Atravessou a estrada, premiu um botão e o vestibulo do prédio povoou-se de degraus a imitarem mármore, de apliques e de plantas mergulhadas numa claridade de eclipse em que as folhas dos vasos pareciam postiças, ocres e largas como as que se compram nas lojas de comida para peixes, latinhas com barbatanas pintadas no papel dos rótulos. E havia as duas urnas verticais dos ascensores, subindo como almas pias, patamar a patamar, a caminho das chaminés do terraço, do qual se avistava a barra do Tejo e as barcaças em que el-rei D. Fernando trazia a corte de Almada a Lixboa, o farol, dunas sem termo, lumes de pescadores ao candeio e o ventoso silêncio do céu.

Aterrou no sétimo andar, num túnel que era uma plantação de capachos acompanhados do respectivo caixote do lixo que a porteira não recolhera ainda, e tropeçou com a mala ao longo de portas de casa forte com o buraquinho de espreitar à altura do meu olho para que os inquilinos me vissem pequeno, torcido, de gestos absurdos, deformado pela lente, largar a bagagem no chão, sacar da chave, penetrar no apartamento minúsculo, de varanda sobre as ondas e as canoas, comprado há doze anos a pensar na reforma, numa velhice de preguiçeira capitonê diante dos poentes do verão, livre de paludismos africanos, trincando à hora do almoço mariscos solitários na paz submersa dos galeões espanhóis. Empurrou a fechadura, agarrou de novo na mala, acendeu o interruptor, e deu com cinco ou seis colchões desdobrados no soalho, vultos cobertos por lençóis de morgue, embalagens de conserva, garrafas de vinho e um homem em camisola interior, de farripas desordenadas, a erguer-se descalço do sofá numa indignação proprietária, Mas o que é isto,

o que é isto?

Uma criança soltou-se em berros tremendos no compartimento contíguo e alguns dos vultos dos lençóis levantaram-se por seu turno a abrir a boca de sono: dois rapazes ruços de lábios sardentos de cordeiro, uma nonagenária que apertava contra o peito um casaquito de malha, um garoto que me fitava com os pântanos das órbitas. O das farripas, agora de pé, de suspensórios caídos ao comprido das calças, apontava-me o dedo quadrado, acusador, imenso, a repetir Mas o que é isto, o que é isto?, numa ofensa infinita. E Manoel de Sousa de Sepúlveda notou que até na varanda ressonavam indivíduos de camisolão de lã prevenindo-se contra o orvalho da aurora, estendidos em almofadas, em cobertores, em enxergas, em esteiras, em cisnes pneumáticos, de narizes amolgados pegados aos vidros das janelas como chernes fantasmas. As minhas máscaras da Lunda tinham desaparecido das paredes, o meu guarda-fato de mogno levara sumiço, que é do meu escudo de leopardo que o não vejo, que é dos meus elefantes de marfim que mos roubaram, que é das prateleiras dos meus fósseis, dos meus escaravelhos equatoriais, dos meus quadros de queimadas, se o que agora encontro são cordas de roupa com blusas de ciganos a secar, buracos na caliça, pratos de restos de almoço, um cheiro de leite azedo e de carruagem de terceira classe, a nonagenária do casaco de malha a cuspir sangue num penico?

Os rapazes ruços de lábios de cordeiro (que é das minhas cadeiras austríacas, do barómetro aneróide que herdei do meu pai, das minhas borboletas de Moçâmedes fulminadas por uma gota de ácido?) avançaram para ele a escorregar nos colchões, cada qual com o seu gargalo na mão, açulados pelo das farripas que batia a palma aberta nos cabelos inocentes do peito, chamando os chernes da varanda como testemunhas do seu infortúnio:

- Vocês já viram uma coisa destas, caraças? Já viram uma coisa destas? Isto se não é

invasão da intimidade alheia nesse caso o que é?

- A casa pertence-me, disse Manoel de Sousa de Sepúlveda para as expectorações da nonagenária ; (e os meus binóculos de espreitar alunas, e os caramelos que comprei em Badajoz para as tentar, e os irresistíveis caracóis da melena postiça de parecer mais novo?) à medida que recuava, que tropeçava num frasco, que se apoiava num banco para se endireitar outra vez, murmurando, pensando, murmurando numa voz extraviada de derrota, Comprei-a há mais de onze anos, cheguei agora mesmo de África (e os meus óculos de mica, e o meu chapéu de palha, e a saída das cabritas do liceu, e as minhas missas de diamantes?) amanhã trago aqui a escritura e toda a gente a pode ver.

Os chernes da varanda forçavam os caixilhos para entrar na sala, vindos, como os contrabandistas das traineiras, do soprozinho traiçoeiro do mar que cheirava a lagosta e a afogado. Um objecto quebrou-se com estrépito, a criança urrou mais alto e uma voz de mulher preveniu-os do quarto que se vocês não se calam aturam-me o puto a noite inteira.

O das farripas, que orientava a confusão, abriu-me os braços gordos, irritado:

- Traz a escritura, caralho? Traz a escritura? Eu quero lá saber da escritura, a escritura que se foda: estamos em democracia, seu camelo, os prédios pertencem a quem mora neles, a época da Pide acabou.

- O gajo diz que chegou de África, não sabe o que é o socialismo, desculpou-me um dos ruços enquanto a velha, de pupila murcha, continuava a cuspir no seu bacio.

- Eu já vos garanti que me aturam o puto, ameaçou a mulher invisível do leito da minha reforma e do despertador eléctrico que ciciava, às nove horas, baladas de amor aos meus ouvidos em coma. O primeiro a fazer chulé grama-lhe as diarreias que se lixa.

O das farripas procurou um tampo para as nádegas, chupou os dentes cor de carvão que lhe restavam e passou os olhos pelo seu rebanho de ressuscitados que se agitava, embrulhado em lençóis, como as silhuetas dos mortos, exalando um odor de cano e

transportando consigo os assobios bichosos do escuro: era o povo de maxila côncava dos bairros de lata, da Fonte da Telha, passeando abanos de palha nas brasas das sardinhas, sujeitos que roubavam ao mar três metros quadrados para uma cabana de pranchas encavalitadas entre torresmos de peixe, espinhos de couve que cresciam na areia e as pétalas dos nardos e da margem, vagabundos de labita em tiras, desertores sem destino de bruços nos arbustos, prostitutas de pinhal pegajosas de resina, sobreviventes de caravelas arrombadas e soldados de guarnições distantes a esmagarem os piolhos nos bancos da Costa, sonhando matanças de indonésios e expedições à China e ameaçando a polícia com bacamartes em desuso.

- Olha-me um que não sabe o que é o socialismo, o analfabeto, magoou-se o das farripas num pesar sincero, designando-me ao pasmo tresnoitado dos colegas que se me principiavam a interessar, coçando crostas, coçando cicatrizes, coçando ramelas, pelos sapatos, pelas calças, pela gravata, pela mala, protegidos pelas espadas de pajem dos gargalos dos ruços. Chegou agora de África, coitado, não vinha cá há séculos, explorava os camaradas pretinhos, julga que a casa é dele. Isto pertence ao povo, amigo, pertence à gloriosa vanguarda do proletariado, foi ocupada revolucionariamente, percebe?, se for à Câmara encontra lá o meu nome como dono e gerente deste centro de recuperação para doenças da espinha, e ainda o urso tem a lata de me falar em escrituras.

- Calados, poça, mais respeito, uivou a mulher, do quarto. Sempre que o miúdo adormece desatam-me para aí aos gritos.

E quando um dos ruços de lábios de cordeiro se lhe enganchou na lapela do casaco a perguntar aos da varanda Já viram o guarda-roupa pinoca deste artolas? Manoel de Sousa de Sepúlveda achava-se em Malanje, a podar os arbustos do quintal, à espera das raparigas do liceu. No cacimbo de Malanje enrolado nas árvores em exalações asmáticas, espiondo a rua pelo defeito das lentes e imaginando a campainha do fim das aulas, os livros fechados à

pressa, cenetas perversas que tombam e se perdem, a estrada de terra até ao quartel e a seguir o alcatroado da rampa de vivendas e eu a decepar ao acaso ramos e folhas, preso a dezenas de pernas e de cinturas jovens que se afastam.

- Já viram o guarda-roupa deste artolas?

Imaginava o cacimbo de salmoura de Malanje que enruga a testa dos espelhos e faz feder as toalhas nos baús, imaginava a papa do céu, os pássaros ocultos como raias nos sargaços membranosos das mangueiras, a defunta esquecida sob o seu anjo trágico, as estudantes que se segredavam, se abraçavam e discutiam na direcção do almoço, e o alicate a aparar o nada, a aparar o ar, a aparar, num empeno de ferrugem, as gotas suspensas do cacimbo, de tal forma que mal deu por lhe tirarem a mala (Alguma coisa que preste dentro dessa merda? interessou-se o das farripas a sacudir uma mecha que lhe perseguia o nariz), o casaco, os sapatos disputados por uma matilha de mendigos bexigosos, a carteira que lhe devolveram aliviada do dinheiro e dos cheques holandeses, de tal forma que mal deu por a nonagenária o rondar, a bater o dente, à cata da sua sobra também, até o enxotarem para a porta, o meterem no elevador, o devolverem aos degraus do rés-do-chão enquanto os da Fonte da Telha se assanhavam lá em cima a dividir o tesoiro! e ele hesitava no vestíbulo, ausente, encostado às caixas do correio, com os clarins do quartel na cabeça, iluminado pelos apliques, pelo nevoeiro de Angola e pela luz dos vasos, atravessando sem rumo a avenida para a praia depois de vaguear, cego, nas esplanadas desertas de santolas onde os últimos empregados empilhavam bancos e mesas, a avenida para a praia bordejada de restaurantes e de quiosques de peixe, se anichar sob a bola azul do Creme Nívea de que mal se distinguiam as letras frente à água da Costa da Caparica, branqueada por um adornozinho de espuma.

Manoel de Sousa de Sepúlveda apercebeu-se do amanhecer quando o sol desprende das brumas africanas os telhados e as varandas por trás dele, as prateleiras do mercado, as

ondas da baixa-mar ao longo de cuja orla trotava uma matilha de rafeiros aspirando excrementos de dunas, botas desfeitas, cestos rotos, o reflexo de um copo que ardia como um grão na pálpebra. Deviam ser cinco ou seis horas da madrugada; e por onde a vista alcançava não se percebiam vestígios de gente no areal: só cabanas derruídas, uma barraca de farturas, uma rulote a que faltavam peças, com cortininhas de folhos nas janelas. Cinco da madrugada e as vagas, agora maiores, a desviarem para mim os rafeiros que baloiçavam os arcos tristes das caudas. Um cigano magro, vestido de preto, pulou da rulote e encaminhou-se para a água, a fumar, com um balde na mão. Os cães aumentavam de tamanho, ofegando como leitões zangados. Ajeitei-me melhor contra a bola do Creme Nívea e apertei a gola da camisa à volta do pescoço como se flutuasse muito acima do medo, muito acima da angústia, das pedras da vesícula, da comida sem sal e das estudantes de Malanje. Um anjo mortuário, de asas tombadas de morcego, esmagava-me a barriga, uma paz de sesta sem sono crescia-lhe no corpo. O cigano regressou do mar, a bronquite dos cachorros cantava-me aos ouvidos. Manoel de Sousa de Sepúlveda fechou os olhos enquanto o sol começava, devagar, a colori-lo:

- Vou dormir um bocadinho, pensou ele a esconder os tornozelos na areia. Assim como assim já não tenho nada que me possam roubar.

À segunda ou terceira semana e após muitas naus de descobertas cheias de pupilas aflitas e de bagagem pouca apertada contra o oco do ventre, o homem de nome Luís desistiu de aguardar o frigorífico e o fogão, decerto roubados pelos cafres em Loanda e vendidos aos alemães das fazendas do Gabão, e decidiu que o pai, que fervia na urna um bulício de minhocas, teria de contentar-se com um enterro furtivo, à noite, nas sombras que os cemitérios esquecem junto aos muros, onde a erva é mais alta que o olhar dos coveiros. Um dos guardas, que conversava com ele ao fim da tarde a assistir às manobras das galés e ao aportar das caravelas esquarteradas por ventos estranhos, comandadas por

espectros de tricórnio que os coitos das sereias alucinavam, oferecia-lhe os restos da marmitta do jantar, ou seja batatas empasteladas de gordura, pedúnculos de banana e cartilagens de frango pegadas ao alumínio do fundo, comida de marinheiro de terra cozinhada pela mulher numa marquise do Beato, envidraçada pelo ranho dos filhos. Os galeões, depenados de velas, trepavam a pulso, na manhã, o óleo de traineiras do Tejo a fim de levarem ao paço a sua própria desgraça, um pinguim recém-nascido do estreito de Magalhães num boião de compota e caixotes de cinzeiros made in Hong Kong de Sacavém. Queimavam-se hereges por aqui e por ali, em estradozinhos de palco de robertos, para adoçar o povo. Matava-se um ou outro espanhol por desfastio. E o mais era a pleurisia das locomotivas, as gaivotas de sempre e os pedaços de antracite dos ratos dos arbustos, escapados aos barcos, alimentados de bolachas de araruta e de múmias de corsários. O cabo, que nos intervalos das rondas de serviço se instalava à secretária a decifrar, num grande dispêndio de cigarros, ordens de serviço de gramática terrível, emprestou ao homem de nome Luís a embalagem de cartão onde guardava a um canto o lixo das repartições marítimas, jornais da Monarquia, alísios, cartas inúteis, os girassóis das bússolas à procura de nortes desconstruídos, para que não saísse da área do seu posto um sujeito de urna às costas a vagar pela cidade na mira de um cemitério onde ancorar os úmeros espalhados do morto. Despejaram-na num talude junto à via-férrea, no qual um carrinho de inválido se afundava de esquelha na erva com a roda no ar, e puxaram o cadáver para a auréola de um candeeiro cercado pelo voo de trapos de carnaval dos morcegos, de boquinhos certas nos insectos tresmalhados. Ergueram o crucifixo da tampa enquanto uma barcaça de forçados escorria, Tejo adiante, no sentido de Belém, a caminho de uma epopeia inverosímil por um mar de neptunos furiosos, atapetaram o fundo a serradura para que o pai, já líquido, se não escapasse a gotejar das frestas da cartolina, pegaram cada qual na sua ponta de lençol e acomodaram o mau cheiro no caixote, abafado por mais serradura,

trapos, e os fios de nylon de uma encomenda postal, à medida que os murganhos desembarcados dos paquetes e os rafeiros que não embarcaram nunca se aproximavam, a estender os pêlos do focinho, dos cetins do caixão que exalava um odor de medusa de placenta antiga, até o guarda, farto de cães, amandar um pontapé no esquife que baldeou da doca para a água do rio, e ficaram a vê-lo desfazer-se em pranchas, rendas, enchumaços de algodão e placas de estearina, tudo deglutido, na foz, por uma chicotada de naufrágio. Uma carroça de comediantes marchava a duzentos metros, num pandemónio de gaitas, para um baptizado no paço, e lá ia o ourives Gil Vicente a gesticular no meio de diabos e pastores. De maneira que o homem chamado Luís meteu o pai debaixo do braço e partiu, enfarinhado de serradura, seguido por um desiludido cortejo de cachorros, direito ao primeiro cemitério disponível de Lixboa e às moradias barrocas dos jazigos, que enxames de parentes limpavam a aspirador de pilhas. Galgou os arbustos afastando gafanhotos com as mangas, apareceu e desapareceu por entre os cones das árvores, sumiu-se na esquina de um vagão de gado ou de mercadorias, regressou à tona na plataforma da estação e nas barras de néon sobre os bancos desertos, e desvaneceu-se de vez na Avenida Vinte e Quatro de Julho, disposta à ilharga do Tejo, e que desembocava na estátua do rei a cavalo, solitário na sua praça de ministérios e arcadas, diante do pontão dos cacilheiros.

O homem de nome Luís mudou o pai de braço para aliviar o cotovelo mas palavra que nunca pensei que Lixboa fosse este dédalo de janelas de sacada comidas pelos ácidos do Tejo, as vacas sagradas destes rebanhos de eléctricos, estas mercearias de saquinhos de amêndoas e de garrafas de licor, palavra que imaginava obeliscos, padrões, mártires de pedra, largos percorridos pela brisa sem destino da aventura, em vez de travessas gotosas, de becos de reformados e de armazéns nauseabundos, palavra que imaginava uma enseada repleta de naus aparelhadas que rescendiam a noz-moscada e a canela, e afinal encontrei apenas uma noite de prédios esquecidos a treparem para um castelo dos Cárpatos



pendurado no topo, uma ruína com ameias em cuja hera dormiam gritos estagnados de pavões.

Trotou ao longo da Avenida Vinte e Quatro de Julho a fim de se manter sempre à vista da via-férrea e do rio de purpurinas mortiças aguardando a enchente, tendo à mão direita locomotivas desmaiadas, os carneirinhos das ondas e as chaminés dos cruzadores, e à esquerda jardins equívocos e ruas de sanatórios de quem sufoca à janela a melancolia dos pulmões, porque aprendera que Lixboa se crispa a horas mortas numa mudez sonâmbula decepada de quando em quando por chocalhos de ambulância ou o discurso de um bêbedo espojado num canteiro, em busca de posição para a azia do sarro. Ruas com chafarizes de mulas de almocreve iluminados pela intensidade de ringue de boxe dos focos municipais, ruas de amoreiras tossindo folhas, oblíquas caves luciferinas, o odor de fígado de atum do velho e nenhum cemitério nas redondezas, que maçada, mais prédios zarolhos, mais chaminés, mais comboios, e a pouco e pouco, à medida que se aproximava do Cais do Sodré, cervejarias e cafés de varejeiras com mesas para dominós de estivadores, e na outra face da avenida homens-mulheres de cabeleira postiça, cor de malte, que automóveis viciosos procuravam, a avançarem nos decotes e nas estolas de coelho, agarrados às bóias das malinhas de verniz em que guardavam os pós de disfarçar a barba e os pincéis de compor a maquilhagem, desenhando acentos de tinta por cima das sobrancelhas depiladas. No alto de uma escadinha uma velha juntava amorosamente gatos vadios em torno de um embrulho de fanecas.

Imediatamente antes da praça multiplicavam-se tabernazinhas de balcão de zinco onde os homens-mulheres se aclaravam por dentro, contra a espera, de labaredas de tinto, bares de galdérias cambadas com escudeiros de bigode à porta ciciando conversas de velório, e eu de minhocas no sovaco a vogar pela cidade, sem banho nem muda de roupa há mais de um mês, seco de sede, alimentado de restos, eu à procura dos cedros de um

portão de cemitério, de um bairro de cruzeiras dispersas no escuro com os habitantes esfiando-se em estantes de carvalho. O homem de nome Luís misturou-se com os ressuscitados que povoam as trevas de Lisboa, amanuenses sem plumas de falcão na boina, espadachins em desgraça a engolirem a sua sopa de mendigos a um canto, rabis de barbicha sebosa, a malta dos veleiros contrabandeando pelas mesas relógios e canetas a cinquentonas que tronavam diante do chá de tília da reforma, engraxadores moiros de vão de escada, de algibeiras cheias de escovas e de panos. Xarangas de bailes de bombeiros desafinavam no jogo do galo das travessas, eriçadas de carteiristas e polícias. Os homens-mulheres discutiam preços com os choferes dos carros, introduziam as cabeças enormes no intervalo dos vidros, trotavam a passo manso no sentido de uma pensão vizinha, três pisos de bacias com uma luz vermelha no cimo da escada, a ajudar as órbitas de toupeira vesga de quem chega. E discotecas semelhantes a caldeiras de barco e o suor do Tejo, por revoadas, de acordo com as manias das correntes, trazendo consigo vestígios de esgoto e de lugares perdidos.

Levado por um cardume de safios que desfolhavam sardinheiras de varanda com os dentes, flutuou pelos ministérios do Terreiro do Paço, frente ao rio, onde os aleijados tocavam nas arcadas sambas de rabeça e a amplidão da água se abria a seguir aos degraus que descem para o mar e aos retroseiros e cavernas de ginjinha da Rua Augusta. Os travestis ficaram definitivamente para trás com os seus colares de missanga e as suas écharpes de cocote, dado que esta praça, à hora de dormir, pertence a um silêncio de redoma antiga e aos acordeões dos cegos. Um deles, de instrumento às costas, marchou à minha frente, a agitar a bengalinha apressada, para Santa Apolónia, estação de carruagens de França, de Alemanha e de Bélgica com uma fila de táxis, à espera de viajantes e de malas, contornando o edifício enorme, mais monstruoso que uma caserna ou uma prisão, onde os sons se quebravam no cimento. Lá dentro, junto aos esguichos a ferver das

locomotivas de partida, havia uma lâmpada de capitel de circo, uma esplanada em sossego, emigrantes que cabeceavam sobre embrulhos gordurosos e um funcionário idoso a varrer as beatas do chão para uma pá de alumínio. Por um momento o homem de nome Luís perdeu o cego das músicas, que trauteava a antena da ponteira pela gare adiante, de forma que acabou por sentar-se a uma mesa da esplanada com o pai amolgado num assento próximo, a olhar uma vendedeira de jornais e revistas que contava as notas do avental. Se chegasse a uma das portas topava com certeza o Tejo, isto é, torpedeiros e golfinhos e estivadores de blusa estampada e fervores de desembarque, as fábricas do Barreiro que principiavam a distinguir-se à medida que a linha do horizonte se definia, além doombo da encosta. Um empregado de casaco branco de que a cirrose do flúor acentuava as nódoas e os rasgões debruçou-se para mim como uma Pietà aborrecida, e pedi um quarto de água das pedras cujas bolhinhas saltavam do fundo como ovos de insecto: talvez que houvesse um cemitério complacente num intervalo da desordem de pombais e de telhados de Lixboa, com antenas de televisão cravadas nas lápides dos defuntos, e nisto cuidou distinguir o cego dos sambas, guiado pela vivacidade da bengala, a trotar ao longo da plataforma do foguete do Porto, mas atentando melhor não era ele e sim um agulheiro qualquer, de boné na cabeça, armado de uma espécie de pé de cabra comprido destinado a alterar o norte dos comboios. O empregado, sem clientes na esplanada vazia, veio sentar-se numa mesa a dois metros, a puxar cigarros do bolso, e o homem de nome Luís surpreendeu-se com o seu rosto de flibusteiro e o corpo mole, abatido em pregas redondas, à espera do colega da manhã.

Os dois, lado a lado, separados pelo morto, assistiram à chegada do pelotão das mulheres da limpeza, que se sumiu a arrastar os chinelos numa espécie de guarda-vento de hotel. Um casal de pedintes de botas sem atacadores, com sacos de plástico nos dedos, estendeu-se num banco de ripas a fim de descansar de infinitas peregrinações de mão

estendida. Uma composição avançou a uivar para os longes de um túnel, e eu pensei Daqui a nada apagam as luzes e fico a mirar a lividez da aurora nos caixilhos do trio, os prédios feios, de escritórios, lá de fora, encimados por clarabóias de estufa e habitados por traças funerárias. Ficamos, o empregado e eu, neste ilimitado espaço de carruagens, num silêncio de sótão que a bengala do cego percorre para trás e para a frente a tilintar sem repouso. As lâmpadas desmaiaram um pouco e o rio inchou para além das entradas laterais, sem barcos nem pássaros, crestado e rugoso como o fundo dos tachos. Uma voz anunciou aos microfones o rápido de Paris, e uma desordem de emigrantes em férias embrutecidos pelo torpor da Viagem, coxeou na direcção dos táxis arrumados em minguate junto aos edifícios de escritórios. O homem de nome Luís perceber o cego no roldão dos passageiros, logo adiante de um senhor de gabardina que sacudia uma criança pelo braço, escutou o morse da ponteira no cimento, mas o da gabardina esfumou-se ao passar perto dele, dissolvido num grupo de malas às costas, cambaleando de sono. O empregado da esplanada, esquecido da esferográfica e do bloco das somas, levantou-se como um harmónio se desdobra e enfiou-se de viés numa espécie de arrecadação ou de cozinha: Aposto que vai apagar as luzes, pensei eu, aposto que vai trancar tudo agora que os franceses chegaram, correr as aldrabas, verificar Os fechos, partir, abandonar-me a mim e ao cego nesta garagem de ecos e vapores. Então afastei a garrafa de água das pedras para um canto da mesa, agarrei na caneta e no caderno do criado sem ossos, sacudi-me melhor na cadeira, apoiei o cotovelo esquerdo no tampo, e de ponta da língua de fora e sobranceiras unidas de esforço, comecei a primeira oitava heróica do poema. Deus sabe que eu não queria. Deus conhece o íntimo da minha carne, a razão dos meus pecados e o labirinto das minhas intenções. Deus acompanha-me desde a Índia, onde o meu pai, de bivaque, trabalhava de estafeta na alfândega do porto e a minha mãe cozinhava no telheiro, sob a chuva, a tartaruga do almoço, e continuou a acompanhar-me

pelos anos fora dobrando as palmeiras da praia, nas monções, com um só dedo do seu vento, e baixando em pleno dia uma noite absoluta que transtornava as iguanas e as mulheres. Deus trouxe-me consigo para Moçambique, como criado de um marquês que regressava ao reyno numa escuna de velas enfunadas pelos leques das aias, pesada de quinquilharias orientais vendidas depois nos túneis do metropolitano por gurus esqueléticos, acorados no chão ao lado de um pífaro e de uma caixinha de mortalhas. Na véspera da partida de Lourenço Marques adormeci no quarto de musseque de uma chinesa que conhecera duas horas antes, levitando em passinhos curtos numa avenida da Baixa, e ao acordar vi através do seu sorriso mudo, pela janela, os leques das aias que acenavam no horizonte e um mandarim centenário ajoelhado numa almofada a almoçar carochas de uma tigela de Barcelos. Durante alguns meses, queridos cristãos, bebi chá e mastiguei osgas naquele compartimento em que tudo (travesseiras, utensílios domésticos, quadros e galheteiros de soja) acabava a sessenta centímetros do soalho, salvo os rasgões das paredes e as franjas de papel dos abajures, e no qual o mandarim se dobrava na minha direcção, de manhã e à noite, em vénias deferentes, antes de nos desenrolar aos pés a esteira em que dormia, com dragões de língua de fora a desbotarem-se na palha.

O musseque, quase rente ao mar, era habitado por pássaros da água poisados na chapa dos telhados e macaenses de cabaia formigando na rua essências destinadas aos deuses de trancinha na nuca que moram no fundo dos pratos entre pagodes e salgueiros. O único branco do bairro vendia bíblias, postais eróticos e gira-discos no porta a porta da cidade, chamava-se Fernão Mendes Pinto, possuía uma cabana na areia atulhada de refugos de equinócio e recordações da Malásia, sentava-se à beira da água a comover-se com os crepúsculos, fez-me sócio no comércio de evangelhos e uma tarde ao chegar mais cedo ao musseque por causa de uma sinusite insidiosa, encontrei-o, nu e repulsivo, em cima da rãzita transparente da chinesa que sorria para o tecto a sua doçura inalterável. O mandarim,

cercado de paus de incenso, contemplava o cacimbo pelos buraco do adobe. Fernão Mendes Pinto, sem parar o trabalho, acenou-me Boa noite a resfolegar, e só ao vestir as ceroilas, ainda de barba despenteada e mão incerta, se interessou pelo número de Epístolas vendidas. Três, respondi eu a tossir no nevoeiro do incenso, e com a minha percentagem de zero vírgula dois nos lucros estabeleci-me por conta própria na Beira após me atolar meses e meses nos pântanos do litoral, perseguido por flechas de gentios, até tropeçar num padrão coberto de lianas no meio de uma plantação de tílias. Silhuetas em farrapos vagueavam por palhotas miseráveis e nisto um silvo vindo do interior rasgou a selva de meio a meio, e respirando um enfisema angustiado e lançando fumos negros por cima das árvores, a automotora das cinco surgiu.

Com a automotoras chegavam sem cessar políticos, calceteiros, presidentes de câmara e cobradores de impostos. Na manhã imediata a rádio local (construída de madrugada por pedreiros amontoados em segredo nos vagões) atroou a cidade com um programa de música ligeira patrocinada por um xarope contra as ténias infantis. Uma súbita aldeia de moradias, supermercados e cinemas alisava as dunas e avançava terraços pela mata. Arrumaram o padrão, limpo de folhas, na cave de um museu, à sombra de bustos de cera de exploradores memoráveis. Instalaram um clube naval para comodors paranóicos num lugre abandonado, depois de o libertarem dos esqueletos de calafates que se desfaziam em pó mal o piaçaba lhes tocava. Os gentios, domesticados a tiro, trabalhavam de marçanos ou fogueiros, ou saíam para a pesca em canoas dinamarquesas rodeadas de fantasmas de icebergues. Os circos deram em desembarcar de vagões de mercadorias, e os equilibristas armavam as redes em praças roubadas aos eucaliptos e ao capim, sobre os sapatos cor de ananás dos augustos. De tempos a tempos o governador, acolitado de oficiais bigodudos, visitava os quarteirões pobres prometendo esgotos, e partia com um cabrito nos braços agaloados, ao som do hino, num automóvel gigantesco com um par de

bandeirinhas no capot.

Por essa altura já eu morava na rulote, no musseque na face oposta à da baía, que os ventos do mar não alcançavam com a sua suspeita de cachalotes mortos e o odor de pele delicada das tetas das sereias, e onde choviam ininterruptamente tristezas mansas de órfão. Tinha-me casado com a filha adolescente do comerciante branco depois de o convencer, numa sala desabitada de móveis, com meia dúzia de notas persuasivas e a notícia de que a Judici ria se interessaria decerto por uns traficozitos de selvagens entre Nampula e a Beira, e três anos volvidos, quase dia após dia, aconteceu aquela coisa comunista da revolução dos tropas e entendi-me com o meu compadre dos manipansos de pau, entreguei-lhe a mulher, recebi um bilhete de avião, deixei a cave pulgosa dos paquistaneses e tomei um assento para o reyno.

De início não soube o que fazer num sítio absurdo chamado Lixboa, sem saguins nas praias nem hipopótamos nas banheiras, uma capital, amados filhos, desprovida de tabaco e algodão, mais antiga e quieta do que uma tia entrevada, cujos postigos e janelas desciam e trepavam encostas, voltadas, pestanejando chitas, para um ancoradouro de hidroaviões tripulados por Gagos Coutinhos de peliça. Deitado num banco de jardim, sem conseguir dormir, custou-me a habituar à ausência de sapateiras das monções, substituídas por cúpulas de catedral, fogueirinhas de santos e pantufas de gotosos. Principiou então a pedir esmola por aqui e por ali, aos domingos, nas imediações das igrejas, vestido de trapos de batina e roupas de naufrago disputadas a outros vagabundos, no Terreiro do Paço, quando as ondas fracturavam na muralha as naus gastas por diarreias de banana e de carne de tatu que tornavam do Brasil.

Na véspera de um dia qualquer, ao procurar à noite, em Campolide, papel e ossinhos de frango nos caixotes de lixo, encontrou de novo Fernão Mendes Pinto que saía da cave desatinada de uma discoteca, de cabo-verdianos, pendurado, logo abaixo da carteira de

verniz, do sovaco de uma mulata submergida em e raposas acrílicas. Vivia agora de uma constelação de residenciais e de pensões para fidalgos africanistas em desgraça, e projectava alargar a sua indústria explorando os bairros de morte do Intendente, da Avenida Almirante Reis e da Casa da Moeda, perto de bares de putas e de dancings equívocos, em que as luzes erguiam das trevas, ao ritmo da música, pedaços de rostos protuberantes como peixes de alcofa. Explicou-me tudo isto num primeiro andar do Arco do Carvalhão com rectângulos de crochet nas poltronas e um pescador de casquinha, de blusa aos quadrados, arrastando a sua rede numa cómoda, enquanto a mulata, que ocupava um sofá inteiro com as escamas das nádegas, afastava as ventosas dos dedos como os sapos nos tanques. Para além do pescador havia por toda a parte recordações de viagens orientais, lanternas japonesas, divindades esculpidas em estalactite de rocha, um fragmento do pulmão esquerdo do Buda num tubo de ensaio de hospital rotulado a adesivo, e a mecha de cabelos de um príncipe etrusco fechada num medalhão de cobre. Fernão Mendes Pinto mostrou-me o maço, já batido à mquina, das suas viagens caudalosas (Qualquer dia entrego esta bodega toda a um editor), tirou a garrafa de drambuie de um armário repleto de alforrecas cartilagíneas sob o óleo comovente de um menino a chorar, e à oitava bebida convidou o padroeiro de Setúbal a dirigir uma das sucursais do seu negócio, um edifício destruído nas traseiras da Academia Militar, e não te dou nem uma semana para o pores como deve ser. O senhor Francisco Xavier começou por transferir para aquelas paredes nominais os descendentes que tivera de barregãs inumer veis, e isto por luxúria e ignorância, caríssimos irmãos, de que Deus há muito me designara seu eleito, os quais descendentes dormiam com a minha doce e compreensiva mãe sob o aqueduto de D. João V que trazia a água a Lixboa, eternamente constipados pelos pingos que se soltavam da pedra para lhes deslizarem com perfídia ao longo do rego transido da nuca. Amigos desocupados, bêbedos sem vintém e vasculhadores de caixotes ajudaram-no a consertar os muros com pedaços de



cartão e restos de tijolo, furtaram camas, retretes e colchões esbarrigados dos armazéns de sucata e carregaram-nos durante a noite, cidade fora, numa procissão de contrabandistas, perante a incredulidade dos porteiros de bar a quem mesinhas-de-cabeceira flutuantes assustavam. Quatro dias depois atravessou a cidade a pé, de sobretudo pelos calcanhares, a informar Fernão Mendes Pinto que graças a meia dúzia de promessas à Virgem Santíssima e aos pastorinhos de Fátima a Residencial Apóstolo das Índias se encontrava em condições de receber os pecadores dos trópicos que surgissem. Deu com o bucaneiro, de óculos, em roupão, instalado junto à estatueta da Nazaré e às suas inutilidades incontáveis, a emendar a lapiseira de várias cores a redacção dos seus feitos. O industrial limpou com um mata-borrão pausado o filtro da boquilha:

- Muito bem, fradinho, disse ele entretido com as peripécias de um massacre de chineses. No sábado arribam pelo menos seis aviões e duas fragatas da Cuiné: com esta léria da democracia fogem dos escarumbas como ratos.

Ele próprio se encarregou, acompanhado da mulata, de conversar com os proprietários das boites de Arroios, somando números em guardanapos de papel, para que aceitassem um futuro rebanho de tágides, me forneceu sete dezenas de vestidos de lamê e três caixas de pomada antivenérea, pinturas, pós, lápis de pálpebras e ganchos de cabelo, aprovou os quartos abanando a cabeça, e declarou ao ir-se embora, descendo a colina aos pontapés nas pedras, Depois de amanhã quero pelo menos vinte e cinco mulheres da vida a trabalhar lá em baixo.

Se fossem necessárias provas, a certeza acabada de que Deus está comigo é que mandei segunda-feira, embelezadas de lantejoilas e de xailes, trinta e oito africanas para as discotecas da Avenida Almirante Reis e do Martim Moniz, sem falar, ó servos do Senhor, nas que espalharam as ancas demoradas pelos jardins e pátios da cidade, de Belém à Ajuda, fumando no passeio Marlboros pacientes. Em pouco tempo, e graças à bênção do Pai, um

desmesurado rebanho de convertidas à Fé ocupava todos os bairros de Lixboa até às docas de Alcântara onde o ar era de celofane em julho, e assaltava com os seus perfumes irresistíveis os guardas-marinhas das esquadras da NATO ou a tripulação, transtornada pelo beribéri e por paisagens singulares, de Cristóvão Colombo. E no entanto, apesar da prosperidade da sua empresa, o senhor Francisco Xavier, instalado na cadeira de balanço, conservava dentro de si a úlcera do abandono da esposa, que o trocara, em Moçambique, por um centenário que fedia a estábulo.

- Porque é que não vais lá buscá-la?, perguntou Fernão Mendes Pinto numa das primeiras sextas-feiras de cada mês em que acertavam a escrita e dividiam percentagens, sob o olho tutelar do pescador que puxava a rede no seu móvel. Quem sabe se esse velho não morreu.

O senhor Francisco Xavier comprou um fato colonial e um cabaz de roupa a uma família de ciganos que atravessava o Paço da Rainha num cortejo de charretes esfarrapadas, com mulas trémulas de fome a tossirem nos varais. Ofereceu uma das mulatas mais jovens a um capitão de D. João de Castro, que embarcava para a Índia no fito de conquistar Diu, e que enquanto aparelhavam as naus de barris de pólvora e de grandes canhões de bronze com baixos relevos marciais esculpidos à mão por ourives de teimosa minúcia, se demorava no Intendente a conversar sobre a Ásia com putas distraídas, mais atentas ao interesse dos automóveis do que à enfadonha teoria das catapultas, e vai daí consegui um lugar numa traineira empenada, que parou várias vezes em África a fim de sepultar na areia os gajeiros mortos de peste e embarcar pacotes de amendoim, uma dúzia de vacas vivas e um pelotão colonial de indígenas pintalgados, munidos de peles de tigre blindadas e de zarabatanas de curare. O senhor Francisco Xavier escapou-se a coberto do vaivém dos estivadores e seguiu para a Beira transportado aos ombros por um negro descomunal que protegera anos antes Mouzinho de Albuquerque com a simples presença dos seus bíceps. No decurso de

um atormentado trajecto de cinco meses e três dias cruzaram-se com guarnições despenteadas catando-se de lêndas na praia, com missionários que explicavam aos hotentotes o mistério da neve servindo-se de comparações extraordinárias, com um Rei Mago transviado no seu camelo e que buscava em vão, no céu de cintilações incontáveis, a estrela de Belém, com baús dados à costa, cheios de bolinhas de naftalina e sobretudos, e com sereias crucificadas nos recifes com amêijoas no lugar do coração, até alcançarem a Beira inclinada para o mar de cerâmica da estação das chuvas, as palmeiras das ruelas que desembocavam no odor de salitre e lubrificante de vapor do porto, edifícios de colunas habitados pelo silêncio dos tempos idos, pelos parasitas e pelas larvas das roseiras, sem contar as locomotivas que dilaceravam os cortinados de mata e fungavam, como rinocerontes, junto a nós. O senhor Francisco Xavier despediu o negro que se sumiu de imediato nos pirilampos das tabernas do bairro operário onde dormiu com seis mulheres ao mesmo tempo, e dirigiu-se ao descampado sem consolo das cabanas de zinco e das rulotes de circo, longe das ondas, e que os prédios novos haviam começado já a devorar, à procura dos dois palmos de quintal do meu compadre e das nabiças tesouradas pelos molares dos caracóis. As solas, ó povo de Deus, reconheciam a mancar as covas das calçadas. Meninos de membros filiformes entretinham-se nos regueiros em brincadeiras secretas. A chuvinha picava sem ruído o capim dos telhados.

O padroeiro de Setúbal deu várias voltas no descampado, desorientado por habitações recentes, escadinhas inesperadas, rostos e monturos que ignorava, um esboço de cemitério depois da última tenda, onde se alinhavam, na erva, oito filas de crucifixos de pau. Perguntando aqui e ali foi-se aproximando do cheiro de cidreira e égua nova do corpo da esposa, que terminou por descobrir numa picada de gatos vadios, habitando uma construção de lona em cujo interior a branca, de pés nus, a piscar as pálpebras inchadas de fumo, remexia a sopa de uma caçarola nauseabunda. Latas de begónias, ainda com rótulos

antigos de chocolate em pó, murchavam num oval de janela. O tabuleiro das bugigangas de artesanato do meu compadre cobria-se de larvas a um canto. Quando empurrei a porta e as articulações dos gonzos cederam e saltaram, a mulher olhou-me sem espanto, preocupada com a fervura do caldo.

- És tu?, disse ela afastando com o calcanhar a curiosidade de um frango.

Envelhecera tanto naqueles meses que se aparentava agora às avós dos álbuns cujas rugas confusas e cujas inexplicáveis pupilas parecem provir dos países estranhos do outro lado da lua, onde os objectos mais transparentes se entendem do avesso e se utiliza uma arreesada linguagem sem vogais. O contacto com o meu compadre (ali s reproduzido a sépia numa estante, de moldura cortada em diagonal pela tarja preta do luto) amarelecera-lhe a carne, embaciara-lhe a pele, endurecera-a de joanetes na trança dos chinelos, e o senhor Francisco Xavier defrontou-se com uma criatura de idade improvável a mastigar papas com a esponja das gengivas, irritando-se com as galinhas que esqueciam os ovos na palha dos colchões. Perdera as coxas e os rins majestosos de outrora, e arbustos de pêlos grisalhos floriam-lhe nas pernas. A chuva de sempre tombava nas ruelas de gatos onde um ou outro augusto do circo dos chineses, tonto de bêbedo, se embaraçava nas polainas de verniz. O senhor Francisco Xavier tirou de debaixo da cama, que tresandava ainda os paludismos do morto, uma arca de contramestre de naus, e procurou na cabana, ao acaso, as roupas coçadas da branca, que o fitava de cima do lume numa inércia vazia. Juntou saias, botinas, duas blusas, uma escova de cabelo a que faltavam crinas, uma cigarreira de esmalte com anéis e pulseiras de tartaruga dentro, um fio com o nariz oxidado de S. João de Brito, entornou tudo no forro de sarja da arca e ajustou os grossos fechos de metal. A seguir estendeu uma camisola e umas calças à esposa, ordenou-lhe Veste-te, tomou uma sombrinha cujo cabo era uma nuca de cão com sobrelhas de marfim, accionou as varetas quebradas e ao regressar, meia hora depois, pingando o perfume de trevo do

inverno, tinha impingido a casa e as esculturas de pacotilha a um trapezista que conservava ainda algum dinheiro para o vinho da noite. A esposa esperava-o sentada no baú, com um sossego neutro nas bochechas cansadas.

- Para onde vamos?, perguntou ela numa voz doente ao longo da qual as sílabas se alongavam numa preguiça de larvas.

Segurando o caule da sombrinha acima da cabeça o padroeiro de Setúbal percorreu-lhe com o desprezo da vista, a boca esdrúxula, o peito sem veemência, o ventre bambo e os quadris de borrego, antes de se deixar cair com pompa num banquito de coiro:

- Trabalhar de puta em Lixboa, informou ele a escorrer água suja das abas do casaco. Pode ser que a minha mãe faça alguma coisa de ti.

Quando Vasco da Gama chegou de camioneta a Vila Franca de Xira, com o baralho da sueca na algibeira, a fim de se empregar no comércio das solas, encontrou, em lugar das árvores e das casas e das ruas de que à noite se lembrava em África com a meticulosa precisão da saudade, uma terra de que sobrava o gume dos telhados e o pagode do coreto, submergida pela imensa extensão de água parada do Tejo, que afogava quintas, vacas e muros, empurrada pelas chuvas de Novembro. Famílias abraçadas ao topo dos álamos viam passar à deriva, em remoinhos de lama, corpos dilatados de cómodas, mulas e cães, contraixos de músicos para sempre desmemoriados das pautas, mulheres de dedos imóveis em gestos de costura e canecas que diziam Recordação de Loulé, enquanto aguardavam a ajuda improvável das lanchas dos bom beiros. A camioneta immobilizou-se a salvo, depois de evitar cascatas, ribeiros secundários e seixos despenhados, num cabeço onde um nordeste sem rumo queimava de odores sulfúricos as raízes dos arbustos, os passageiros desceram a Lactar com as solas o desnível dos degraus, e o reformado, palpando as cartas de jogar no bolso e distinguindo logo, pela simples inspiração do dedo, os valetes de trunfo dos ternos sem valor, acomodou-se numa pedra esperando que o rio

abandonasse lentamente a vila num refluxo semelhante ao engolir do cuspo, para que a banda recomeçasse no coreto uma valsa interrompida, as pessoas caminhassem de novo pelas ruas, as farmácias e as ervanárias retirassem os taipais de rede das vitrinas, e o calendário, quieto, tornasse a funcionar a partir de um qualquer domingo aleatório, deliberado pelo indicador do presidente da Câmara achatado às cegas num mosaico de números. O sobrinho da loja de sapatos surgiria à varanda a cumprimentá-lo com os cerimoniais, habituais, pálidos olhos de pónei convalescente, reconheceria a escola primária, a academia musical, a praça de toiros, o largo do mercado, o aquário de tritões grisalhos do museu marítimo incompleto cujo projecto encalhara há séculos na gaveta dos ofícios por despachar em que o chefe de secção metia o salame do lanche entre os pareceres dos engenheiros, e permaneceria a noite inteira no café do centro para uma busca feroz com o empregado do notário que antecipava os seus ases aos meus e adivinhava sem piedade as minhas damas sob o testemunho do rádio apagado e de um cacho de espectadores siderados.

- Porra, consolou-se ele a vigiar com ódio o recuo do Tejo: apesar de tudo nomearam-me conde.

E lembrou-se de quando o chamaram ao Paço, lhe entregaram uma frota e o mandaram à Índia, oferecendo-lhe, para o ajudar, um maço de mapas de continentes inventados, pilhas de relatórios mentirosos de viajantes pedestres e um capuchinho de cilício e terço em punho, investido da tarefa específica de benzer os moribundos. Lembrou-se do Restelo de manhã, à hora da partida dos veleiros, da corte instalada num palanque com um toldo de franjas para o ver largar, das aias que beliscava às cegas nos jardins do palácio, confundindo o seu odor de pedra-pomes com a essência de passiflora da rainha. Lembrou-se dos bispos paramentados a ouro, do núncio apostólico e dos seus óculos escuros de mafioso taciturno, das decotadas embaixatrizes de países longínquos, do

mercado a assistir, suspenso, ao levantar das âncoras. Lembrou-se dos corvos que recitavam o Hino da Carta nas tabernas, lembrou-se do povo, ai, do povo, a acenar bandeirinhas verdes e encarnadas, da velha que me atirou uma bênção angulosa de profeta ao bolinarem já para as correntes da barra, mas teve de esperar trinta e um dias na sua pedra do cabeça, a jogar contra si próprio numa infinidade de erros calculados e manobras dilatórias, sem lograr nunca vencer ou ser vencido, até o Tejo regressar ao seu leito e Vila Franca surgir inteira da lama, dos corpos à deriva e das amoreiras quebradas, tal como a conservou dentro de si em cinquenta anos de África, já esquecido do aguarelista pedinte do metropolitano que o desenhou a ele e aos outros capitães no momento da saída, uniformizados como as equipas de andebol antes dos encontros decisivos.

Com o recuo da inundação o povoado de que apenas avistava fragmentos através da camada ocre da água retomou sem transição o quotidiano de sempre, e a meio da encosta Vasco da Gama começou a escutar os martelos e os motores das oficinas, o som de bosque do recreio da escola e as mquinhas de escrever das repartições do Estado, ao mesmo tempo que um filarmónico idoso trepava as escadas do coreto, se instalava numa cadeira de ferro, puxava do estojo um clarinete muito antigo e soprava sozinho, no centro do estrado da música, uma valsa leve como as bainhas dos vestidos, erguendo de tempos a tempos o queixo para o maestro que não havia. Os bois inchados tornaram às dimensões normais pastando a erva junto ao rio em que atracavam barquitos a remos de pescadores de enguias e onde as tágides vinham compor à tarde os carrapitos de moliço dos cabelos.

Chamado pela teimosa valsa do pífaru o conde entrou na vila como os mortos nos sonhos, reconhecendo aldrabas de porta e pormenores de cantaria e admirando-se dos bairros nascidos no decurso da sua ausência de navegador no Oriente, quarteirões modestos que cheiravam a sopa de grão e a montepio, baloiços desconjuntados em jardins de margaridas e moradias, sem pau-de-fileira para os arrotos dos bêbedos. Fios eléctricos

pautavam o céu, destinados às colcheias dos pássaros. E havia a novidade de negros chegados da Guiné e de Angola pedalando, de uniforme de boletineiros, nas bicicletas do correio.

A sapataria, que abandonara ao emigrar sob a forma de um esconso furtado aos coitos dos morcegos, ocupava agora um quarteirão inteiro de vitrinas sobrepujadas por uma insígnia de néon, e no interior do qual dezenas de caixeiros ajoelhavam, como vassallos, defronte das peúgas dos clientes aboborados em tronos de veludo amarelo. Uma senhora digna procedia a cálculos tilintantes na caixa registradora cuja gaveta saltava em impulsos de mafarrico. O sobrinho, de jaquetão de fazenda da Covilhã e pérola lacrimosa na gravata, vestido como para um baile de cangalheiros, presidia, de mãos atrás das costas, a revoadas de botinas, e foi a contragosto que tangeu adiante de si aquele rupestre bisavô de espada para lhe mostrar um quarto das traseiras do estabelecimento, com um postigo pegado ao tecto e um fio de luz mirrada a passear, como água que se derrama, nas frinchas do soalho, na condição de não desprestigiar a família exibindo nas ruas de Vila Franca as suíças de neptuno vetusto. Vasco da Gama, sem se ofender (Nem o parvo do rei julgava que eu voltasse), experimentou com o joelho o colchão de arame da cama, empilhou na mesinha-de-cabeceira os biscoitos necessários à tumultuosa travessia de longas noites marinhas, e quarenta e oito horas depois era visto numa leitaria a depenar à sueca a imprevidência dos campinos. Ganhou dessa forma uma charrua, dezoito cavalos, uma manada de chocas, arreios desemparelhados, uma gramática berbere encadernada, um andar mobilado em Caneças, vários lugares de sombra-sol para corridas à escolha e a própria ambulância dos bombeiros, conseguida por subscrição pública, ao derrotar na última vaza, por meio ponto, o chefe da corporação com uma quina mágica. Quando o sobrinho viu entrar os bichos pela porta giratória da loja num pandemónio de chocalhos, apavorando os caixeiros e os compradores em palmilhas que escalavam a toda a pressa as



prateleiras mais altas, quando escutou o assobio terrível da ambulância estacionada no passeio, rodando a angústia sem fim das lâmpadas do tejadilho, propôs ao navegante comprar-lhe o produto do seu lucro na condição de empreender de imediato uma segunda viagem à Índia no fito de que o octogenário sucumbisse na Ilha dos Amores, gasto por um cardume de ninfas insaciáveis.

No entanto o conde, aborrecido de tempestades e pelagras e farto de curar os males venéreos de Goa com banhos de ácido que lhe pelavam o escroto e o impediam de andar semanas seguidas, afeiçoara-se à vila da sua adolescência que as marés do Tejo exibiam e tapavam em golpes de ilusionista, e às chocas que retouçavam tacões, biqueiras e embalagens de papel de seda sob o ruído infernal da ambulância. Adquirira o hábito de se passear a cavalo, à tarde, pelos largos da terra, exibindo cartas e desafiando forasteiros para duelos de manilhas, e assim se tornou proprietário da fábrica de gás butano, da electricidade do Cartaxo, das misturadoras de cimento do distrito, da agência funerária, de sete ganadarias, do hospital da Misericórdia e da maior parte dos estabelecimentos de comércio entre Tomar e Santarém. Concebeu o plano medonho de se apoderar de Portugal morgadio a morgadio e cidade a cidade com a sorte dos trunfos e a sua jurisdição delirante estendia-se a Portalegre onde detinha o tribunal e três quartos dos vereadores da Câmara quando o rei D. Manoel, instado pela preocupação das cortes, o chamou a Lixboa e lhe participou que o nomeara comandante de uma expedição de biólogos sudaneses enviados de submarino ao Pólo Norte a fim de estudarem as leis genéticas da reprodução dos pinguins.

Havia quarenta e dois anos que Vasco da Gama não falava ao monarca, e após meses sem conto na sala de espera, a ler revistas de consultório médico misturado com executivos de colete, astrólogos de capa de estrelinhas, representantes de partidos políticos maioritários, minoritários e inexistentes, uma jornalista italiana e a delegação do sindicato

dos panificadores envolta no pó-de-arroz da farinha matinal, encontrou um príncipe envelhecido afastando as moscas com o ceptro, de coroa de lata com rubis de vidro na cabeça e hálito de puré de maçã de diabético, acocorado no banco de uma janela gótica aberta para os galeões da sua esquadra, que contemplava, desinteressado, na melancolia das gripes. O mosteiro dos Jerónimos, concluído há decénios, transformara-se de imediato num monumento arcaico votado aos casamentos dos domingos e à patética celebração de glórias defuntas, no qual os escarpins reboavam, sobre as lajes côncavas, num fragor de estampidos. No extremo do compartimento um grupo de nobres minhotos discutia com gravidade a desvalorização deslizante do escudo. Um sol magnífico iluminava os telhados de Santa Catarina, rebolando numa desordem de presépio para um vale transparente cruzado pela ponte de auto-estrada. Os patos migravam para sul em pelotões triangulares, fugindo à amargura do outono. Bandos de pombos iam e vinham num rumor de tafetá. Um infante de três anos arrastava o automóvel de folha no tapete. O almirante beijou a mão do rei e permaneceram ambos a mirar em silêncio a textura de orvalho matinal da tarde de setembro.

- Esquece-te dessa invenção dos pinguins, disse o príncipe a enxotar varejeiras, suando líquidos de velho sob a coroa ridícula. O que se passa é que senti a tua falta. O reformado pensou que quase tudo mudara em Lisboa desde que embarcara para Angola, a habitar no meio da violenta solidão dos negros. Uma epidemia de moléstias ribeirinhas extinguiu praticamente as tágides, reduzidas a um pequeno cardume de sereias grisalhas que se alimentavam dos esgotos de Chelas e do sedimento da Siderurgia, jogado às ondas por intermédio de uma complicada rede de canais. O povo abandonava os castelos e mudava-se para o Luxemburgo ou a Alemanha, à procura de trabalho em fábricas de automóveis e de moldes de plástico. Os duques geriam sucursais de bancos na Venezuela.. Os oficiais da escola de Sagres fumavam mortalhas de heroína e exploravam bares em

Albufeira. E se os castelhanos invadissem o reyno topariam apenas com ingleses indiferentes no golfe do Estoril, sentinelas a caírem de sono no portão do Estado-Maior do Exército e mulheres vestidas de preto nas aldeias desertas, espalhando as saias em redor de banquinhos de pau, a olharem para o interior de si mesmas um oco absoluto.

Os biólogos acabaram por partir sem o conde numa fragata que se esfumou do radar por alturas da Escócia, esfacelada num promontório perverso, no mesmo dia em que Vasco da Gama e o monarca, enganando os guarda-costas tumefactos de pistolas que os americanos alugavam ao mês, saíam sozinhos na direcção de Marvila conversando de descobertas e de deusas. Tinham envelhecido tanto que a gente da cidade, que os não reconhecia, seguia estupefacta aquele casal de anciões mascarados com as roupas bizarras de um carnaval acabado, de punhal de folha à cinta, mocassins bicudos de veludo, gibões de riscas e longas madeixas cheirando a orégão de copa, em que proliferavam parasitas de outros séculos. Os miúdos da Penha de França e do Beato rodeavam-nos de uma chufa de curiosidade divertida. As vendedeiras de hortaliça, espantadas, cristalizavam a meio o grito dos pregões. As cores dos sem foros desorganizavam-se à sua passagem, originando uma confusão de trânsito de táxis, caleches e camionetas de carga que se insultavam com ódio. Pararam para uma sanduíche e uma cerveja numa leitaria ao lado de uma bomba de gasolina sob as árvores, e avistaram, por cima dos telhados, velas ancoradas e estandartes de paquetes que gaiivotas eternas, as mesmas que assistiram à conquista de Lixboa por D. Afonso Henriques, cobiçavam. O rei e o navegador, alheios ao cortejo de desocupados que os troçava, rindo-se do ceptro e da coroa de lata, caminharam ao comprido do Tejo no sentido de Cabo Ruivo e do hidroavião roubado às ondas e mantido no seu promontório de calcário com pedaços de pano traçado pelos pássaros e as múmias dos passageiros atrás dos caixilhos das vigias. Uma dezena de maltrapilhos estendia camaroeiros para as santolas da margem. Tágides a quem as hérnias da coluna mal consentiam nadar catavam-se de

conchas perto do aparato da Petroquímica e do seu odor de tripas amoniacaís. Acabaram por escolher um pontão para além de Chelas, onde não passavam de anciões anónimos enfarpelados de maneira intrigante, e onde moribundas barcaças antigas se cobriam de musgo, de dejectos de arvéola e da claridade de sótão do esquecimento. Percebia-se o sul até ao Barreiro e Alcochete, o monumento a Cristo-Rei, os arcos de ferro da ponte, e a água opaca e turva de tanque de barrela. Para trás deles, na irregularidade colorida de Lixboa, ficavam os armazéns do cais em que os comandantes das galés amontoavam ao acaso escravos índios, rinocerontes, fidalgos amputados por cutiladas holandesas e barris de escamas de tritão, além dos telheiros de pobres que cada ano, nos meses de chuva, se desmantelavam e ruíam. Vasco da Gama e o monarca decidiram-se por um talude junto ao rio, D. Manoel despido da coroa de lata e do manto de arminho e o marinheiro desembaraçado do peso da espada, e sentiram-se finalmente iguais, na sua decrepitude e no seu cansaço, ao cabo de tantas separações, equívocos, amuos e intrigas de escudeiros. A fragata dos pinguins cruzara a barra há muito, transportando a sua carga e de biólogos de bata, incubadoras de radiações ultravioletas e atlas científicos, a corte cochichava longe deles no restaurante de baptizados do castelo de São e Jorge, a arraia-miúda juntava pedregulhos e fervia , cafeteiras de óleo de girassol para a defesa da cidade, e nós ali, sozinhos, no silêncio e na paz da tarde, examinando as tágides sem força para lutar contra as marés e impregnando-nos lentamente de uma doçura de trevas. As pálpebras de galo idoso de Sua Majestade encontraram as minhas, por igual pregueadas e pisadas, e por momentos assaltou-me a ideia absurda de sermos um único indivíduo que se observava ao espelho, surpreso dos adereços das golas, dos brincos e das fivelas de oiro, de cócoras rente à água a salvo de cortesãos e aduladores, mais vulnerável e frágil do que um grumete em desgraça. Preparava-me para contar ao rei os meus anos de África, o embarque da tropa, os guerrilheiros que chegavam do interior para ocupar Loanda. Falar-lhe do ventre

gorduroso da baía, das nuvens de pássaros brancos de janeiro, do cheiro das mulatas às quatro da manhã, Senhor, que se as tivesse provado não se esquecia mais, e das súbitas auroras de milagre dos trópicos. Queria dizer-lhe, à medida que as tágides se evaporavam, uma após outra, no betume das ondas, do meu regresso a Lixboa num porão de lençóis ensopados de vômito e de enervada miséria, quando a alteza se levantou para trazer uma tábua de andaime abandonado e os tijolos que sobejavam da muralha de um posto da guarda. A duzentos metros de nós as sentinelas acendiam as lanternas das naus. D. Manoel arrumou a prancha sobre os tijolos e limpou as mãos à cetineta das ancas:

- Mostra aí o baralho, disse ele. Sempre quero ver se continuas a fazer batota na sueca.

De início não gostou do Largo de Santa Bárbara porque não se via o mar nem se escutava o choro de cachorrinhos das morsas crianças procurando percebes nos recifes, mas quando, de manhã, à hora de se deitar, o sol pegava fogo às marquises do Bairro das Colónias, Manoel de Sousa de Sepúlveda principiou a habituar-se à ausência das ondas e aos autocarros e coches de viscondes que substituíam os navios ancorados no miasma de galeras afundadas do Tejo.

Às dez da noite entrava no Bar Dona Leonor (homenagem à esposa sob o seu anjo de pedra no país dos antropófagos) e dirigia do balcão uma manada de raparigas lânguidas e de septuagenários desbocados que a idade assanhava, os quais trepavam a artrite ao longo de coxas cobertas de meias de seda em que rebentava uma carne de talho. Instalado na ponte de comando do balcão, protegido por espelhos, gargalos e cálices, Manoel de Sousa de Sepúlveda falsificava os coqueteiles acrescentando-lhes um terço de xarope de botica ou uma medida de loção contra a calvície do droguista vizinho, tomava o pulso às bebedeiras para impedir estragos no veludilho dos bancos, regulava a intensidade da música consoante a temperatura da clientela, e às três da madrugada, quando Afonso de Albuquerque ou D.

Francisco de Almeida, de cigarrilha nos dentes, alastravam sobre as mesas a imponência das barbas, colocava no prato do gira-discos antigas canções de marinheiro para amainar o azedume dos vice-reis depostos. Às cinco horas, no bar que constava de dois pisos cavalgados em cujos coxins se estendiam a hibernar, moídas pela papeira dos filhos, as mulatas do senhor Francisco Xavier, gajeiros e empregados bancários pastavam as orelhas das mulheres, escondidos por tabiques de fórmica, ao som de marchas guerreiras cujos bemóis amortecidos chegaram remotamente a Moçambique e ao Japão. Às cinco e meia, quando a primeira claridade lutava com os candeeiros da rua e os vice-reis, derrubando copos, discutiam a estratégia de Trafalgar, o padre António Vieira, sempre de cachecol, expulso de todos os cabarés de Lixboa, procedia a uma entrada imponente discursando os seus sermões de ébrio, até tombar num sofá, entre duas negras, a guinchar as sentenças do profeta Elias numa veemência missionária. Às seis os empregados recolhiam os pratinhos de amendoim, de pipocas e de batata frita, despejavam os cinzeiros, varriam os cacos, e os clientes cegavam, estremunhados, com as janelas abertas da discoteca vazia, enquanto as mulatas trepavam a encosta a caminho da Residencial Apóstolo das Índias, esbarrando em polícias aluados. Na Avenida Almirante Reis dactilógrafas transidas aguardavam os autocarros para a Baixa. Um clarim acordava os cadetes da Academia Militar, que arregaçavam as fimoses a sonharem com sílfides nuas, de umbigos perfeitos, espojadas nos seus lençóis de magalas. As camionetas do lixo ruminavam detritos, baloiçando os quadris dos semieixos para os estábulos da Câmara. Uma morrinha impiedosa desbotava o toldo azul e branco da boite. De pé, à entrada da porta, de sobretudo e calças de fantasia, cercado de taipais de lojas fechadas, vendo o padre António Vieira abençoar Arroios num aparato papal e os vice-reis partirem às guinadas num bailado precário, Manoel de Sousa de Sepúlveda experimentava sempre um resignado sentimento de angústia só comparável ao que sofrera, meses antes, na Costa da Caparica, arrimado às hastes oxidadas da bola do

Creme Nívea, à medida que as vagas da aurora trotavam na praia e os ciganos convergiam para ele as silhuetas de luto. Achava-se tão só que oferecia ao táxi o dobro do preço da corrida a fim de o transportar a toda a pressa ao rés-do-chão do Campo Pequeno onde morava, se despir aos arrepeios e permanecer horas e horas deitado de costas, de olhos no tecto, a escutar, apavorado, os ruídos dos vizinhos.

Montara o bar e alugara a casa com um cheque da Bélgica guardado por distração noutra algibeira, e de que o caixa do banco desconfiou uma semana por lhe ser entregue por um sujeito descalço e seminu, a tapar as sardas do peito com as tiras da camisa. Mas no mês seguinte, lavado e barbeado, com um magnífico fato inglês e uma gravata de seda, pagava o trespasse da discoteca aos netos do antigo dono, atirado para um lar de inválidos por uma trombose oportuna. Substituiu as cortininhas rotas por rosáceas de igreja, instalou grinaldas rotativas que acompanhavam os tangos, escolheu os porteiros e os empregados de mesa entre estivadores de confiança habituados a enfrentar brigas de porto e greves memoráveis, entendeu-se com Fernão Mendes Pinto e o senhor Francisco Xavier sobre os pormenores de recrutamento e manutenção de um contingente razoável de mulatas, e mobilou o andar do Campo Pequeno com novos fósseis africanos e novas azagaias de antropófagos pescadas nos antiquários de Lixboa. Como nunca logrou reconstituir a sua numerosa colecção de conchas de rio onde as sereias cantavam baixinho saudades indistintas, substituiu-as por fotografias de cavalheiros de patilhas e de damas de sobrolhos terríveis, compradas em feiras de província no desejo de inventar para si mesmo o passado que perdera, e acerca do qual criou com apaixonado vagar os detalhes mais supérfluos, banindo o Jardim das Amoreiras e o pai retroseiro e fabricando uma infância de banhos termais nas Caldas da Rainha, acolitado por uma avó chamada Elisa, sempre munida de bombons estratégicos e que sofria dos rins. Conservou apenas o nome Manoel de Sousa de Sepúlveda (embora em períodos de fervor místico projectasse alterá-lo para Fernando de

Bulhões) e a cabeça empalhada do toiro da casa da adolescência verdadeira, que o irmão lhe cedeu no alívio de quem se desembaraça de um trambolho. Teve de sulfatá-la devido às joaninhas que se lhe anichavam nas narinas e às borboletas que devoravam a pele tensa do queixo, e de expô-la ao sol, na marquise, entre a roupa molhada e a máquina de lavar os pratos, para a despir das últimas pestilências dos insectos. Pensou, admirado, a chupar o seu licor de amora na poltrona da sala, que morara anos e anos no interior desse cheiro como se respirasse na urna pegajosa de uma noviça decomposta. Recordou a mãe a arrastar pelos tapetes, de suspiro em suspiro, os tornozelos de lagarto, o pai que expelia libelinhas pela boca e o irmão que dormia ameaçado por lagartas fantásticas, compreendendo que o morrilho de toiro, adquirido por um tio bandarilheiro num leilão de penhores, era não só dono deles como da casa inteira, e lhes espiava os gestos mais triviais com as provocadoras e estúpidas pupilas de vidro. Principiou então, entre ele e o boi da parede, um combate que se prolongaria até à morte do fidalgo, medindo-se numa indiferença simulada de armário em armário, observando-se rancorosamente numa quietude total, odiando-se com ferocidade sobre a toalha estampada do almoço. Se acordava para urinar, segurando a mãos ambas o odre da bexiga, o bicho obrigava-o a expulsar pela uretra ciscos tão aguçados como pingos clorídricos, que abriam caminho, através da sua carne, numa violência abominável que ecoava por muitas horas nas tripas, até que, não aguentando o sofrimento, ofereceu a cabeça, sem qualquer explicação, ao padre António Vieira, e viu-se obrigado a recuperá-la oito meses depois, em virtude de impositivas disposições testamentárias, juntamente com um Cristo aborígene e unia reprodução da Guernica, de joelhos comovidos apoiados à cama do letrado sacerdote, falecido de terçãs contraídas em selvas em que as pétalas se aparentam a caninos de hiena e as árvores da borracha apagam com as folhas os derradeiros vestígios da saudade.

Desembaraçado por uns tempos da presença aziaga do toiro que impedira o pai de



enriquecer e o mantivera serão após serão preso ao jornal dos resignados, a sua prosperidade aumentou no ritmo inconcebível das epidemias. Num único semestre tornou-se dono dos bares de Areeiro, do Paço da Rainha, de Arroios e da Avenida Almirante Reis; explorava as pensões das redondezas, onde as patroas aceleravam o entusiasmo dos clientes batucando com os riozinhos dos dedos nas portas; governava as tabernas do amanhecer, que ajudam a diluir a descrença da aurora; estendeu-se ao Martim Moniz onde se fez sócio das lojas de industriais que impingem pelo Natal jóias de pechisbeque ao som de sininhos de corda; mesmas ninfas de Santa Apolónia e do Cais do Sodré, que se evaporavam com a madrugada no gesso do rio, lhe pagavam em maravedis vinte por cento dos seus lucros, sem falar nas que arrastavam Os decotes murchos para os marcos quilométricos das auto-estradas, a oferecerem aos camionistas o prazer morto do sexo. Emprestou dinheiro a D. João de Castro para urbanizar Goa, forneceu a Camões a possibilidade de uma edição de bolso de Os Lusíadas, com bailarinas nuas na capa, publicada numa colecção de romances policiais, ajudou o poeta lírico Tomaz António Gonzaga na benfeitoria do seu comércio de escravos, e envolveu-se na Guerra das Rosas, tomando partido pelas duas famílias, na esperança de casar-se com o inglês de Linguaphone de uma duquesa ruiva. E todos os dias, às nove da manhã, depois de conferir a caixa e arrecadar o dinheiro, se deitava com a impressão de haver esquecido qualquer coisa obscura em qualquer sítio familiar, como se tivesse empurrado a porta deixando o molho das chaves do lado de dentro.

Apesar de milionário e mui privado de el-rei nosso senhor, que o sentava à sua beira durante os autos e farsas do ourives Gil Vicente, que lhe aparecia às vezes no bar de bolsos cheios de apontamentos e de versos e escolhia invariavelmente a cabrita mais mal vestida e mais feia que o padroeiro de Setúbal enviara nessa noite, Manoel de Sousa de Sepúlveda, que presidia ao conselho fiscal de uma companhia de Seguros, empilhava dólares na Suíça e tratava Afonso de Albuquerque por tu ou por Chega aqui ó vice que ainda não te vi as

barbas (e o outro levantava-se e aproximava-se, encolhido no gibão com um arzinho submisso), apesar da amizade que fizera numas férias algarvias com o britânico, marido de uma antiga freira de chapelinho ridículo, Martinho Lutero, não lograra comprar a última discoteca do Largo de Santa Bárbara que lhe faltava, uma cave com um respiradoiro à altura dos tornozelos dos passantes, mais húmida e desconfortável do que os subterrâneos das igrejas onde os vampiros põem ovos na alfazema da estola dos padres, com duas ou três deusas a fumarem no escuro, chamando com a brasa do cigarro os clientes que navegavam numa água de trevas sem destino, alegados pela gengiva desafinada de um acordeão.

O dono, um homenzinho pequenino, de boné à Lenine na calva, respondia ao nome de Nuno Álvares Pereira e fora, na juventude, condestável do reyno e a seguir religioso em São Domingos, antes de se cansar de missas e Te Deuns cantados a bater o queixal numa nave gelada, devolver à Ordem as sandálias que lhe aleijavam os pés e o burel que lhe causava urticária sem o defender do frio, recuperar a gabardina profana, pedir um empréstimo ao Duque de Bragança, seu genro, adquirir a Boite Aljubarrota na esquina da Avenida Almirante Reis com a primeira travessa do Largo, e enterrar-se na mesa mais afastada da porta a observar o escuro, na companhia de um capilé aguado, escutando, imune às repreensões da filha, a orquestra que tocava, num estradozito oblíquo, as cantigas de amigo do senhor D. Dinis.

Manoel de Sousa de Sepúlveda visitou-o várias vezes no seu apartamento da Rua Barão de Sabrosa com a teimosa ideia, eternamente adiada, de conseguir a discoteca do religioso e o seu respiradoiro exangue, e obter dessa forma o monopólio de valsas e tangos de Lixboa. O antigo abade morava num cubículo de porteira encaixado no vão de uma escada, com uma saleta de cómodas mancas e de retratos autografados de marqueses, um quartinho diminuto em que passeavam as órbitas milenárias de um cágado, e uma pia sob

um telheiro de zinco no qual escolopendras e camaleões reboavam, atrás de um caco de espelho, em brigas silenciosas. O condestável, empoleirado num banco de cozinha, de capilé chocho na mão, escutava-lhe os argumentos numa imobilidade inexorável, mirando-

o com a sua dureza de soldado que parecia contemplar, para além dos acenos do outro, cavaleiros de longas vestes a galope num prado de urtigas. Vivera anos demais para acreditar em malabarismos de negociante ou manobras de adulação sedutora, e os excessivos limos dos seus ossos tornavam-no imune ao raciocínio e à lisonja e apenas permeável à frescura das endechas de amor de um rei sepultado em Odivelas, no colégio em que as filhas dos militares aprendiam a decorar os afluentes da margem direita dos rios da Europa e o mistério sem solução das tábuas de logaritmos. Manoel de Sousa de Sepúlveda, sem tempo para espiar, como em Malanje, os liceus de meninas, topava com as negativas o condestável que de tempos a tempos lhe ordenava que se calasse no intuito de escutar, da banda do quintal, um sonzinho inaudível:

- Ouve?, perguntava-lhe o tropa à procura do montante nas gavetas da roupa. São as trombetas do acampamento castelhano.

Para melhor o persuadir demorava-se todas as noites na Boite Aljubarrota, também de capilé morno na mão, somando argumentos irrespondíveis e inúteis entre dois boleros cansados. Uma madrugada em que o antigo frade lhe falou, pela milésima vez, nos trombones espanhóis, Manoel de Sousa e Sepúlveda, enervado com a sua resistência sem motivo e as suas alucinações senis, estoirou um murro desesperado na mesa:

- Trombones uma ova, berrou ele, possesso. Em que século é que você julga que vive?

As mulatas, assustadas, estremeceram nos adereços dos decotes. A luz poeirenta do respiradoiro afogou a concertina, e com a claridade do dia percebeu-se o mobiliário escavacado, o reboco amarelo, o tecto inseguro, o brilho infeliz das estrelas de papel. O empregado do bar, de feições amarrotadas por muitas horas de gin, seguiu desfardado para a rua no andar perdido dos mochos sem nócio. As mulheres desciam como lesmas para o balcão do vestiário à procura dos casacos de coelho. As lâmpadas apagaram-se uma a uma,

extintas pelo ventinho de navalhas da aurora, e Manoel de Sousa de Sepúlveda achou-se derrotado diante do militar inquebrantável, nem sequer vergado ao peso de toneladas da manhã.

- Propus-lhe um negócio da China, disse ele ao Condestável que poisava o capilé na mesa de fórmica, guardando as cigarrilhas baratas na algibeira. Mas o senhor não entende nada de dinheiro.

Nuno Álvares Pereira trancou o estabelecimento a cadeado e seguiram juntos, a pé, na direcção do Campo de Santana, ao longo da cidade deserta que os funcionários municipais, de ancinho, limpavam de lixo e folhas de amoreira que a brisa dispersava. O soldado, de samarra, tolhido pela lordose, deslocava-se a custo como as beatas das missas, e nas imediações do Conde Redondo, no qual troiavam formas pardacentas, puxou a manga do sobretudo caro, de camelo de emir, de Manoel de Sousa de Sepúlveda:

- Não os ouve agora, aos espanhóis?

E a cara era tão séria e tensa e a sua expressão de tal forma determinada sobre a pilha de desconchavo dos ombros, que Manoel de Sousa de Sepúlveda se plantou no cascalho, à escuta, na mira de sentir, dos lados da Judiciária, o tinir das armaduras invasoras.

Dos luxos de mesquita ou de bordel francês do Hotel Ritz transferiram-nos para uma pensão em Colares, com muitas bandeirinhas de países diversos nas fachadas e lençóis rasgados e muros sujos pelos que regressaram de África antes deles e passearam no tecto a lama verde das botas, e depois para outra, de dois andares, cem metros mais à frente, em cuja piscina vazia se acumulavam cartuchos de leite e papéis de reбуçado. Ao colocarem a fotografia do casamento numa prateleira e a mquina de costura atrás dos véus do reposteiro, pareceu ao marido que habitavam uma espécie de ruínas de cataclismo ou de cemitério abandonado: os lustres partidos descolavam-se da pintura como cachos de desgosto não completamente chorados; haviam retalhado à navalha a madeira dos

armários; as cicatrizes dos abajures, quase reduzidos às varetas de arame, testemunhavam impiedosos combates com fantasmas árabes; e os elevadores que conduziam directamente ao paraíso no qual São Jorge, vestido de Gonçalo Mendes da Maia, esmagava o seu dragão de esferovite sobre uma nuvem de barro, avariavam-se entre os patamares num gemido de entorse.

Da segunda pensão, onde à noite se respirava o aroma de cadela prenha do mar, distinguido à distância, por cima dos eucaliptos, sob a forma de uma bruma escura que se misturava com o céu e em que dançavam sem peso as grandes naves dos mortos, mudaram-nos, com cerca de mais vinte famílias, para uma casa desabitada da Ericeira aberta às escarpas do oceano, em que a humidade se condensava em passarozinhos da cor da água que as ondas cuspiam de penedo em penedo. Devia ter pertencido a um coronel porque cheirava a sobra de rancho, e ao esconder a máquina de costura debaixo do divã a mulher descobriu umas polainas de infantaria, já sem fivelas, a ganharem crostas de bolor, e talos de rabanete no soalho. Um cavalheiro de risca ao meio e bigodinho aparado, evadido de uma revista de moda do início do século, reuniu-os ao acaso em compartimentos que se encavalitavam numa torre irregular com varandas para os penhascos, para a noite e para a foz do Lisandro, mandou que lhes servissem um café de manhã e uma sopa ao escurecer, e desapareceu para sempre na estrada de Lixboa, a bordo de um jipe conduzido por um marujo mais terráquio do que uma toupeira que desaprendera há muito, ou não aprendera nunca, os barlaventos da aventura.

Nessa época do ano, quase em Outubro, ainda havia meia dúzia de pessoas de férias na Ericeira e alguns toldos na praia gelada, diante de ruelas de chalés semelhantes a urinóis antigos, invadidos por vinhas virgens e escorpiões. O vento trazia consigo os carrilhões de Mafra que soavam como o olhar remoto de avós evaporados. O outono e a cinza do seus fumos fazia-os sentirem-se numa vila quase deserta com raros grumetes nas calçadas

estreitas, traineiras que nunca largavam para o mar e pessoas tão idosas quanto eles no adro da igreja vazia, de santos de talha inclinados em ameaças tenebrosas. O frio oxidava as agulhas da máquina de costura sem trabalho, apesar da esposa arrancar os botões de todas as camisas e de todos os casacos pelo puro hábito de os pregar de novo. Promessas de chuva desuniam as cornijas dos telhados. As árvores definhavam na praça, jogando ao acaso os membros esquartejados de quatro ou cinco ramos em pânico. O café da manhã possuía o sabor do lodo que trepava, de acordo com os suspiros da água, nos ralos amolgados dos bidés. O retrato nupcial era uma mancha já totalmente indistinta, desprovida de qualquer contorno salvo o sorriso imaginado da mulher que corava de vergonha e de surpresa. O marido lembrou-se da última ocasião em que lhe escutara a voz, em Bissau, para dizer, após cinquenta e três anos de África, já não pertenço aqui, e de como tinham perdido por inteiro o costume de falar, dialogando um com o outro por intermédio de um alfabeto esquemático de gestos evasivos, e decidiu convidá-la, apesar da idade, a passar a vida a limpo, desde o início, num ponto qualquer do mundo.

- Até o Pólo Norte, argumentou ele, é de certeza melhor do que esta coisa.

Mas a esposa transitara há séculos para a margem sombria das esperanças, em que mesmo os projectos triviais definham numa indiferença irremediável. O velho defrontava-se com a impressão de que a esposa morava de novo na casinha de Barcelos da infância, estrangulada pelo odor das nespereiras.

Tinha sete ou oito anos, usava vestidinhos claros, e aprendia a tocar violoncelo, à tarde, com uma solteirona sempre a arejar com o leque os calores da virgindade. Arrepiou-o a ideia de se encontrar casado com uma aluna de solfejo, e mais ainda se afligiu quando ela lhe respondeu cerimoniosamente, numa voz cheia das consoantes românticas de uma ortografia antiquada:

- Vá o senhor que eu tenho de ensaiar uma tocata.

Incapaz de suportar o absurdo de ser tio-avô da própria mulher, tentou reanimar-lhe a memória com as lembranças de Bissau, a morte da filha, os longos cacimbos a dois, a dama do andar de baixo que perseguia melgas com tacões de botina, a récita de inauguração do Cine Teatro por uma troupe de Coimbra que representou a Dama das Camélias para um público receptivo às berrarias do amor, saturado de suor e emoção. Porém a esposa, que soltara o carrapito para atar laços de organdi nas tranças grisalhas, escutava-o sem ouvir, agitando os dedos ao ritmo do compasso ternário da música, imersa num casulo de claves sem qualquer postigo. Voltada para as janelas do mar, que com as primeiras chuvas enrolava as folhas das ondas pela praia adiante, aguardava numa ansiedade imóvel a mestra falecida há quase vinte lustros, ou procurava na cama ou sob a colcha o instrumento invisível cujos ecos pareciam repercutir-se no quarto nos intervalos da bronquite. Ao cabo de um mês de argumentos, súplicas, explicações e discursos, deixou-a, enrugada e miúda como uma criança antiga, a desenhar no espelho biselado, com a ponta do dedo, uma confusão de acordes, subiu, no largo de lojas humildes e agrestes prédios de inverno, para a camioneta de Lixboa, tomou assento ao lado de um homem que tresandava a queijo de cabra, e durante três horas cruzou povoados sem nome, bosques de névoa, atalhos desfeitos por Bátegas, o enterro de um conde caído em desgraça junto ao rei, só com uma carruagem de aluguer e uma filarmónica de aldeia atrás, soprando flautas que a morrinha entupia, até que cheguei de novo à capital, não da banda do mar como aquando da torna da Guiné mas pelas oficinas e fábricas do interior, tristes da dolorosa mágoa de janeiro, até o homem que cheirava a queijo de cabra e que dormia de queixo no peito, declarar no seu sono, debaixo da boina, Amanhã vou fazer uma radiografia ao Instituto, os palmitos das tabernas desaparecerem, as avenidas se dividirem e multiplicarem em bairros onde nunca estivera, e o marido compreender que realmente alcançara Lixboa pela incalculável quantidade de conventos e de quarteirões clandestinos, e também pelos serafins iguais a



pombos que se abrigavam nos joelhos das estátuas, alisando as asas molhadas com os beijos celestes.

Nos primeiros meses alojou-se em Benfica, num aglomerado de construções de desperdícios que o muro do cemitério amparava, e ocupadas por cabo-verdianos esquálidos, de navalha fácil, que martelavam nas obras e detinham o odor de putrefacção doce dos coveiros, comum aos parentes remotos, de manta nos joelhos, que se visitam no Natal para antecipar os pêsames. À noite lamparinas de azeite vogavam acima do piso dos becos, meninos e cães misturavam o desespero dos seus choros, e os pretos das camionetas do lixo, de suspensórios fosforescentes, amontoavam-se num simulacro de taberna onde uma rapariga coxa, de carapinha exuberante, puxava garrafas de licor de tangerina de um pedaço de balcão construído a partir do armário de camarote de um lugre naufragado em Caxias, diante do forte dos presos, onde os polícias políticos rarefaziam o ar com os seus arrotos insalubres.

O velho, que conseguira um emprego de desempregado e que se alinhava periodicamente, antes da aurora, com os colegas de profissão, para receber o seu cheque trabalhoso num guichet mais distante do que a Rússia, em que um manga-de-alpaca impaciente resmungava para si próprio frustrações de agiota fenício, enviava à Ericeira metade do ordenado, destinado a pagar as aulas da professora invisível que lhe mergulhara a esposa num abismo de infância pontuado de adágios, e conservava o sobranço para os licores da carapinha, cujo álcool de fruta lhe devolvia, após o décimo cálice, a lembrança da mãe descascando medronhos no banco do quintal. Era já demasiado idoso para acompanhar as quarentonas de ocasião que visitavam a loja, chinelantes e fúnebres, impingindo o relento das virilhas a homens excessivamente bêbedos para se interessarem pelos seus serviços quiméricos, e doía-lhe não poder viajar com elas em colchões desconjuntados, assistindo pelos rasgões do tecto, num espanto de maravilha, ao

progressivo dissolver da noite. Contentava-se em espiá-las de longe através do odor de valeriana dos negros, recordando a primeira ocasião em que entrara, de dentes a chocalhar de medo, num quarto alugado, conduzido por um riso de mulher, e da surpresa com que se sentiu morrer sobre a espuma de dois seios, atormentado pela frustração do desejo e o receio de consultar o farmacêutico ao ver pingar nas calças o ardor das doenças vergonhosas. Quando a coxa, farta de tangerina, enxotava os últimos pretos para a rua de mochos excitados e sombras movediças, despedia-se cerimoniosamente das quarentonas beijando-lhes os anéis de feira das mãos conforme em jovem vira os duques fazer às aias da rainha à saída do cinema ou dos ofícios da Sé, e adormecia de olhos abertos nos lençóis, roçando com o mais secreto dos dedos os ventres nus que povoam as madrugadas de chuva. Todos os domingos projectava deslocar-se à Ericeira a assistir a uma lição de violoncelo, mas as articulações, calcinadas pela idade, impediam-no de mover-se, paralisado no casaco demasiado grande para a sua magreza sem remédio, e permanecia no bairro, estendido no lençol, a assistir ao inverno e às nuvens cor de malva de viagem para o mar sob a forma de paquetes líricos sem possível descanso, almoçando de um pacote de bolachas espetado na covinha do umbigo. A sua única aventura consistiu em mudar-se para um quatinho da Cruz Quebrada, acima das espumas do rio e da ausência das gaivotas que se devoravam em paixões descomedidas na estação dos comboios. Agora, nos intervalos da sua dificultosa profissão de desempregado, que o obrigava a preencher constantemente formulários em cinco cópias, todos com a assinatura reconhecida, a levar e a trazer impressos inúteis de repartição em repartição e de ministério em ministério, a sofrer intermináveis interrogatórios de psicólogos que lhe propunham que desenhasse árvores e decifrasse manchas de tinta, a sujeitar-se aos estetoscópios, aos electrocardiógrafos e aos aparelhos de medir a tensão de médicos inúteis com escalas de optometria na parede, a entregar fotocópias de bom comportamento moral e cívico destinados ao cesto dos papéis

de funcionários de caspa zelosa, e a receber por fim o papelinho do seu sal rio ao termo de catorze horas de espera ininterrupta, soprando as flores de gelo das mãos defronte da vitrina do banco, distraía-se a assistir, do peitoril, à tranquilidade dos pescadores da Marginal, que de alcofa à ilharga, ensopados pelos borrifos do vento e pelas ondas que galgavam a muralha, cobertos de mantas e carapuços de oleado, filavam peixinhos insignificantes com o vime das canas.

Por esse tempo recebeu da Ericeira uma carta da esposa com a notícia de que as aulas de música haviam acabado em consequência da partida da professora solteira, convidada pelo próprio Mozart a ajudá-lo na orquestração do seu Requiem. A discípula, enriquecida por noções suplementares de solfejo, achava-se na tremenda disposição de iniciar de imediato uma carreira de concertista em Nova Iorque: viram-se por alguns minutos na sala de espera do aeroporto, e o velho encontrou uma esposa de saia rodada, meias de crochet e franjinha, dobrada pelo estojo do instrumento e decidida a siderar a América com o seu talento sublime. Trazia na bagagem a máquina de costura da Guiné, com a ajuda da qual se preparava para fabricar, nos intervalos dos concertos, xales e roupões extraídos de pedaços da cortina do palco. Permaneceram um diante do outro, sem falar, alheios ao tropel dos passageiros e à ebulição do mercado marroquino do free-shop, e o marido, esmagado por alemães e carrinhos de bagagem, fitou-a a tentar lembrar-se dos tempos de namoro de que sobrava apenas a memória de uma rapariga séria, de cintura esquiava, muito direita numa cadeirinha de noqueira. Todavia a noiva que amara sumira-se com o desaparecimento definitivo dos nubentes do retrato, amortalhados pelos anos no caixilho de metal. Mesmo a longa agonia da filha era uma recordação inexistente, soterrada por tantos acontecimentos e desditas posteriores, de modo que presenciou sem mágoa o embarque de uma mulher acerca da qual o intrigava a impressão de que nunca fora a sua: uma anciã desconhecida e impúbere, com um broche de cerejas de baquelite na lapela, rumando para os Estados

Unidos de violoncelo às costas e desenhando no nada, com o fio do braço, alheia a ele e à desordem de gare das viagens, o terceiro andamento da Quinta Sinfonia de Mahler. Viu-a ultrapassar a polícia, o controlo dos passaportes, os sujeitos que procuram metralhadoras de terroristas palestinianos na sumaúma dos ursinhos de peluche, e trepar por fim, sem um aceno de adeus, agarrada ao ventre do instrumento, para um bacalhoeiro que arredondava as velas na direcção da Broadway.

Regressou à Cruz Quebrada entontecido pelas luzes, pelo barulho, por disparatados dialectos de hindus de turbante que aguardavam, a jantar cacos de vidro em almofadas de pregos, o voo de Carachi, agarrou na fotografia dos recém-casados em que se adivinhava a muito custo uma fivela de cinto e um ângulo de véu, e lançou-a pela varanda fora no monturo das traseiras. De repente sem passado aboborou-se na contemplação pasmada dos pescadores da muralha e dos seus anzóis de inimaginável persistência, na mira de que mais cedo ou mais tarde uma tágide desgovernada pelas correntes de fevereiro abocanhasse a linha, e um dos homens de boné de oleado entornasse na alcofa, sobre um ninho de enguias, uma qualquer das quarentonas desiludidas da taberna de licor de tangerina, com um gancho sevilhano cravado de banda nas madeixas pintadas.

Diogo Cão viu-as pela primeira vez quando el-rei nosso senhor mandou que se estabelecesse um trânsito regular de embarcações entre Portugal e Amesterdão para escoar na Europa as filigranas dos ourives e a canela das Índias, e à chegada, com todos os navios incólumes, demos com uma cidade de filósofos polidores de lentes que circulavam pelas ruas em bicicletas anacrónicas. Vimos fragatas argentinas e cruzadores turcos adormecidos no porto, velhinhas que se admiravam com os nossos mosquetes, os nossos adornos de linho e o facto de comermos com as mãos, e à noite, ao passear pela cidade, o descobridor encontrou-se numa avenida pavimentada de pentágonos de flúor e de reflexos de canais, com bares de genebra de porta em porta e vitrinas acesas que mostravam, entornadas em

cadeirões de soba, mulheres de ligas vermelhas ondulado para ele as barbatanas de cação.

De forma que parou diante de uma gorda alta, de peitos nus, com um charuto esquecido no baton, e pensou, a espalmar na testa um soco de quem se recorda de repente, Caramba, agora compreendo porque é que os nossos rios estão desertos, as ninfas emigraram em cardume para aqui.

Tornaram-se necessários os ósseos argumentos de encíclica do capelão acerca da impenetrabilidade dos juízos de Deus a fim de convencê-lo a não tanger duas ou três para bordo, das mais poderosas e de melhor carnação, no intuito de repovoar Caxias de olhos pintados de rimel e de calcinhas transparentes, porque todas as noites; a seguir ao jantar de água e carne seca, voltava à avenida das montras numa estupefacção imensa, alisando com o polegar a barba de marinheiro antigo, quase atropelado pelas bicicletas de minúscula roda posterior que giravam na atmosfera louca da genebra, e na véspera do regresso aproximou-se tanto do trono de uma abelha mestra sem idade, de coxas solenes, estendida de barriga para cima em almofadões de seda, que a mulher acabou por distinguir aquele bisavô de punhal, mascarado de entrudo, no meio da multidão de turistas, o convidou a entrar por um postigo lateral, e ao subir os dois degraus dei contigo, amor da minha alma, ocupada a tentar correr sem sucesso os reposteiros da montra e oferecendo-me a amplidão de planisfério das nádegas. Tive que ajudá-la a desencravar um par de argolas enganchadas uma na outra e foi assim que nós o topámos cá de fora, do passeio, empoleirado num banco num quarto de puta, a solucionar questões de estofador, e nos envergonhámos de tal maneira que recuámos uns passos para a sombra das árvores do canal, no sonho de que ninguém supusesse que éramos os subordinados, imagine-se, de um idiota consumido por arrebatamentos ridículos, a beijar, de gatas, o cu de uma galdéria por uma fresta de cortinas mal vedadas, a abraçar-lhe os tornozelos, a roçar-lhe o queixo pelas tetas disformes, uma rameira mais ranhosa do que os monstros corcundas que se oferecem, por alturas de Leiria,

à fome sem critérios dos camionistas ou do que as septuagenárias de farripas amarelas dos colegiais viciosos, e assim o percebemos a despir-se aos suspiros, a explodir colchetes, costuras e botões numa gana de urgência, até naufragar finalmente, esperneando de vitória, sobre um torso inerte que não cessava de fumar por detrás do quadrado de vidro, indiferente aos ganidos da minha exaltação que rasgava as almofadas e erguia no escuro uma nuvem de penas, como se todos os pombos do mundo gemessem comigo no último estremecimento dos rins.

Na manhã seguinte, quando aparelhávamos a frota, Diogo Cão apareceu no cais de olheiras roxas, a cambalear de cansaço, arrastando pela mão a criatura gigantesca, vestidos ambos como para um baptizado ou um enterro, acompanhados de duas malas com rótulos de hotéis parisienses, um gramofone de campânula, uma pilha de discos e uma bicicleta de senhora, e solicitou ao capelão que os casasse ali mesmo porque encontrei a felicidade, padre, você nem calcula o cheiro de intempérie dos sovacos dela, o incrível sabor a mentol da lua minguante do pescoço, o fragor de dilúvio das suas gargalhadas sem motivo, as artes que estas gajas estrangeiras têm de nos beberem a alma com o gole de um beijo, se ficássemos aqui mais um dia nem vossa eminência, palavra, se aguentava, sofria um paraíso mais celeste do que todos os júbilos do mundo, mas o capelão, atento às subtilezas do demónio, manteve-se de uma só peça apostólica perante os pedidos, as ordens, as ameaças de enforcamento na enxárcia grande, contrapondo-lhe a intransigência dos profetas e a virtude inamovível dos santos. Espiámo-los lá de cima, enquanto desenrolávamos as velas, a discutirem no porto um diante do outro, ao mesmo tempo que a pega, aborrecida deles, namorava gageiros húngaros e estivadores colossais, tatuados de âncoras, bússolas e pássaros e decorridas horas de negociações complicadíssimas, feitas de cedências mútuas e de avanços recíprocos, no momento em que o comandante e o servo de Deus, alcançado um obscuro entendimento, se abraçaram emocionados confundindo bigodes e lágrimas e

se voltaram para a dama da avenida das vitrinas na ideia de a conduzir solenemente a bordo, deram apenas com as malas, a pilha de discos, o gramofone abandonado e a longínqua tágide holandesa que pedalava na extremidade oposta do cais, perseguindo um Rembrandt de pêra em bico e chapéu de abas largas por plataformas de diques.

De novo em Lixboa, a seguir a quase ter perecido, ao largo da Galiza, na altura em que piratas americanos de faca nos dentes, pala no olho e catatua empoleirada no ombro tentaram uma aparatosa abordagem de cinema de bairro, com Errol Flynn a dirigi-los segundo o altifalante de Cecil B. De Mille, Diogo Cão, surdo aos chamamentos do rei, atarefou-se a buscar sem sucesso, nos quarteirões mais absurdos, o milagre de uma montra de puta capaz de o transportar aos canais de Amesterdão e às mulheres de ligas vermelhas em almofadas de seda ou em cadeiras de serralho. Perdeu-se a indagar, a portas que se não abriam nos pútridos quarteirões da Madragoa, por deusas loiras entornadas em travesseiros bordados de saturnos de missanga, e deu apenas com crustáceos e medusas flutuando ao acaso nas esquinas, no vômito de ressaca dos imediatos turcos. Procurou-a na claridade de Alcântara às seis da tarde em agosto, no momento em que a transparência do ar torna os edifícios tão diáfanos que bandos de prédios de azulejos esvoaçam como rolas sobre a ponte, batendo para cima e para baixo a roupa pendurada das asas, e encontrou um vendedor ambulante apregoando para ninguém um xarope infalível contra o mau olhado e uma dezena de gatos enlanguescendo de cios famintos na esterqueira de um chafariz vazio.

Perseguiu-a de manhã nos mil becos estremunhados da Ajuda que não conduzem a mais sítio nenhum do que a si mesmos por intermédio de um inextrincável dédalo de escadinhas, e tropeçou num cego de sobrancelhas visionárias munido de um tabuleiro de moinhos de papel de crianças a tantos escudos a dúzia. Cuidou vê-la, , por fim, nos edifícios clandestinos da periferia da cidade, habitados por fiéis de armazém, fotógrafos a *la minuta* e dactilógrafas vencidas por uma fealdade irreparável, e abismou-se em entulho de material

de construção e m quinas abandonadas, com espargos e lírios que medravam nas rodas, e teria continuado a procurar-te, descansando da minha busca de taberna em taberna, chamando cada varanda na incessante lamúria sem cor dos mendigos, se Sua Majestade, zangado com as minhas dívidas de vinho, com todos aqueles traços a giz nas barricas, indignos, dizia ele, de um almirante do reyno, me não houvesse retirado o meu soldo, apeado dos meus títulos e cargos, e proibido de buscar-te nas travessas de Lixboa para te romper de novo os cetins com a pressa das unhas, porque era uma dor de alma a gente encontrá-lo a dormir bêbedo nos bancos do Rossio ou a discursar para os pardais espojado no passeio. Forneceram-se ordens à polícia de o conduzir a poder de desculpas ao Hospital de São José, Por aqui, senhor almirante, faça o obséquio e não nos bolse nos estofos, temos a sua namorada estrangeira à espera no aeroporto, os médicos aplicavam-lhe uma injeção, os enfermeiros rapavam-lhe o cabelo e catavam-lhe os piolhos, fornecia-se-lhe uma roupa decente com o argumento de Meta-se lá neste fatinho que é a última moda em Amesterdão, e tive a contragosto, ouvido o Conselho de Estado e consultados os partidos políticos com assento parlamentar, de o mandar para Angola, onde o não conheciam, com um empregozito discreto de fiscal da Companhia das Águas, ou seja nos intervalos lúcidos verificava um ou dois contadores e pronto, não o maçavam, não lhe pediam contas, limitavam-se a entregar-lhe o ordenado com o meu conselho pessoal de se esquecerem dele, um homem que navegava como poucos até a febre das tágides e a mania das sereias de Cacilhas lhe torcerem as engrenagens do júizo. Puseram-no num avião de colonos após a jura solene de que Loanda estava cheia de tetas aquáticas, Proceda ao levantamento disso tudo e envie-me um relatório circunstanciado com percentagens e gráficos ao Ministério das Pescas e à Direcção do Património Cultural, pois claro que toda a gente aprova que repovoemos o rio dessas pequenas, ora essa, trate-me do assunto, deixe o resto comigo e ao sair feche a porta como deve ser que vem daí uma corrente de ar dos diabos, o chanceler



que mande entrar o senhor Fernão de Magalhães, o que é que esse chato quer agora.

Diogo Cão habitou Loanda doze anos, sete meses e vinte e nove dias, sempre numa casinha do Bairro de Alvalade que as glicínias tropicais e as lagartas de África erodiam, rolando para o jardim as garrafas vazias, de falsa genebra, compradas à sorrelfa a telegrafistas de cargueiros sicilianos que verificavam a linha de água das notas colando-as à lâmpada do camarote, mas demorava-se a maior parte do tempo nos cabarés da Ilha, entre os maqueiros de licença da guerra que se divertiam com os seus mapas de nauta fingido, o instalavam no odor de desinfetante das suas mesas e o embriagavam de bagaço de palmeira para o ouvirem contar viagens pelo mundo, umas pobres histórias inventadas de cómico velho que adormecia a babar-se a meio dos relatos e despertava berrando Galeão espanhol a bombordo, larga todo o pano e orça. Os músicos da orquestra riam-se dele, os empregados de casaco verde e laço às pintinhas riam-se dele, as bailarinas de strip-tease riam-se dele cochichando na orelha dos ricos do café, e eu, que era a mais idosa de todas, aquela que ninguém escolhia por me assemelhar a uma foca com bócio adornada ao balcão a examinar as madeixas cor de medronho no espelho por detrás dos gargalos, acabava por levar comigo, às seis da manhã, aquele vergonhoso despojo de almirante quase afogado nos seus próprios pigarros, a cheirar a ausência de sabonete e à urina incontinente dos ébrios senis. Amparava-o, suportando-lhe os roncos de hipopótamo e o fedor de amêijoas ressequidas da pele, até à minha palhota na praia, sob as palmeiras, a vinte metros do mar. Deitava no chão de terra da sala a sua perpétua inquietação de marujo, e ao acordar, chamada pelas vozes das colegas nas cabanas próximas da minha, descobria-o descalço, de cócoras na orla do oceano, mais lúcido e atento que um astrónomo, mirando a sopa quase imóvel das ondas na certeza insensata de uma ninfa.

Durante doze anos, sete meses e vinte e nove dias, Diogo Cão buscou-as

zelosamente, por decreto régio, nos precisos lugares onde devem ser buscadas, isto é, nos

cabarés à noite e na praia de manhã: vasculhou uma a uma as barracas da Ilha, afastando panos, a tropeçar em penicos de criança e em frangos indignados; remexeu as ervas da margem com o espadim à cata de ovos triangulares de sereias; mandou parar os barcos a remos dos pescadores a fim de inspeccionar os sargaços, as cobras e as gaiivotas mortas das redes, mas acabava por apodrecer, todas as madrugadas, de saudades holandesas, a transpirar vapores na minha esteira, um comandante sem nau que se internava na cidade, premia uma campainha ao acaso, perguntava do capacho pelo contador da água e descia as escadas sem aguardar a resposta, na pressa de espiolhar, da soleira da minha palhota, as vazantes do crepúsculo: Queres apostar que não tarda um minuto apanho uma., desafiava-me ele, de Amesterdão a Loanda, a nado, é um instante. Ao escurecer ajudava a sossegar os filhos pequenos das minhas vizinhas cantando-lhes cantigas de mar chão ou entretendo-os com relatos intermináveis de funerais a bordo; consertava os automóveis de corda e no dia em que levantava o ordenado oferecia-lhes bonecas de pestanas de piaçaba que soluçavam o nome na voz compassada dos oráculos. Eu começava a sentir-me menos sozinha e mais feliz, a adoçar em segredo o projecto de um namoro vetusto com o funcionário público das tágides que me falava constantemente de polidores de lentes a pedalarm numa névoa de canais, até que embarcaram a maioria das raparigas para a Europa em grandes navios de mulheres e se esqueceram de mim por já não ter corpo nem idade para as pensões de Lixboa. Os pretos tomaram conta disto tudo, instalaram ninhos de metralhadoras jugoslavas nas arcadas, assassinaram-se uns aos outros a tiros de canhão, iam e vinham da mata açodados por vinganças sangrentas. O porto encheu-se de canoas e galés, destinadas a carregarem de volta o azedume dos colonos, as cabanas da ilha esvaziaram-se, e uma manhã não encontrei o almirante a observar o caldo das vagas na sua habitual concentração de gajeiro, como não o topei entre os cadáveres amontoados da morgue ou os que se decompunham livremente no alcatrão. Informei-me, preocupada, na Companhia das Águas

e mandaram-me do guichet das Torneiras Que Pingam para a Secção De Desaparecidos & Defuntos, onde um mulato magrinho, que me tratou por camarada e limpava as unhas a um palito, folheou um processo, folheou um cadastro, folheou um caderno de contas de mercearia, perdeu-se na contemplação sapiente de um mapa desdobrável, jurou que ia enviar a resposta, pelas vias competentes, ao guichet do Replaneamento Socialista, no quarto andar, logo a seguir à janelinha dos Canos Rotos, e ao cabo de três semanas de peregrinações contraditórias de bicha em bicha, em que me negavam o que haviam afirmado ou afirmavam o que me haviam negado, mostraram-me por fim, numa careta de dó, uma espécie de lista com muitos nomes e datas e números de matrícula de empregados do Estado, e disseram-me, a apontar com o bico da esferográfica, Está aqui, repare bem, olhe, há mais de um mês que esse pardal seguiu de avião para Lixboa, de forma que ao chegar a casa nem sequer entrei, encostei a sombrinha do cacimbo a uma palmeira e vim a coxear, por causa dos sapatos apertados, até à beira da praia, sem pensar em nada, sem sentir nada, sem imaginar nada, à procura dassílfides que boiam entre os cascos dos barcos. O homem de nome Luís ainda escrevia oitavas, diante da mesma água mineral, na esplanada do café de Santa Apolónia, apontando de tempos a tempos o olho oco, que parecia ver para trás, na direcção de bagageiros de passinho marreco sob inalas imensas ou de negociantes de droga que roçavam o lombo nas imediações do quiosque dos jornais, quando o empregado da esferográfica retomou o turno e se engalanou, na copa, dos seus botões amarelos. A clarabóia do tecto anoitecia como o percurso do amor, primeiro poeirenta e rosada, da cor do rio lá fora, e a seguir completamente negra, de uma pretidão absoluta povoada de raras luzes imprecisas de navios inventados, semelhantes a aeroplanos de espectros à deriva. O foguete de Madrid arribou num esturro de vapor, soprando água a arder pelo focinho, e um comboio de mercadorias arrancou da última linha num vagar infundável, com chifres de bois minhotos e narinas de mulas nos postigos dos vagões. Os

pirilampos verdes dos táxis tornaram a balizar o escuro, esperando, de motor a trabalhar, na incrível paciência das aranhas. As revistas do quiosque exibiam debaixo do título O Golfe É A Minha Única Paixão, entrevistas em exclusivo com Afonso de Albuquerque, sentado à lareira, de doberman aos pés, na sua vivenda do Estoril. O empregado, já de guardanapo no braço, limpou um ou dois tampos, deslocou cadeiras, ordenou a um escravo invisível, escondido pela muralha de iogurtes e refrigerantes do balcão, Sai um chá e um bolo de arroz depressa, farejou intrigado, ao roçar pelo homem de nome Luís, a embalagem de cartolina em que o resto do pai cheirava ao levedar da roupa nas arcas, e sumiu-se nas bandas da capelista de isqueiros e tabaco americano, chamado por um dedo no ar.

Mas a noite não encontrara ainda o sítio exacto onde poisar os seus misteriosos objectos de trevas e os seus tubos de flúor, as sombras medrosas e o sol artificial das lâmpadas metálicas, e procurava-se a si mesma, nervosa, pestanejando luzes, no cimento do chão. De modo que os engraxadores aproveitavam para assaltar tornozelos que se recusavam a medo, os mendigos avulsos das nove horas, de gabardina a oscilar sobre as ceroilas, pescavam com a mãozinha lesta as beatas achatadas do cais, sujeitos de cara desconfiada, em trânsito do Intendente para Alfama, paravam na estação para um jantar de rissóis, perseguidos por denunciantes e polícias. Às onze, quando a espuma de cerveja do Tejo alcançou a altura das pálpebras e o que sobrava do corpo do velho sofreu um cataclismo de estremeções antes de amainar na serradura da caixa, o empregado suspendeu-se à sua frente equilibrando na palma uma bandeja de capilés e perguntou-me do cimo das condecorações de gordura do casaco, sem sequer uma mirada de interesse ao meu poema, Essa esferográfica por acaso não é minha?, e eu respondi que sim sem interromper as rimas porque me aparecera a ideia de uma imagem razoável, e decorrida meia hora se tanto tinha-o à minha mesa a queixar-se da filha da mãe da vida, ganhamos uma miséria, sabe lá, vai-se

tudo em impostos e descontos, um fulano amargo, de meia-idade, radioamador, que morava no Bairro Alto com a esposa, cinco descendentes e o sogro inválido, num canapé, diante de um altar de pagelas, com uma manta nos joelhos, Você nem sonha o que me calhou em sorte, e quando eu ia responder, danado por me estragarem a epopeia, que todos nós temos as nossas chatices, que caneco, a minha, por exemplo, é não conseguir desembaraçar-me do pai que aqui trago, os ossos, ou que sobrava dos ossos, chiaram baixinho assustando o outro, que se chamava Garcia da Orta, muito prazer, criava plantas medicinais na varanda, nascera em Manteigas e recuou apavorado (Anda a mangar comigo ou quê?) fitando com terror os fêmures do velho.

A mulher de avental do quiosque das revistas trancou a banca à chave e foi-se embora, os mendigos que dormiam na sala de espera dobravam debaixo da orelha almofadas de jornais, as lanternas dos navios tremiam na água, e eu meti ao bolso a esferográfica e as oitavas e expliquei ao empregado os morteiros em Loanda, o finado servido na mesa de comer, o caixão em Alcântara, o guarda-fiscal da espingarda, fi-lo tocar com a mão, a serená-lo, na embalagem de serradura e de líquidos de morto, e o radioamador, mais calmo, sugeriu-me Porque é que em lugar de o enterraes não mo vendes para adubo, principiei lá em casa uma experiência de purgantes nos vasos do quarto do meu sogro, aos sábados enfio-lhe na goela uma colherinha de talos moídos mas até agora nada, só caganitas de cabra no lençol e é um pau, enquanto o malandro não derreter os intestinos não descanso.

No fim do turno de Garcia da Orta, às sete da manhã, quando a noite zarpara devagarinho para escurecer noutra país, levou-me ao esconso de copa onde dependurou o casaco dos botões e das nódoas e o trocou por um blusão de crocodilo fingido, dos que encolhem para metade à segunda lavagem, abrimos a caixa de cartão e o seu clima de guano, separámos a serradura, cá como nas farmácias entornámos o meu pai, com a

espátula de uma faca de peixe, numa garrafa de leite, cartilagens, tendões, falanges, pedacitos aquosos de carne, a dentadura postiça em bom estado que guardei na algibeira das calças para quando fosse tão idoso e sem bochechas como ele, condenado a chupar asas de frango pela desilusão de uma palhinha. Ao alcançarmos, de garrafa no sovaco, o largo, ou o que eu pensava um largo, diante da estação dos comboios, vi apenas uma humidade de gaiivotas, espões castelhanos sob as camionetas de descarga junto ao rio, e dezenas de Fernandos Pessoas muito sérios, de óculos e bigode, a caminho de empregos de contabilista em prédios pombalinos de beirais de loiça, roídos pelo cancro do caruncho e por baratas envernizadas semelhantes a sapatos de casamento com antenas.

Garcia da Orta morava num último andar de três assoalhadas da Rua do Norte, com uma loja de mercearia ao rés-do-chão e um rebuliço matinal de vizinhos e cachorros desde a praça da estátua. Conhecia-se o mar através dos intervalos das rolas, e o jogo da glória de becos furtivos, de melancólicas redacções de jornal e de casas de fado transformadas em armazéns de desperdícios. Subimos os degraus a tropeçar nos relentos de jantares da véspera em patamares de costureira, até esbarrarmos numa criatura de roupão com uma dezena de filhos à volta, num rádio tremendo a crepitar vozes longínquas, e num velho que dormia numa almofada em pedaços, acossado por caixotes de flores que o estrangulavam numa lenta astúcia vegetal e ocupavam o apartamento inteiro, jogando os móveis, os meninos e o contador do gás, parapeitos fora, para os pregões da rua.

Era difícil movermo-nos na densa atmosfera de folhas aromáticas destinadas a curar a prisão de ventre, a elefantíase, a esterilidade masculina, a catalepsia, as varizes e o estrabismo convergente. À mesa, um tentáculo peludo de efeito garantido no sarampo, antecipava-se sempre ao garfo nas batatas do almoço; estames vermelhos sugavam o molho da carne num silvozinho aspirativo; acorrentavam-se aos vasos as túlipas carnívoras das infusões da sinusite, a fim de não engolirem as pessoas. De quando em quando um

cochicho dorido, proveniente do Canadá ou de Macau, zumbia no rádio Alô P34, alô P34, aqui JS90, passo à escuta, over, e Garcia da Orta abandonava logo a explicação do cultivo de uma pevide especial destinada a aniquilar o martírio dos calos, armava-se de uma catana e de um capacete de viseira, e partia na direcção do aparelho decepando um matagal de gavinhas que limpava a pele de furúnculos, pontos pretos e comichões diversas. Nós esquecíamos-nos das colheres, interrompíamos a sopa, afligíamos-nos, alguns dos filhos soluçavam agarrados à mãe que acenava adeuses de lenço para a floresta curativa, e horas volvidas escutávamos com alívio uma série de desencontradas cambalhotas eléctricas e os berros do radioamador sobrevivente, o qual proclamava com convicção Aqui P34, aqui P34, passo à escuta, over.

O homem de nome Luís recebeu uma cama na Rua do Norte em troca da garrafa de leite com o cadáver do pai, e acostumou-se aos poucos não só a dormir rente aos ladrilhos da cozinha, pegado ao fogão, onde as plantas medicinais se contentavam, nas ânsias da fome, em mergulhar, rilhando molares, pólipos e raízes nos recipientes do lixo, mas também aos desconhecidos que conversavam em código, da Coreia ou da Bulgária, com o empregado dos capilés da estação de comboios, acerca dos novos carburadores dos automóveis de Tóquio ou do programa anual do Ballet do Povo de Sófia. De manhã a esposa afastava às palmadas os arbustos intrometidos que a impediam de cozinhar apoderando-se da água do arroz, uma liana colhia uma criança ao acaso e evaporava-se numa folhagem esponjosa, e o homem de nome Luís, depois de regar os vasos de uma pitada de pai, saía para o bairro a assistir às discussões assassinas das vendedeiras de peixe, de enormes goelas reboantes de fúria, a admirar-se ante o andar orgulhoso dos ciganos que puxavam atrás de si, no empedrado das ruas as suas carroças de barulhenta miséria, ou a ver, do topo da Rua do Alecrim, o Cais do Sodré lá em baixo e o menear das caravelas. Continuava o poema numa e pastelariazita tranquila do Príncipe Real, em que viúvos

calvos, impregnados de nostalgias castas, sorviam aos golinhos o chá de limão das constipações perpétuas, enquanto eu, distraído das suas tosses e da teimosia das varejeiras nos pastéis de feijão, redigia tempestades e concílios de deuses com um cálice de martini ao alcance da barba.

Ao aproximar-se da Rua do Norte, de regresso a casa, ouvia logo na praça com a minha estátua ao centro, apesar dos motores das oficinas de ferragens, dos estalos de lustro dos engraxadores e dos martelos das carpintarias, o sismo lunar das glicínias infalíveis para as digestões difíceis que lutavam contra as tábuas das varandas na gula dos ovos de rola esquecidos nos telhados, e imediatamente a seguir Garcia da Orta que rejubilava, aos uivos, com a esperança de melhoras da varicela de um interlocutor polaco, reduzido pela distância a meia dúzia de gaguejos esquisitos. A senhora do botânico servia um cozido meio devorado por violetas especializadas nos prolapsos do útero e nos sisos encravados, apequenava-se a um canto da mesa receosa dos espinafres do mau hálito e dos gerânios dos bicos de papagaio, e à medida que descascava a fruta dos filhos sobreviventes, escapados à fome das plantas, respondia ao paralítico que lhe falava do inverno de Manteigas no compartimento ao lado, dos cristais de neve que luziam nas pálpebras dos mortos apesar da atmosfera de presépio dos velórios, dos lobos de pupilas de pesadelo a trote pela vila, que lhe falava dos murmúrios do vento nos pinheiros e do fedor vulcânico dos animais no estábulo sob o quarto, que lhe falava do passado, porra, do passado, que exigia as peúgas e a camisola interior a fim de verificar os estragos da geadá, Alzira, nos tomateiros do quintal, porque é que pelo simples desejo de ver o mar aceitei mudar-me para Lixboa e casar com um maluco de telefonias e sementes, quando o mar é apenas a celha desta água toda com naus que tornam de África carregadas de colonos sem fortuna, de malucos que vendem as cinzas do pai como aquele cretino ali especado que nem maneiras tem, lambuza-se de gordura a comer, declama nos intervalos frases que se não entendem escritas num bloco de



facturas, o mar, caneco, a porcaria do mar e esta cidade com odor de pia e de caliça, Deixe estar, pai, deixe estar, gritava ela para o velho, surda a um diálogo húngaro no rádio, este verão o mais tardar vamos à serra.

Não chegou a ir nem sequer teve de berrar muito ou preparar ceroilas de atilho para a viagem, porque uma semana antes da partida um feixe de begónias deglutiou de golpe o paralítico à hora da sesta, quando uma petúnia amestrada aparava as unhas às crianças. O homem de nome Luís emendava, na toalha de oleado do almoço, amores desastrosos de aias e de reis, e Garcia da Orta comunicava, a afinar botões com um chefe religioso persa convertido às ondas hertzianas pela sua décima quinta concubina, afilhada do cônsul mexicano com quem trocava conversas de bordel e vagas noções científicas de manual de liceu. A esposa do botânico, que passava por acaso com o tabuleiro da roupa sob o braço à entrada do cubículo do paralítico, percebeu ainda uma corola a ruminar uma pantufa de xadrez e a seguir a regalada quietude digestiva das plantas que cercavam a cadeira vazia, em cujo assento se cavava a lembrança das nádegas do morto. Garcia da Orta, arrancado ao seu diálogo de urros e mecanismos suspirosos com o do turbante, ameaçou as flores, de dedo espetado, de as pulverizar em chás para o reumático, e acabou por se vestir de luto e organizar uma cerimónia paranóica em torno de um caixote de caules, que borrifava com um regadorzinho perante a vizinhança consternada. Os empregados da agência funerária, profissionais da tristeza de fita métrica em punho, recusaram-se a enterrar um vaso num carro de colunas com véus, e o médico que convocaram para a certidão de óbito percebeu somente, ao aplicar o estetoscópio às raízes, o sonzinho das lágrimas da neve ao fundirem-se e o ramalhar das onze da manhã dos eucaliptos de Manteigas. De modo que acabaram por ficar com o paralítico em casa, dissolvido por completo nos medicamentos da otite, até que uma sebe de girassóis contra o torcicolo e as fracturas de costelas submergiu a saúde e a filha viajou para uma tia em Pinhel, com plátanos e mansões de emigrantes a deslizarem

na janela, e o tacho do almoço ao colo, embrulhado na camisa por estrear do defunto.

Durante a estada da órfã no norte, a qual vagueava pela Beira entre escombros de inverno, Garcia da Orta e o homem de nome Luís, sem contar os meninos que iam desaparecendo um a um comungados por acónitos e nardos (um pé de buganvília ocupou-se do derradeiro numa única dentada de buldogue), sofreram a fome vagabunda dos desamparados, procurando migalhas nos armários, lambendo a banha fria dos pratos e vasculhando restos de pão no saco atrás da porta, acabando por sair ao acaso para uma refeição de sopa e legumes numa taberna barata, não obstante os apelos urgentes de esquimós que crepitavam no rádio e a amazónia medicinal do apartamento não cessar de crescer num ritmo de delírio, e os impedir de regressar mediante uma barragem de papoilas que rilhavam no patamar a monstruosidade dos dentes.

Seguiram a Rua do Loreto, espreitando restaurantes de operários onde o azeite queimado dos fritos vogava no ar como o mofo dos sótãos. Decifraram preços de peixe nos erros de ortografia das ementas coladas nas vitrinas das montras. Hesitaram diante do vinho tinto das leitarias, tão grosso que podia comer-se à colher. Extasiaram-se num snack-bar de gelados miríficos, de ampolas embutidas em pífaros de órgão e leitões assados com pinhões nas orelhas estendidos em campinas de tomilho e de salsa, e acabaram por jantar um bagaço tímido numa mercearia ainda aberta, com um senhor de idade a tomar o fresco à porta, afundado numa barrica de batatas, que se abanava com a brisazinha de previsões eleitorais do jornal da tarde, enquanto a essa hora, no último piso da Rua do Norte, as ervas contra a diabetes tomavam conta do apartamento e principiavam a avançar pelas escadas na ideia de se apoderarem do basset e da colecção de carochas do vizinho de baixo, fiel de armazém sempre acolitado por meninos ruivos, de calças justas e óculos fumados, parecidos com os retratos a óleo dos príncipes nas cavernas de Altamira do Museu de Arte Antiga. Mastigaram sucessivos cálices de licor ao mesmo tempo que o reformado dos

abanos se arrastava, de jornal sob o braço, para um rés-do-chão próximo, de postigos velados por reposteiros de pintas. O dono da mercearia teve de os mandar embora às onze e meia a protestar Olha que noite a minha que chiça, e a gente sentou-se os dois no lancil a conversar um com o outro nas vozes de boneca do rádio, que eu imaginava sempre prestes a abrirem enormes olhos de baquelite e a articularem Mamã numa inocência perversa. Mau grado as virtudes hipocráticas dos estames dos cravos e os suíços sem corpo que crocitavam no aparelho morses esquisitos de letras e números, assim que comecei a explicar-lhe a estrutura do meu poema e a elucidar melhor a intenção das metáforas, o botânico, cansado de rimas, sumiu-se no sentido da Calçada do Combro ou do elevador da Bica que trazia o rio ao topo da cidade, para as fachadas exoftálmicas como o rosto das negras muito idosas instaladas na penumbra das cubatas, flutuando num esquecimento sem limites. De modo que fui moendo episódios heróicos, parando a tomar notas nas retrosarias iluminadas, até desembocar na praça da minha estátua, mãe, com centenas de pombos adormecidos nas varandas em atitudes de loiça e cães que alçavam a pata no pedestal da minha glória, e embora o bagaço me atrapalhasse as pernas e me obrigasse a arrastar os sapatos numa marcha de trombose, consegui alcançar um troço de escadas entre dois becos, de onde se via ao mesmo tempo o monumento, os comboios para Cascais e as lanternas de pesca das traineiras do rio, e precisamente nessa altura, estimados leitores, a Rua do Carmo acendeu-se de um cortejo de tochas e de risos de pajens, alabardas picavam o asfalto, adenóides de ginetes fungavam, e o rei D. Sebastião surgiu a cavalo rodeado de validos, arcebispos e privados, vestido de uma armadura de bronze e de um elmo de plumas, e desapareceu para as bandas do pelourinho da Câmara, seguido pelo espanto dos polícias e dos guardas-nocturnos, a caminho de Alcácer Quibir.

Quando a mulata o abandonou e se transferiu com o filho, uma arca de vestidos de lantejoilas e o cartucho de cartão dos anéis de prata falsa e das pulseiras de baquelite, para o

apartamento em Olivais Sul que o Julio da discoteca Wilde trabalhava lhe contara, Pedro Álvares Cabral, depois de se aconselhar com o fiscal da Companhia das Águas cujo hálito carbonizava os mosquitos, decidiu emigrar para Paris. Diogo Cão, dispensado desde que chegara a Portugal de verificar contadores, respigou da bagagem aferrolhada sob a cama uns documentos lodosos, sentou-se com ele nos degraus da pensão sob a febre das rolas, e apontou com o dedo náutico a cota da Bretanha recomendando Pedes ao contramestre que te desembarque aqui, estás a ver bem, aqui, e não tem nada que saber, segues sempre a direito, é canja, encontras uma cidade com uma torre de ferro muito alta e já está, devo ter alguns xelins franceses lá em cima, se esperares cinco minutos já tos dou.

Pedro Álvares Cabral, aturdido pelas descrições do mareante bêbedo, que aumentava Paris a cada gole atribuindo-lhe os canais de peste de Veneza onde os doges deliravam na corrente, as estátuas visionárias de Florença e os capitéis de bolo de amêndoa de Moscovo, sob os quais Rasputines vampirescos hipnotizavam condessas, e lhe contava que aos domingos se guilhotinavam reis, em espectáculos de cancanistas, para divertir o povo, visitava semanalmente o filho no andar dos Olivais, um prédio inacabado junto ao recreio de uma escola: o elevador depositava-o no nono piso, que cheirava a terebentina e a cera, premia as três notas musicais da campainha, a mulata, de chinelos prateados e roupão de gola de avestruz, abria-lhe a porta almofadada, e eu avistava, senhor almirante, o milagre do capim azul das alcatifas, o jogo de espelhos das prateleiras de cristal do bar, o piano de verniz solene como o caixão de um papa, eis bandeiras das janelas substituídas por rosáceas medievais representando um São João Baptista levantador de pesos e halteres mergulhado até à cintura na transparência do Jordão, e em cima de uma mesa de talha e tempo fumado, entre dois cinzeiros malaios, o retrato de um cavaleiro distinto, de cinquenta ou sessenta anos, de bicórnio nos cabelos grisalhos, a quem a minha mulher chamava respeitosamente senhor Sepúlveda, que lhe oferecera a casa, a presenteara com meia dúzia de peles de

raposa com pupilas de rubi e dentinhos de sável, mais uma cozinheira de avental de folhos, cinco criadas que poderiam erguer em uníssonos a perna direita num palco de variedades, e uma preceptora escocesa estrita e masculina, irmã de doze internacionais de rugby, que ensinava a criança a usar os talheres em ademanos de corte, a lavar risca ao lado na carapinha e a cumprimentar-me com o distante aceno de cabeça dos príncipes da Grã-Bretanha nos seus palácios de nevoeiro, de modo que me não atrevia a aproximar dele afastado pelos seus adeuses gelados e a sua etérea silhueta de nobre que me ordenava com o mindinho que abandonasse o traseiro no rebordo de poltronas de grandes braços de acaju e me observava sem afecto de uma espécie de trono de veludo, na pompa de enterro das audiências régias. Às quintas-feiras a mulata enxotava para a rua a cozinheira e as criadas, mandava a nurse sardenta passear o lorde nas áleas de grades e de plátanos do Jardim Zoológico, papagueando numa linguagem de aspirador sem corrente o nome das hienas e dos macacos, ou ordenava que o levasse à Estrela para assistir, num banco de metal desagradável, ao concerto de valsas da Orquestra Filarmónica dos Bombeiros Voluntários da Mealhada. Então tomava banhos de espumas aromáticas auxiliada por um massagista japonês, friccionava os rins com esponjas de algas lilases, desodorizava os ninhos de pardal dos sovacos, perfumava-se de essências, acendia velas e godés de pós africanos pelos cantos, calçava meias pretas, vestia-se como Isabel I para Francis Drake num aparato de mangas e brocados, desenrolava no gira-discos um tapete de violinos, maquilhava-se no camarim de prima-dona do toucador, reclinava-se em atitudes de siamês nos travesseiros de veludo do quarto, e esperava o abraço do senhor Sepúlveda, fidalgo viúvo que enterrara a esposa em Angola e encharcava de boleros as noites de Lixboa, atravessadas pelos faróis amarelos e pelos estrondos de lata das camionetas do lixo. A mulata deixou de trabalhar, ocupada a folhear as páginas das revistas de moda com o polegar aborrecido de quem depena malmequeres por desfastio. Recebia a pedicura, a

esteticista, o cabeleireiro, a mestra de Boas Maneiras & Cálculo Integral na indiferença de sempre e que a sua fortuna tornava agora mais densa, soprava as chamazinhas de aniversário do verniz fresco das unhas a olhar da varanda a paisagem dos Olivais, enquanto eu tentava sem sucesso conversar com o meu filho mascarado de Henrique VIII em miniatura, que devolvia um rosto neutro de diplomata ou carcereiro à timidez das minhas perguntas, e terminava por desenrolar uma frase incompreensível à medida que afagava as orelhas de um setter amestrado, de revoltantes expressões humanas, e ao escutar o resumo de tudo isto, nos degraus da residencial, defronte do papel pardo dos pombos, Diogo Cão encafuava o seu frasco na algibeira após aplicar uma palmada indignada na rolha, dizia Aguenta aí um bocadinho que eu já volto, percebiam-se, atrás de mim e dos balanços do senhor Francisco Xavier, os seus passos sem rumo nas tábuas do soalho, um trambolhão de despenhadeiro rolava na escada, a que se seguia um silêncio, um segundo trambolhão e um chorrilho dorido de pragas de alto mar, e decorrida uma e hora o navegador surgia agarrado à espinhela, coberto de pensos rápidos e com uma gigantesca equimose no queixo, espalhava os seus mapas na erva, pescava o astrolábio de uma caixa de sapatos que os garotos lhe pediam constantemente para os bichos-da-seda, pesava o sol que não havia abstraído-se em latitudes impossíveis, e afirmava, palpando o sobretudo à procura do vinho, multiplicando fusos e descontando milhas, Metes-te no primeiro pacote que largar de Lixboa e em oito dias estás no Moulin Rouge com uma actriz em cada perna a fazer um manguito do camandro a esta merda.

Todavia, por não possuir dinheiro para o trajecto e por mar, por não possuir na realidade um só vintém que fosse e vagabundear à cata dos lavagantes sem e água fugidos dos hotéis de cinco estrelas na sua marcha torta de arandelas monstruosas, o que o levava a aportar às cozinhas dos salões paroquiais onde se forneciam, em grandes mesas bíblicas, refeições de batatas cozidas contra a promessa solene de conversões , imediatas, Jura lá pela

saúde dos teus pais que mamam todas as tardes a bençãozinha do Santíssimo, e ele Juro, Promete lá que assistes a quatro rosários por dia, e ele, a espiar o caldeirão dos feijões, Prometo, entendeu-se com o empregado da barbearia de uma só cadeira da Avenida Gomes Freire, que era compadre do primo de um passador cigano, e combinaram um encontro para as dez da noite na Flor Dos Capuchos, leitaria entalada entre o Patriarcado e um hospital, com um velho a resignar-se num canto com o chá de beladona dos doentes, tabuleiros de pastéis de bacalhau de uma consistência de lapas, e o cigano, vestido à Georges Raft, pesado de anéis, com uma gravata de florões doirados e raparigas nuas, a levantar-se da mesa em que conspirava com um parceiro mais jovem mas já imponente de sedas e quilates, a aproximar de mim o odor de brilhantina do bigode e a estender a escusa mão de faquista, É o amigo do Pêro Vaz de Caminha, não é? Federico Garcia Lorca, muito prazer.

Os cisnes do Campo de Santana gritavam lamúrias no lago, os gafanhotos rompiam nos canteiros a gelatina dos ovos, cónegos de cabeção cirandavam aos pares, sob as janelas do cardeal, discutindo beatificações e homilias, as ambulâncias de São José iam e vinham em cambalhotas de alcatruz, carregando aos apitos pernas partidas e outras desgraças horríveis. Federico Garcia Lorca apresentou o colega dos tesoiros de ourives, entretido a desimpedir com um fósforo o buraco da orelha, O meu sócio Luís Bunuel que é padrinho de casamento de todos os guardas-fiscais do Alentejo. Encomendaram cinzanos a um sujeito atolado a dormir num lago de rótulos e o cigano estalou a língua, apertou as pestanas, puxou os punhos da camisa, exibiu um relógio de pulseira metálica e declarou com competência que Para irmos direitos ao assunto são doze contos e quinhentos e não se fala mais nisso.

Pedro Álvares Cabral voltou aos Olivais a pedinchar à mulata o dinheiro da viagem, e surpreendeu-a, de pernas e braços afastados, estendida numa espécie de marquesa

ginecológica como as lebres dissecadas, esmagada por um batalhão de técnicas de beleza que se encarniçavam sobre os defeitos dos pés, os calos dos joelhos, as asperezas das articulações, uma ruga imperdoável no ângulo da boca, o cabelo que era necessário pentear em franjas negligentes, os ombros que deviam luzir de palhetas doiradas, as lentes de contacto que enterneciam os olhos, os brincos de diamante das orelhas, e o meu filho e eu à espera na sala, ele a devassar-me, com a sua atenção milimétrica de polícia feroz, eu abismado numa aguarela que representava uma viúva a contemplar moedas debaixo do duche de claridade de um lampião de rua, até que as metamorfoseadoras se afastaram da sua vítima esquartejada como se a houvessem reduzido a um molho de túbias secas sem tutano, e Pedro Álvares Cabral viu a esposa erguer-se da sua tábua de melhoramentos plásticos, idêntica às imagens das igrejas de manhã, pulverizadas pelo sol rebentado como um fruto nos vitrais de degolações de mártires da nave principal, de forma que se levantou, estarrecido, de tornozelos embaraçados na espada, avançou um passo lento, como se caminhasse sobre a água, para aquela aparição de beata laica preparada para a visita hebdomadária do senhor Sepúlveda da moldura do piano, e perguntei a medo, roçando com a ponta dos dedos a sua inacessível atmosfera de perfume e pó de arroz, Tens por acaso doze contos e quinhentos que me emprestes?

O filho, escoltado pela dama de companhia escocesa, que veio a casar mais tarde com um bastardo de Sá de Miranda e foi mãe da célebre criança de duas cabeças que viveu seis horas a maldizer do berçário as sideradas enfermeiras do hospital, despediu-se dele no patamar oferecendo-lhe uma palma fininha e desdenhosa, e no vestíbulo do prédio tropecei, a conversar com a porteira que esfregava de gatas os degraus de marmorite, num cavalheiro grisalho, de elmo de fidalgo, com um ramo de orquídeas em papel celofane, introduzindo um cigarro arménio numa boquilha de jaspe. E foi desse modo, no decurso do instante fugaz em que o vi, que conheci o homem para quem te preparavas, te



perfumavas, te amaciavas, te polias, o velho com cujo retrato, a cores e em fato de banho num rebordo de piscina, adormecias à cabeceira como nunca te interessou ou nem sequer pensaste fazer com o meu, o sujeito que te obrigava a vestires-te para ele num atavio excessivo de prostituta espanhola, enfeitada de anquinhas, de esmeraldas, de corpetes, de saias, e Pedro Álvares Cabral a imaginá-lo a carregar no botão do elevador, a assistir aos números dos andares que se acendiam um após outro rumo ao dela, a ouvir o ruídozinho da chave, a escocesa que preparava a criança para uma sessão estratégica de cinema ou um concerto oportuno na Estrela, enquanto o senhor Sepúlveda abandonava o cigarro no cinzeiro, verificava com satisfação a ordem dos objectos e a ausência de pó, largava o elmo no sofá e aceitava o teu corpo de água-de-colónia, almíscar e penas de avestruz, as tuas jóias que lhe aleijavam o peito, a fivela de topázios do teu cinto que Lhe beliscava o umbigo, o odor de orégão do teu sexo que o empurrava como um pacote de magnólias em rio manso, para um doce e húmido e sem peso cansaço de sono.

Na semana seguinte procurei os dois ciganos de casaco assertoado e gravata de arabescos numa pastelaria de bilhares da Praça da Figueira, colados às vitrinas de rebuçados e às portinhas das retretes que cheiravam a tamboril morto e a potassa. Federico Garcia Lorca dobrou o cheque ao meio sublinhando no vinco com uma aresta de anel, sumiu-o na confusão de cartões de crédito forjados e de cautelas de penhor da carteira, dissolveu-se na contemplação dos tacos na expressão simultaneamente atenta e vaga com que os lavradores medem as nuvens de chuva do umbral, e nesse instante gritaram do balcão Chamam ao telefone o senhor Luís Bunuel, e o segundo cigano, careca, feio, de olhos de berlinde, disse Com licença e caminhou por um corredor barulhento e confuso de damas idosas, bules de tília e tortas de creme, distorcido pelo jogo de reflexos verdes e brancos dos bilhares, onde perfis em mangas de camisa, de pala de celulóide na testa, executavam uma dança ritual em torno do feltro das mesas, para além das quais se amontoava um desleixo de grades e de

sacos. O do cheque mastigava pastilhas para a garganta, interessadíssimo nas carambolas, e nisto o senhor Luís Bunuel adiantou-se com recheio de chantili no bigode, fez sinal ao engraxador que se lhe ajoelhou aos pés numa vassalagem de pomadas, aplicou a sola contra uma palmilha de madeira, perguntou-me, faiscando safiras, Tens um cigarro que me emprestes?, evaporou-se no fumo, e anunciou, no castelhano atrapalhado dos contrabandistas de transistores, Falaram-me agora mesmo de Granada, depois de amanhã dormimos lá.

Sáímos os três, a comemorar, para a noite de repartições adormecidas e de lojas fechadas da Praça da Figueira, com o rei de bronze, a cavalo, ao centro, e os vendedores de heroína a injectarem-se nos portais, eu no meio e eles um de cada lado armados de diamantes e navalhas, rindo com os comerciantes de bancas de discos em segunda mão e de revistas pornográficas da Mouraria, com as vendeiras de legumes que tomavam o fresco nos becos instaladas em degraus ou em banquitos de lona, com os porteiros de sobrolho quadrado das roletas clandestinas nas caves dos edifícios demolidos, e esfarrapámos as trevas, cálice após cálice, numa venda de matraquilhos, barroca de estandartes desportivos. Ganhei-lhes nove a um perante uma assistência de bêbedos patéticos, cujas meninges ferviam sem destino no líquido amniótico do vinho, tornei a ganhar seis a quatro com dois golos marcados pelo boné do guarda-redes, pagámos uma rodada ao público a fim de lhes esfarelar ainda mais os cérebros moribundos, deslizámos pela rampa da Morgue a declamar poemas, *Verde que te quiero verde*, *Voces de muerte sonaron cerca del Guadalquivir*, *Antonio Torres Heredia hijo y nieto de Camborios*, e a voz de Federico Garcia Lorca sabia a laranjas, a gumes de faca, a azeitonas lunares e às tranças do vento. Trepámos o cortejo de lâmpadas tristes da Avenida Almirante Reis a espreitar as tabuletas dos oculistas e os estabelecimentos de fanqueiros, repetindo em coro *Verde que te quiero verde* a seguir a uma paragem de minutos na Cervejaria Portugália para um copo rápido ao

balcão, perdemo-nos nos prédios modestos do Arco do Cego, que abafam o centro de rastreio dos tuberculosos e o monumento ao meu camarada Fere não de Magalhães, apagado de febres no seu camarote de madeiras raras deixando em testamento aos marinheiros um óleo de Vieira da Silva e as obras completas de Pierre Loti, entrámos a chupar cigarrilhas venezuelanas numa casa de esquina com placas de veterinários na fachada, escalámos andares sem elevador a e soprar a água fervida dos pulmões e a pontapear as pessoas que ressonavam nos degraus, o senhor Luís Bunuel bateu um código de pancadinhas a cantarolar distraído *Verde que te quiero verde*, e topámos lá dentro com uma assembleia de ciganos macabros, paramentados de cores bicudas pelos alfaiates mais caros de Lixboa, que tramavam a ida a salto, para o reyno de Leão, dos matadores de Inês de Castro, trio de , cara de foragidos que todos os dias aparecia nos jornais ao lado do anúncio do célebre champô Caspex, que aumenta a queda do cabelo e aniquila as sobrancelhas e as unhas dos pés, perseguido pela Secreta, a Guarda Nacional Republicana e o exército privativo de D. Pedro.

Pedro Álvares Cabral, a quem o senhor Luís Bunuel cochichava constantemente Um dia destes, vais ver, largo esta porcaria toda e faço um filme que fica tudo aí de boca aberta, partiu na tarde seguinte, na furgoneta de uma loja de televisores, sem se despedir do filho, nem da mulata, nem do fiscal da Companhia das Águas Diogo Cão, decerto estirado na Residencial Apóstolo das Índias, defronte das rolas, a presumir o sol com o astrolábio e a navegar, no bolor dos seus mapas, pela leitura indecisa das estrelas, buscando o azimute aproximado das montras de mulheres de Amesterdão. Jantaram à beira da estrada, em Montemor, num restaurante decorado a bandarilhas, selins e capotes toureiros, com os assassinos disfarçados de bigodes postiços que lhes complicavam a canja e se descolavam com o molho largando no bife grossas cerdas de estopa. Os capachinhos escorregavam para a nuca, o bico dos punhais lacerava o forro gasto dos casacos. Os perdigueiros dos

condes, que caçavam javalis nas redondezas e galopavam no alcatrão das ruas o som de cabaça dos cascos, farejavam o capacho da entrada com as bengalas de cego do nariz antes de se sumirem a correr atrás de um cheiro imprevisto de animal do monte. Diogo Cão devia ter adormecido ao relento, de umbigo para cima, nos degraus da residencial, coberto de piolhos e crostas de terra da pouca água que usava, amarrotando com o peso do corpo os seus planisférios de alcoólico e os seus diários de bordo bichosos enquanto o Apóstolo das Índias perseguia as tágides, mas quando o senhor Luís Bunuel, que conduzia a furgoneta, se levantou da cabeceira de palito nos dentes, segui-o, sem saudades de nada, a conversar com os matadores da amante do rei sob os cedros de Montemor que acrescentavam a espessura dos ramos e dos pêlos das corujas à espessura da noite, e duas horas volvidas atingíamos as chagas das muralhas de Évora e depois a fronteira, ou seja um rio e sem brilho a separar colinas gémeas de oliveiras e estevas, para caminhar, esfolados de tojos, por intermináveis campos desertos, com animais de nora a roerem o silêncio à sombra dos chaparros. Foi então que topámos com um grande aparato militar de castelhanos protegendo uma tenda alumiada de barraca de feira, centenas de estandartes, bandeiras e cozinhas de campanha, cirurgiões que amolavam bisturis e ilusionistas que divertiam a tropa, e uma sentinela nos informou que o rei Filipe se reunira com os seus marechais na rulote do Estado-Maior a combinar a invasão de Portugal, porque D. Sebastião, aquele e pateta inútil de sandálias e brinco na orelha, sempre a lambar uma mortalha de haxixe, tinha sido esfaqueado num bairro de droga de Marrocos por roubar a um maricas inglês, chamado Oscar Wilde, um saquinho de liamba.

Acontecera-lhe de tudo na vida, desde descobrir a Índia e limpar, com as próprias mãos, as diarreias e os vómitos do meu irmão moribundo Paulo da Gama, a ajudar a entupir de rolhas de estearina o caixão do pai de um infeliz qualquer que viajava para o reyno num porão de navio a seguir à revolução de Lixboa, desde jogar a bisca com oficiais

sem pulso no baralho, até, como agora, morar nesta vivenda do bairro económico da Madre de Deus, a Chelas, que o parlamento decidiu atribuir-me por unanimidade acompanhada de uma medalha e um diploma como paga pelos meus serviços à pátria, e onde o rei D. Manoel me vinha buscar aos domingos de manhã para passeios de automóvel o Guincho.

Durante a semana, enquanto um jardineiro camarário aparava a barba da relva e ortopedizava com caniços os gladiolos dos canteiros, uma funcionária remunerada pelo governo, com o escudo da República na bata, espanejava os móveis de repartição pública que me encostaram aos lenhos das paredes, escrivaninhas bamboleantes, ficheiros sem gavetas, prateleiras empenadas, retratos de deputados e de primeiros-ministros esquecidos em atitudes de chicuelina, uma cama de major de infantaria a cheirar a espermacete e a graxa, e o único objecto que conservei dos meus anos de navegações incontáveis e que é este ursinho cromado que uma ninfa do oriente, uma secretária de Administração Indonésia filha do deus Oceano e de uma vestal do templo, me ofereceu à despedida de Goa, quase no portaló, na condição, meu amor, de não me esqueceres nunca, tenho vinte e três anos, uma cicatriz de apendicite, palpa, e dou pelo nome de Adelaide da Ressurreição Peixoto. Um urso que coloquei ao centro da mesa do jantar e me observava numa atenção imbecil ao mesmo tempo que eu engolia a pescada com grelos da dieta ordenada pelo médico da Marinha após decifrar os papelinhos das análises, Nada de gorduras nem de fritos, senhor conde, que não gosto do que esse fígado me diz. Um ursozito sem valor, dos que se acham, misturados com milhares de outros absolutamente idênticos, nas mantas estendidas no chão das feiras de província, entre protestos de leitões e espirros de ovelhas, mas que me recordava areais longínquos, palmares, seios de espuma, vaporizadores de laca e risadas de jovens eternas.

Acabado o almoço dava um passeio lento pelo bairro cumprimentando as damas de

roupão debruçadas da vertiginosa altura de janelas de primeiro andar, sentia o calor da tarde que torrava os pardais a meio do voo ou percebia o brilho do rio sobre a sacada do Ateneu, e às quatro tombava numa poltrona do Estado, com um tabuleiro de xadrez nos joelhos, e batia-se, contra parceiros inventados, em biscoitas solitárias de que anotava as peripécias homéricas numa agenda de despenseiro. Jantava água de barril e biscoitos de caravela e com todas as janelas cerradas e todas as damas recolhidas, subia a raspar as pantufas no soalho de tacos, despia-se, conforme as juntas deixavam, do cinto, do punhal, do gibão, da bóia de cacilheiro e dos restantes adereços de nauta sem idade, catava alfaiates de rio dos caracóis do púbis e lêmbeas de vazante dos refegos das nádegas, enfiava-se membro a membro num pijama de bolinhas de criança, e ao apagar a luz, ao carregar no interruptor do candeeiro, os lençóis principiavam a dançar como um pedaço de casco num Índico contraditório, as omoplatas cobriam-se de nódoas de pelagra e Madagáscar vibrava, inacessível, a milhares de quilómetros de mim, com as suas palhotas sobre estacas e os seus polvos de pálpebras inchadas.

Aos domingos de manhã, se havia sol, o rei D. Manoel buzina da rua, do interior de um Ford antiquíssimo, ferrugento e descapotável, e as vizinhas, estremunhadas, espiavam em camisa o monarca de coroa de folha na cabeça e blusão de manga arregaçada, que acenava a Vasco da Gama com o ceptro ordenando-lhe que descesse para seguirem, Marginal fora, a discutir o Oriente num rebolar coxo de bielas, envoltos em rolos de fumo escuro de motor.

Passada a Boca do Inferno, em cujas rochas se empalavam navios de pesca transviados numa chuva de atuns e de sardinhas, aportavam a uma esplanada tranquila para uma refeição de octogenários que a idade resumia a crepes, açordas e purés, e de cócoras num penedo, odiados pelas arvéolas das escarpas, dissertavam de viagens, dos méritos íntimos das chinesas e dos negócios do reyno. D. Manoel, de coroa nos joelhos, a coçar a

cova da moleirinha com a unha, lamentava-se da miséria desta vida, pá, repara como envelhecemos tanto sem darmos conta disso, repara que já não servimos para nada, qual exagero, catrino, para nada, queres trepar a um mastro e não consegues, queres ler a lista dos telefones e chapéu, repara como com a idade o som das vagas se torna triste lá em baixo, a quebrar, nos xistos sem areia, urna ansiedade de hospital à noite, repara como o nariz nos engrossou, hã, a testa amareleceu de pregas, as bochechas se cobriram de saliva de lagarta de couve, talvez que nos fizesse bem ir esta noite ao circo, o circo ajuda, está um ao pé do palácio e sempre se vêem as contorcionistas e os bicharocos ensinados, eu pelo-me por contorcionistas, não gostas quando elas dobram os cotovelos ao contrário, e depois cheira tanto a amoníaco nos corredores que nos podemos urinar nas calças sem vergonha, que tal se reservarmos um camarote para logo?

Compravam empadas de marisco em Carcavelos, o rei deixava-o em casa porque os xilofones e os gritos dos palhaços acendiam em Vasco da Gama tentações de suicídio, e partia rua adiante, na sua fumarada de palha húmida, acenando adeuses com o ceptro. O conde desequilibrava-se escada acima a substituir a farda pelo pijama das suecas solitárias à medida que as formigas se apoderavam na mesa da cozinha das gambas da ceia, decidia o trunfo, baralhava as cartas, distribuía-as por jogadores imaginários avaliando os naipes com o olho de rapina dos profissionais de poker dos barcos de rodas do Mississipi, e enquanto desenvolvia a partida e calculava os pontos pensava no seu passeio ao Guincho com o rei, nos vendedores de pevides, tremoços e peles de vitela da berma da estrada, nos estanhos, nos transistores e nos barros das feiras improvisadas do verão, no polícia da brigada de trânsito que os mandou parar por alturas do motel de Oeiras, se apeou, a descalçar a lentidão das luvas, dos seiscentos escapes da sua motorizada japonesa e ergueu a mão num esboço vago de continência, Documentos.

Distinguia-se o mar por uma lucilação de barbatanas na franja dos arbustos. Famílias

inteiras regressavam a Lixboa em longas bichas cansadas, e D. Manoel procurava a carteira na blusa, nos bolsos do manto de arminho, no interior da armadura que transportava no banco traseiro do carro, de mistura com flechas de besteiro e uma metralhadora israelita, e acabou por exhibir um pergaminho de caracteres góticos enrolado nos sucessivos sedimentos de lixo do tablier, que o polícia examinou no desinteresse com que se olham os prospectos de propaganda dos aparelhos para surdos, impingidos à saída dos cinemas por maltrapilhos favoráveis ao ruído.

- Está escrito aí que sou o dono deste país, informou o monarca com simplicidade, designando as letras.

Um ancião em fato de treino, parecido com Miró, trotava, à beira do colapso, no passeio, seguido por um terrier asmático. Do lado oposto às ondas os prédios da Marginal empurravam-se uns aos outros assustados pelo perfume venenoso da água, fugindo na direcção do parque e das bombas degasolina de Santo Amaro, diante do crescente de nevoeiro da praia. O polícia considerou desconfiado a coroa de folha-de-flandres com esmeraldas de plástico, as farripas e a pompa de carnaval de bairro de D. Manoel, antes de devolver o pergaminho e soltar do dólman uma espécie de tubo de algália com um balão na ponta.

- Você cuida que isto são os santos populares? Pelo sim pelo não sobre-me aqui o testezinho do álcool.

Enquanto Sua Majestade, com uma veia saliente no pescoço, insuflava o aparelho dos licores, Vasco da Gama, mesmo sem a ajuda dos óculos entalados na algibeira do colete, notou a mastreação de uma nau fundeada no Tejo, de estandartes recolhidos, à espera de vento para descer a barra a caminho de arquipélagos povoados por vulcões estranhos e vegetações inconcebíveis. A estátua do Cristo-Rei, à ilharga da ponte, abria para as gaiivotas e para os aviões a misericórdia de cimento armado dos braços. O polícia



estudou o balão, inscreveu frases graves num impresso, e circulou devagar em torno do automóvel, apontando contravenções, antes de amolgar no rebordo da porta o cotovelo pesado de ameaças:

- Não apresentação dos documentos exigidos por lei, enumerou ele numa crueldade açucarada, sem contar a falta de espelhos retrovisores, das palas dos guarda-lamas, de piscapiscas, de roda sobressalente e da panela do escape. Há também o desalinhamento dos faróis, os mínimos sem lâmpadas e o óleo que o meu amigo vai deixando no alcatrão para os outros malharem com os cornos numa árvore. Ainda por cima o teste do álcool é positivo para a água-pé. Encoste-me essa bodega que a grua leva-a amanhã para a sucata, e saltem-me do calhambeque que tenho um quatinho do caraças à vossa espera na esquadra.

- Já lhe disse há bocado que sou o patrão disto tudo, argumentou o D. Manoel num fio de voz, a assentar a coroa na cabeça.

Um melro surgiu de um buxo aos pulitos, atravessou o alcatrão e desapareceu a zombar na rampa do motel. Pareceu-me que o Tejo cheirava ao odor do teu corpo quando acorda, indiferente ao meu amor por ti. As celas do Governo Civil alinhavam-se na cave de um prédio antigo de gelosias, em cujo pátio entrava e saía um cortejo de ramonas e de amanuenses judiciários. Enfiaram-nos, na companhia de um balde para as micções urgentes e de uma corrente de ar que nos arrepiava o pescoço de avisos de gripe, no compartimento ao lado daquele em que aferrolhavam o judeu António José da Silva, escritor de autos de bonifrates, que se entretinha a jogar a batalha naval com Vasco da Gama, fazendo batota nos barcos de dois canos para ganhar mais depressa, ao mesmo tempo que esperava a visita soturna dos frades da Inquisição, de cabeças cobertas por capuzes em bico e grandes crucifixos no peito, que o visitavam a horas desencontradas, arrastando sandálias, a fim de lhe prepararem a alma para a fogueira do Rossio.

O conde e o rei suportaram quarenta e oito horas uma ampolazinha acesa no tecto

que os impedia de dormir, ensurdecidos pelas sereias das ramonas e as cantorias dos frades que se introduziam no cubículo do herege na macabra persistência dos escaravelhos dos cadáveres. E foi quando já confundiam o dia com a noite e a data principiava a atrapalhá-los de conjecturas perplexas, quando a sombra de uma nostalgia de navios escorregava, navegando à garra, na parede caiada, que os levaram, de barba por pentear, sem terem tomado banho nem escovado os dentes, sem se perfumarem das essências da sua condição de nobres, sem se despedirem do batoteiro dos dois canos entretido com uma nova farsa de robertos, a uma sala de estuque leproso chamada de Tribunal de Polícia, munida de vários bancos compridos de sacristia em que se sentava um público de curiosos e desempregados, o vosso povo, o pobre povo de Lixboa, Senhor, o que em mil quatrocentos e noventa e oito se amontoou na praia do Restelo para me ver partir, aquelas caras sérias lavradas pelo desengano da desgraça, aqueles olhos sem esperança, aquela roupa gasta, o povo que não esperava nada de Vós ou de mim por não esperar nada de ninguém nem de milagre algum e me fitava com a expressão sem expressão com que se observam os filhos antes de os entaiparem nas urnas, a vossa raça de heróis e marinheiros, majestade, a que definha de diarreia de leite de coco na Guiné, vagueia, a beber água choca, nas dunas de naufrágio de Moçambique e ferve nas tabernas da Madragoa e do Castelo a discutir histórias de escunas e a comparar o diâmetro altivo dos peitos das amantes de vossa alteza servindo-se como medida-padrão das canecas de tinto, a barregã que habita a Mouraria e anda sempre descalça, de largos pés gretados de andarilho, a esposa daquele marquês que ele mandou há que séculos para Macau a governar a armação dos próprios chifres, a escrava negra de bochechas do rabo atravessadas pela prata fina de uma argola, a pega francesa que dançava na segunda fila do corpo de baile de um cabaré de Marselha e a quem o dinheiro do Estado pôs a morar numa vivenda da Lapa maior que uma embaixada, com salgueiros, piscina, sauna, ginásio e setecentos e trinta e cinco desodorizantes

diferentes, não falando nas princesas austríacas, nas aias galegas e na operária da fábrica de fiação de Guimarães, a única que talvez vos tenha amado verdadeiramente sem nunca exigir fosse o que fosse, e que acabou por emigrar para a Alemanha casada com um sapateiro canejo.

No Tribunal de Polícia, para além da assistência contida pela amurada de um castelo da proa aluído, havia um púlpito de orador para um juiz sebento, sacudindo as rémiges da toga, lugares menores para os réus, os advogados, os guardas e uma espécie de contínuos vestidos de opas pretas de missa espírita, que escreviam à m quina com um único dedo, transportavam processos e chamavam as testemunhas apinhadas como bodes num curro próximo que cheirava a feno e a lã por cardar. Antes de entrarmos D. Manoel deu brilho à coroa com o lenço e apertou melhor, à volta do pescoço, a fita de nastro do manto de arminho que dizia no forro Atelier Assunção, e ambos, de adaga e peúgas de pintas, ele debilitado pelas preocupações do poder e eu devastado até à arquitectura dos ossos pelas monções do Oriente, fomos presentes, a seguir a um caso de briga de galinheiras de praça e antes do julgamento por cheques sem provisão do traidor Miguel de Vasconcelos, que haveria de ser apunhalado, no dia primeiro de dezembro de mil seiscentos e quarenta, por um grupo de fidalgos descontentes, diante do juiz das rémiges, que começou por ordenar ao monarca que despisse as esmeraldas falsas por respeito ao tribunal e entregasse o tubo de canalização pintado de amarelo do ceptro ao oficial de diligências, e então vi, pela primeira vez em tantos anos, os caracóis de estopa das melenas postiças de Vossa Majestade e compreendi de súbito a extrema vacuidade do mando por mais monumentos que se construíam nos ancoradouros de caravelas de conquistar o mundo.

Um senhor de óculos, com um defeito na fala, ergueu-se e procedeu a uma acusação florida em que nos apelidava de sinistros criminosos irresponsáveis, violadores do código da estrada, da democracia e dos direitos humanos, após o que se sentou de novo a

esfaquear-nos com pupilas estriadas triangulares de ódio a que o monarca respondeu, sem uma palavra sequer, com o seu soslaio imponente de proprietário do universo, o mesmo com que escutou o discurso provinciano do polícia de trânsito que detinha agora o rosto aflito dos aprendizes de marujo colhidos ao acaso da noite nas ruas de Lixboa e levados a Sagres a fim de aprenderem os turbulentos mistérios dos alísios do mar, a mesma régia soberba com que suportou o juiz, encarniçado a esgaravatar como um frango os quistos da nuca, a perguntar-nos, do cimo da sua torre carunchosa de orador sacro, Os réus têm alguma coisa a declarar?, a mesma serenidade com que passeou os olhos pelo público anónimo dos seus súbditos e ajeitou o manto nos ombros antes de responder, numa inocente calma absoluta, sem sequer forçar a voz que no entanto se ouvia sem esforço, com uma irrespondível nitidez de rei, nos esconsos mais secretos e nos escaninhos mais poeirentos do tribunal, fazendo estremecer as dactilógrafas e os amanuenses nas carteiras da sua rida melancolia quotidiana de oito horas de avisos, intimações e despejos:

- Só tenho a repetir que esta bodega toda me pertence.

O juiz esqueceu-se de afligir a nuca para o examinar melhor, inclinado para diante, de boca aberta e mão em concha como os surdos, os contínuos congelaram-se de espanto, a assistência de desocupados esvoaçava de parede a parede, as galinheirasque prosseguiam a sua discussão interminável e sob cujos aventais surgiam cristas e asas coloridas, voltaram para nós as caretas de búfalos terríveis, e o pilatos, entontecido por aquela afirmação absurda, recostou-se na cadeira de veludilho escarlata a raspar as borbulhas das Têmporas e remeteu-nos, ditando uma sentença tremenda a um taquígrafo míope, para a consulta externa de um hospital de alucinados no intuito de verificarem os labirintos cerebrais de um monarca e de um navegante moribundos, cheirando à noz-moscada dos velhos, de barbicha em cone como os magoados rabinos das sinagogas da Estónia.

De forma que no dia imediato, escoltados por um funcionário da justiça, aguentámos

das oito da manhã às três da tarde, com mais cinquenta Copérnicos, numa espécie de porão com um guichet ao fundo, a que assomava de tempo a tempos uma enfermeira de ficha clínica em punho, a chamar um qualquer dos cientistas que de jornal desportivo no sovaco se sumia, rosnando equações astronómicas do décimo grau, no camarote de um gabinete em que amolecia o polvo claro de um médico.

O número de Copérnicos foi diminuindo pouco a pouco, cada um deles munido da sua receita de pastilhas contra a noção doentia da translação da terra, e quando despacharam o último e mais convicto de todos, que tentava imitar com as pontas dos dedos o movimento dos planetas do sistema solar, uma voz de cabine de som vociferou-nos os nomes e o empregado do juiz pastoreou-nos, a apagar o cigarro barato na sola, para a penumbra do confessionário do médico, não o physico régio, versado nos impulsos das marés e nos caldos de tremço para as dores de parto, puxando a língua dos infantes e aconselhando as damas a dietas de sumo de berbigão para as amígdalas, não o barbeiro insólito, de sobrecasaca anacrónica, que arrancava molares com uma chave-inglesa no decurso dos serões do paço aproveitando os intervalos dos jograis, mas uma senhora de aspecto compreensivo e benigno de peditório para o cancro que mandou devolver ao monarca e sua coroa e o seu ceptro ridículo com a desculpa de aí tem, Alteza, faça favor, e nos restituiu as terras, o gado e os castelos da nossa condição, e se dirigiu a nós tratando-nos com a sua subserviência, os seus acenos, a sua completa concordância connosco, os seus Pois claro, os seus Perfeitamente, os seus Pelo amor de Deus onde é que já se viu?, os seus De facto, senhor conde, anda uma pessoa numa trabalhadeira horrorosa a descobrir o caminho marítimo para a Índia e zumba, uma doutora que se inclinou com infinitos respeitos ao despedir-se de nós, Até mais ver, fidalgos, nos deu palmadinhas nas costas, nos garantiu, muito séria, a piscar o olho ao do tribunal, Este estúpido acidente ser imediatamente resolvido, vou agora mesmo telefonar ao ministério, uma doutora que se

queudou a observar-nos, compassiva, da sua secretária de curar manias estelares, uma doutora que continuou a observar-nos de idêntico modo no instante em que oito orangotangos de bata se nos despenharam em cima, nos esquartejaram no chão, nos trituraram com camisolas de forças, nos enxotaram a pontapé, imagine-se, palavra, a pontapé, para um cubo de pedra de sucessivas portas chapeadas que rezava por cima da entrada Pavilhão de Segurança e que se aparentava a uma praça de toiros sem toiros, onde correram dezenas de tranquetas para nos impedirem de fugirmos, nos obrigaram a trocar as nossas roupas de nobres por pijamas asilares e sapatilhas de lona, fecharam num armário de metal a coroa, os arminhos, os gibões de chita do Parque Mayer, os meus instrumentos de capitão de petroleiros, nos raparam à navalha o cabelo, o bigode e a barba e nos abandonaram por fim num pátio interior, de muros altíssimos, em que os cinquenta Copérnicos das receitas vagueavam ao acaso, igualmente em pijama, consultando, de mão em pala na testa, o comprimento das sombras e a posição do sol.

Há sempre inditosos dispostos a pagar para dormir com uma mulher mesmo assim velha como eu, patetas que me escoltam ao meu quarto trepando cinco andares sem elevador a agarrarem com a palma os saltos do coração moribundo, que dobram as calças pelo vinco, que juntam os sapatos debaixo da cadeira, que se sentam na cama, depois de me entregarem as notas, a pedir Minha senhora deixe-me pôr a cabeça no seu colo, faça-me festas como a minha tia me fazia em pequeno, assim, enquanto me tocam com desvelo nas membranas secas do púbis e na pouca relva grisalha que conservo, e nem por isso são clientes muito novos, rapazinhos cerimoniosos a amarrotarem os quinhentos escudos da mesada, mas engenheiros e comerciantes bem vestidos, com filhos, jóia na gravata e sapatos de verniz, ou professores de liceu divorciados atacados pela insidiosa angústia da solidão, do desamparo dos que jantam sem companhia, na mesa da cozinha, com um semanário aberto contra a garrafa de tinto. Durante um mês, depois de Diogo Cão partir,

aviei cinco e seis dessa espécie por noite, fui maternal e terna como eles queriam porque fechava os olhos e imaginava o almirante estendido, igualmente nu e indefeso, nos meus lençóis de meiguice onde os outros acabavam, abraçados a mim, a chorarem a alegria que não tinham ao mesmo tempo que eu lhes secava a cara com um ângulo da fronha, lhes jurava que a vida, meu querido, está longe de ser madrasta, ora que gaita, amanhã quando acordares, vais ver, sentes-te outro, ajudava-os a enfiar as cuecas e a abotoar a camisa, a procurar as botas nas trevas, a sacudir a caspa dos ombros, e quando o derradeiro se ia embora, de garganta a pular como a bola de pingue-pongue dos tubos dos mergulhadores, eu esticava as mantas para conseguir dormir, escondia os lucros do meu trabalho de consoladora num buraco da parede oculto pela gravura de Santa Filomena, embrulhava a botija de água quente no casaquinho de algodão, e ficava a pensar nos infelizes do dia seguinte que haveriam de se lamentar, do fundo do travesseiro, da maçada disto tudo, madame, explique-me lá como é que eu me arranjo, enquanto Loanda amanhecia entre palmeiras debruada pelos pássaros brancos da baía.

Um funcionário da transportadora aérea, que às terças-feiras desabafava tais miseráveis aflições de marido trocado que a velha, condoída, o levava consigo não para o quarto da pensão mas para a sua casa de tecto de capim da Ilha, no bairro das cabanas de pau das prostitutas da metrópole, sumidas com a revolução na mata ou na cidade ou nos veleiros de regresso ao reyno, arranjou-lhe, entre lágrimas convulsas e roncos de pacaça, desesperado com a fuga da esposa para a Rodésia na companhia de um coveiro mexicano, uma vaga de classe turística para Lixboa, à janela, a fim de se extasiar com o oceano das naus a oito mil metros de altitude, ou seja uma planície descolorida e lisa em vez da lenta sopa de águas concretas de África que dobravam a espinha doce, de animal amestrado, nas raízes dos coqueiros, e eu, de bilhete na carteira, deixei-o a discursar lá dentro, em peúgas, acerca da tortuosidade das armadilhas femininas, Veja-me lá a senhora que ingratas e mal

agradecidas que as sacanas são, ainda o mês passado meti o carro em nome dela e truca, cai-me logo esta paulada na cabeça. Dei uma volta pelas barracas abandonadas invadidas por escorpiões, besoiros e trepadeiras selvagens, vi uma barca que se afastava na distância, vi, dependurados das mangueiras, os macacos de olhos humanos de Cabinda, vi os cabarés e os restaurantes de mariscos onde os caranguejos devoravam as vitrinas vazias, convenci os milícias da UNITA a darem-me passagem depois de uma conversinha privada, atrás de um muro, com o cabo que comandava a patrulha e que para me entender melhor os argumentos me vasculhou as rendas das calcinhas, e no dia seguinte acostei a Portugal por amor de um idoso apaixonado das tágides que ao alvorecer, armado de uma cana contra as alforrecas e restantes excrescências aquáticas, procurava ninfas nos detritos da praia.

Na Companhia das Águas não se lembravam de nenhum fiscal chamado Diogo Cão porque as exigências do socialismo, a senhora sabe, não nos permitem o tempo necessário para actualizações burocráticas. Os armadores ignoravam-no, salvo o dono de um bacalhoeiro da Terra Nova que se franziu todo numa concentração inútil, Diogo Cão, Diogo Cão, palavra que esse nome não me é estranho, foi Diogo Cão que disse? Na lista dos almirantes da Marinha de Guerra não constava, como me informou um escriturário do Alfeite a passear o lápis na relação alfabética, e apenas vi o seu retrato oval nos manuais de história do liceu, com enfeites de óculos e chifres desenhados a tinta por alunos cruéis, de modo que me decidi, descrente dos departamentos do Estado, a procurá-lo sozinha nas tabernas de estivadores e de gente dos cais, nas caves de azulejos imundos da malta parda dos barcos, com uma das órbitas no horizonte e a outra no tabuleiro das damas e nas faixas de areia ribeirinha da cidade, em que ninfas gordas como deusas de Rubens se atolam nas atitudes de desmaio dos gatos afogados.

Persegui-o semanas a fio desde Alfama a Pedrouços, sempre perto da água e dos cascos das caravelas ancoradas, idênticas às dos pratos de loiça que se vendem no mercado



da Malveira e se penduram na sala, com grampos de arame, entre bonecos de pano e uma fotografia de bombeiro. Perguntei por ele aos pescadores da margem, de dedos dos pés unidos por membranas de alcatrão, e aos travestis cor de lírio das amoreiras da Avenida Vinte e Quatro de Julho, e todos me repetiam, confusos, numa voz escolar, Diogo Cão, Diogo Cão, não é por acaso o barbaças que descobriu a Madeira?, e eu explicava-lhes pacientemente que não, meu menino, não descobriu Madeira nenhuma, é apenas um capitão das Áfricas, aquele que subiu a foz do Zaire com os navios de el-rei, volta não volta fica-me para aí a zunir de febres palustres, céreo do enjoo dos vômitos, estrangulado em mantas, com os mil sobretudos da casa por cima e quarenta e um graus de febre no mínimo, até se lhe animar o olhinho ao quinto ou sexto comprimido de quinino, um almirante pobre, de frasco de vinho no bolso e mapas limosos, da costa do Congo, na mala, um escudeiro do mar que verificava contadores de água em Loanda e exalava a irreparável atmosfera de naufrágio das ratazanas de porão. Encontrei uma rua com o seu nome e as datas prováveis do nascimento e da morte, um busto na galeria de mármore da Sociedade de Geografia, inventado por um escultor cretino que imaginava os navegantes como uma espécie esquisita de efeminados hércoles de franja, de homossexuais da Caparica em lugar dos velhos minados por tempestades traiçoeiras e doenças desconhecidas que eram, consegui um cubículo nas redondezas do Terreiro do Paço na ideia de vigiar melhor os maquinistas dos cacilheiros e trouxe marujos avulsos e funcionários do Arquivo de Identificação à laguna da minha cama de onde se distinguiam as arcadas geométricas da praça e as asas das gaiivotas, e enredei-os, entre beijos, com questionários subtis acerca do paradeiro dos heróis.

Nunca encalhei, no entanto, em homens tão amargos como nessa época de dor em que os paquetes volviam ao reyno repletos de gente desiludida e raivosa, com a bagagem de um pacotinho na mão e uma acidez sem cura no peito, humilhados pelos antigos escravos e

pela prepotência emplumada dos antropófagos. Os colonos que não logravam partir para o Brasil ou a França assemelhavam-se a anjos que perderam as argúcias do voo e chinelavam solas terrestres nos bairros mais tristes da cidade, feitos de ladeiras e sem destino, de pelourinhos barrocos e de escadinhas desorientadas, em que mesmo as varandas dos prédios, com os seus vasos vermelhos e a sua roupa no fio, se aparentavam a traseiras de subúrbio. Um ou outro serafim tropical, de capacete, véu de tule na nuca e espingarda de boca larga de assassinar crocodilos, desembaraçava-se por vezes à minha frente das cartucheiras incômodas, cruzando no tronco suspensórios de balas, descalçava as polainas de cabedal contra as víboras da selva, e abatia-se-me na colcha como os náufrago; que os banheiros soltam dos seus invólucros de lona na pedra das autópsias. Ressuscitava-os então com a minha sabedoria cuidadosa e sem pressa de muitos anos de homens até lhes ver inchar nas costas e alastrar de parede a parede as asas da sua condição, afagava-os com a malícia das tias solteiras e das cozinheiras de aspecto rido no tacho de cujos corações borbulha ainda a canja viva do sangue, e mal os olhos se lhes apequenavam consumidos finalmente pela inocência da infância e os lábios se desatavam em soluços órfãos, apertava-lhes os rins com toda a força das mãos e perguntava baixinho, no segredo demorado das declarações de amor, Se sabes por acaso, meu torrão de açúcar, de um certo Diogo Cão, fulano dado à bebida que viera de Angola de fiscal da Companhia das Águas, e se demorava de taberna em taberna, de astrolábio em punho, em busca do azimute do bagaço. A mulher procurou-o na teimosia pétrea dos idosos, surda a argumentos e motivos, guiada pelo olfacto da paixão. Pagou anúncios de terço de página no jornal, remexeu as conservatórias do registo civil na esperança da inexistência de uma certidão de óbito que apodrecesse sem remédio a única razão de durar de quem respirara anos sem conta na miséria das pensões, dirigiu-se a uma agência de detectives onde um cavalheiro competente, de chapéu para a testa, envernizava as unhas numa poltrona basculante. O investigador

exigiu um adiantamento para microfilmes e deslocações à província, anotou hieróglifos numa margem de revista, e resmungou ao telefone ordens ladradas sem sequer estremecer a cigarrilha dos dentes. Sentada a um canto do compartimento aveludado de pó, numa cadeira que gemia dores de parto sob as nádegas, a cliente afastava a piparote uma traça seduzida pelo decote do seu vestido branco, e espantava-se de como o cavalheiro competente podia habitar, sem asma, aquela indescritível desordem de edifício derruído. Ao tornar na semana seguinte, com um decote ainda maior e mais fogo, na ideia de se informar do progresso das buscas, deu com uma loja de caixões no gabinete de estores quebrados do sherlock e da traça, saturada pelos eflúvios fúnebres das coroas de gladiolos e o odor das mãozinhas de cera das promessas dos doentes. Uma rapariguita séria, de gola engomada no vestido de luto, guardava o estabelecimento perto de um altar de tochas eléctricas que velavam um defunto inexistente. Ninguém se lembrava do investigador ou do insecto, e um relojoeiro sete portas abaixo, de lente cravada na testa como um unicórnio amável, garantiu-lhe, uivando sob os pios desencontrados dos cucos que assomavam a janelas trabalhadas, que o comércio mortuário prosperava ali desde a fundação do bairro, e que o negócio de uma agência de investigações não passava de uma calúnia fascista destinada a desacreditar o quarteirão. A mulher, perdida no meio de ponteiros que proclamavam o dia ou a noite conforme as originalidades aberrantes dos seus mecanismos enlouquecidos, cuidou-se por momentos desmunida da bússola do juízo, adornada na areia da demência.

- Pode ser que esbarre com ele no asilo para onde me levarão um dia, consolou-se entre dois mostradores de números romanos que pareciam a roda de pestanas de uma órbita de ciclope.

Nessa mesma noite, segura da inevitabilidade do hospício, concedeu alegrias grátis a uma turma de estudantes de Agronomia e a um antigo ministro que há longo tempo a

cortejava sem êxito, tocado de paixão pela sua fealdade de circo. Que se recordasse nunca se esmerou tanto na perfeição do seu trabalho nos lençóis, perdendo-se num tricot minucioso de pormenores provocadores e desvairados que conduziam os estudantes a gozos impossíveis que lembrariam toda a vida e o governante à beira de um colapso fatal, prevenido no instante exacto pelo lago de um ancoradouro de ternura. Mas amanheceu sozinha como sempre na cama de ferros doirados diante das canoas do Tejo e de um dia sem sol no interior do qual o tráfego parecia mover-se, flutuando, no mistério almofadado das sombras. Notava-se à transparência, através das paredes, o recheio das casas, e descobriu dessa forma o que conhecia já, ou seja os cavilosos segredos domésticos ciosamente guardados, como se notavam os esqueletos dos pardais sob o seu forro de penas e a perspectiva das ruas, dissecada pela luz, era um cortejo de múltiplas intimidades diversas devassadas pelo âmbar de uma claridade sem dó. Somente um petroleiro saudita, ancorado no rio, permanecia teimosamente opaco, cerrado sobre os seus mistérios moiros, sobrevoado por cartilagens de albatroz e assente em fugidias espinhas de peixe. Em madrugadas assim, ali s comuns na anemia do outono de Lisboa, a mulher sentia-se sobressaltada por convicções inabaláveis e premonições confusas que lhe coziavam a lume brando na cabeça numa exaltação de rapariga e a ajudavam a descobrir pelo quarto pequenos objectos há muito tempo perdidos e escaninhos ocultos no poço da memória. O corpo readquiria sem custo a precisão fácil e a agilidade sem esquinas da adolescência, os olhos, despídos das cataratas da idade, decompunham uma a uma as fibras da luz como os prismas de cristal, o universo inteiro recolocava-se de súbito ao alcance da mão, de forma que se despiu, num gesto, das ligas e adereços profissionais que os homens acariciavam com o ímpeto urgente do desejo, e vestiu à janela um dos seus decotes terríveis espiando daquele postigo de sótão a armada de traineiras de pesca de Alcácer Quibir, reunida no Cais das Colunas sob as ordens de um menino loiro que haveria de salvar-nos da ocupação

espanhola. Enfeitou-se dos colares e brincos habituais, de uma prata pateticamente oca, à medida que se juntava lá em baixo, seguido pelos ossículos dos corvos, um exército disparatado de alentejanos de samarra munidos de ancinhos e navalhas, de algarvios avançando ao compasso de acordeões festivos, de minhotos coloridos, de transmontanos talhados a maço no basalto do Douro, e de chulos lisboetas de clavículas enchumaçadas e músculos de algodão. Empoou as pregas da cara escutando os corridinhos das filarmónicas, os mis bemóis das orquestras de cavaquinhos e as tubas dos pajens do paço, com os pendões e os galhardetes reais a ornamentar os instrumentos. Alongou o bico das pálpebras com um traço infinito de lápis quando D. Sebastião, rodeado por um magote de fidalgos e de homens de negócios de fraque, tomava lugar no cacilheiro O Palmelense, com bóias de madeira a toda a volta do casco. A mulher desceu num passo leve de gaiata as escadas de conservatória predial convertida em hotel de putas por um napolitano maricas que transportava sempre consigo um fonógrafo de manivela, os discos de setenta e oito rotações do falecido Enrico Caruso e o retrato da mãe numa esquadria de flores de porcelana. Acotovelou a multidão de desempregados que assistia, desenrolando serpentinas, à partida da esquadra, ensurdecida pelo gasóleo dos motores, pelos sextetos de valsas vienenses e pelos lamentos de coruja das gruas, e foi caminhando sem rumo pela cidade incolor imersa no boião de vidro dos dias sem sol em que os acontecimentos se sucedem na mudez aquática dos corais. Galgou a Avenida da Liberdade em reptações de enguia, sem se demorar nos cartazes dos teatros que garantiam duas horas de irrealdade a preços módicos e o faziam em cerca de cinco vezes mais tempo que os meus afagos compridos e a desgraça de varizes de polvo das minhas pernas lamentáveis. Às duas da tarde um nico de sol aclarou finalmente a relva do parque do tribunal dos divórcios, e logo as paredes dos prédios se espessaram e o pensamento das pessoas se revestiu da casca de uma película baça que obstruía a compreensão visual do mecanismo das ideias. Ainda

assim, empurrada por um braço que não havia, a mulher foi tropeçando sem destino nas calçadas de Lixboa e nos cristais do próprio ácido úrico recuperado que lhe dificultava a marcha e endurecia a coluna, tornada num guarda-chuva de abade de província de varetas dolorosas como espinhas de cherne. Caminhava indiferente às ruas, lembrando-se dos alunos de Agronomia da noite anterior, dos seus rostos de argila recozidos pelo medo e do absoluto pânico da sua pressa. Entrou e saiu numa igreja de rosáceas dramáticas, distraída dos vultos de comboio fantasma das imagens dos santos suspensos em bênçãos vítreas destinadas ao pesadelo de ferro forjado dos candelabros. Vagueou pelo jardim do consulado do Panamá entre ditadores exilados e araras que entoavam estribilhos despaisados em coqueiros que desfaleciam. Foi vista nas enfermarias sem esperança do Hospital de S. José, contemplando, sem os notar, os incomensuráveis narizes dos doentes, e embarafustou por fim, na mira de descansar os calos adormecidos pela rigidez dos sapatos e aplacar as palpitações com um chá morno e um bolo de creme, numa pastelaria de gaveto do Largo da Estefânia imersa em penumbras de porão, onde distinguiu mal, de início, o contorno das mesas e o janelico da cozinha, ao lado do qual um milhafre de dimensões quase humanas se deslocava de banda no arame do puleiro. Abateu-se numa cadeira de fórmica cujas costas rachadas se amparavam a outras costas rachadas de cadeira e açúcarava o chá quando uma manga de sobretudo lhe roçou pelo queixo para se servir da caixa dos guardanapos de papel, e logo de seguida escutou, à sua direita, o estrondo de um pigarro desmedido envolto num halo de bagaço. O sol transformara de novo os pombos em pombos e as árvores em árvores ocultando as ramificações dos nervos e das artérias que se recolheram, envergonhadas, ao conhecimento absurdo das enciclopédias. Numa cidade outra vez irredutivelmente concreta, desprovida de escancaradas vergonhas de família, a mulher oxidada pela artrose e pelas vértebras em ruína, virou o decote para insultar o pigarro e deu com a língua trémula de décadas de vinho, as unhas sujas e a barba

lendária de Diogo Cão, de cabelos despenteados por rajadas de naufrágio e o relevo do frasco do álcool destinado a cicatrizar as feridas sem cura, de que não falaram nunca, do desalento dos amores frustrados das sereias. O fiscal da Companhia das Águas não a reconheceu: cabiam-lhe apenas na memória, estreitada pelo medronho, lembranças desbotadas de viagens e as tardes de catástrofe de Loanda, e tornara-se imune à fraqueza dos sentimentos. Continuava a interessar-se pelas tágides mas de uma forma intermitente e vaga, nos intervalos do delírio do vinho, que gastava vasculhando os tanques, chafarizes e lagos da cidade na esperança de entrever, no fundo lascado de calcário, a cintilação de truta das ninfas. Acomodava-se o resto do tempo nos bancos de jardim com as suas insígnias de capitão dos oceanos pregadas com alfinetes de ama aos punhos do sobretudo, buscando distinguir sem sucesso a geometria das constelações no céu das três da tarde. O seu corpo de neptuno apeado deteriorara-se nesses meses de abandono desde o regresso de Angola: possuía furúnculos e grandes peladas na cabeça, emagrecera nove quilos e seiscentas, era incapaz, a cem metros, de destrinçar a tonelagem dos navios, conservava dois únicos dentes na gengiva inferior, e respirava de leve, como os pintos, em assopros dolorosos e velozes. A mulher inchou de comoção no decote ao tomar consciência de que o nauta por quem se apaixonara derivava a pouco e pouco para um sáurio empalhado de museu. No entanto pagou-lhe os cálices sem que ele o visse, pediu baixinho ao empregado para que a partir do décimo sétimo substituísse o álcool por água da torneira, suportou-lhe as teimosias de bêbedo, mandou que lhe apresentassem uma sanduíche de carne assada que ele enxotou com a mão num orgulho enjoado, e saiu discretamente atrás do marinho, quando os ardinhas anunciavam na rua a última edição dos jornais e os escravos moiros trotavam para a Baixa, a apinharem-se, fascinados pelas tropelias dos dramas indianos, nos cinemas de sessões contínuas dos Restauradores. Utilizando a longuíssima experiência da sua arte de manipuladora dos solitários, logrou pastoreá-lo para o quartinho do Terreiro do Paço

impedindo-lhe as tabernas que se multiplicavam no trajecto como os fungos do queijo, e as mercearias em que comungávamos canecas de verde até às onze da noite, refastelados na, sacas de feijão.

Acabava de deitá-lo, quase inconsciente de uma embriaguez desconhecida de copinhos de água do cano, e o bando de estudantes de Agronomia bateu-lhe à porta, ainda mal refeito da estupefacção do orgasmo. Eram cerca de uma dúzia de alunos envergonhados, de pálpebras reticentes e membros que não terminavam nunca os arcos indecisos dos gestos, e fitavam-na do patamar, em silêncio, numa admiração determinada e lírica. A usura da idade e o seu conhecimento da fraqueza dos machos impediram-na de se perturbar: tapou serenamente o descobridor com o lençol de florinhas bordadas em tardes sem clientes, aplicou-lhe pomada de enxofre nos furúnculos verdes e loção de gardénia e ácido fénico nas peladas da nuca, aproximou-se do patamar arrancando os ganchos das madeixas grisalhas, as jóias de plástico e três dúzias de pulseiras de coral, correu a palma compassiva que nos proporcionava sonhos de ex-votos ingénuos e alargava as margens de carne viva da tristeza pela bochecha do agrónomo mais chegado, um ruivo de sardas incendiadas pela combustão do desejo, e avisou-nos de que nos fôssemos embora com um aceno amigável do queixo:

- Tenho o meu marido a dormir ali mesmo.

Depois, mal o tropel de adolescentes desiludidos se apagou nas escadas, em busca de uma prostituta solteira que os não assustasse com a inesperada presença de um cônjuge barbado, cerrou a fechadura com duas voltas de chave para se libertar de visitantes importunos, poisou um a um, na marmorite da cómoda, os anéis fantásticos a que a lâmpada do tecto arrancava sumptuosas chispas de carnaval, puxou o decote miraculoso por cima da cabeça, desagrafou as rosinhas de renda da sua sucessão de corpetes, desapareceu num roupão turco de homem esquecido há decénios na sua casa de Loanda



por um freguês de que ela, por seu turno, se esquecera, deitou-se na ponta do colchão, ao lado do comandante, embora afastada o mais possível dele a fim de lhe não perturbar o beligerante sono de pipa, girou o interruptor da luz e permaneceu quieta no escuro, sem se atrever a tocar-lhe, espreitando pelas cortinas a mancha cor de cinza do rio que bisava os galeões ancorados e a estátua equestre do rei D. José a trotar sobre o anverso da sua própria imagem numa imponência tranquila. De minuto a minuto Diogo Cão, assaltado pelas tarântulas e pelas cobras dos ébrios, roncava mais alto espalmando a murro lagartos ilusórios, e ela acalmava-o ciciando-lhe na orelha canções de faroleiros e palavras sem sentido de embalos infantis. O quarto impregnara-se de um odor de golfo feito de madeiras bichosas e de velas molhadas. O chão dançava como um convés numa manhã de desastre. A língua sabia a fitas de algas e à fosforescência da espuma, e a mulher, de umbigo para cima no seu beliche de prazeres melancólicos e de carícias piedosas, afundava-se sozinha no torpor de pasmo dos Natais antecipados.

Acordou antes das cinco despertada por uma voz de comando que extravasava do cubículo e se estendia, para além do prédio, por ruas e largos, exigindo a abertura imediata do camarote aos seus olhos atónitos, enfumaçados ainda pelo cansaço da alegria. Defronte dela, de pé, com um sapato em punho, as suíças em revolta e o sobretudo abotoado ao acaso, o almirante fixava-a na costumeira lucidez matinal reforçada pela purga dos cálices de água da véspera, e as suas pupilas atravessavam-me as emoções e os sentimentos, contornavam as esquinas da memória e mediam o meu cubículo de puta pobre da Ilha de Loanda, com a corda de secar a roupa entre duas palmeiras esqueléticas, nenhuma tágide à vista e a gaiola dos periquitos a gorgolejar na varanda.

Diogo Cão repudiou com duas passadas de marujo em convés incerto as suas recordações de fiscal de contadores e de pedinte nocturno reduzido à misericórdia de uma velha num bairro de lata de infelizes, remeteu de imediato ao esquecimento os cabarés de

Angola e as pernas desacertadas das bailarinas, retomou os seus poderes náuticos sobre as mil pétalas da rosa dos ventos e os búfalos negros dos recifes, assomou à janela com as abas do sobretudo a adejarem nos joelhos, apoiou-se na roda do leme do peitoril, e berrou para a praça lá em baixo, de farripas apontadas ao Seixal, sobressaltando os mendigos das arcadas e os aleijados dos boleros que dormitavam embalados pelo sossego das gaiivotas:

- Rombo à popa, prepara os escaleres.

A voz continuava a deter a autoridade de outrora, com que ordenava manobras contrárias a toda a lógica náutica obrigando os tripulantes a obedecer-lhe sem hesitação, confiados nos urros que os pastoreavam. Debelara sozinho mercenários amotinados, submetera barões com um simples erguer de sobrancelhas, e os contramestres desobedientes enforcavam-se a si mesmos nos mastros, se calhava aumentar, na sua direcção, as conchas redondas das narinas. A mulher, entretanto, permaneceu imóvel na cama, de chave do quarto sumida num buraco do colchão: viu um bando de rolas girar em eclipse deslumbrado pelo grito do descobridor. Viu a estátua do rei D. José apressar o seu galope parado. Viu os telhados da Costa do Castelo empurrarem-se, Alfama fora, no pânico devastador dos rinocerontes feridos. Sentiu no quarto o sinistro odor sulfídrico dos mares de borrasca. Assistiu a um relâmpago que desceu do tecto para pulverizar o penico de loiça. Suportou os cinzeiros de porcelana e as jarras de estanho que se despenhavam da única prateleira que tinha. Segurou-se com força à cabeceira da cama para não ser arrastada, de encontro à parede, por um tufão de lençóis. E manteve uma serenidade perfeita que completou, mal veio à tona dos cobertores em batalha e se livrou de uma cortina que lhe estrangulava o pescoço, com quatro palavras tranquilas tombadas no centro da tempestade como um pedregulho num poço:

- Acaba lá com essa merda.

Diogo Cão, atónito, sentiu-lhe no timbre as ressonâncias de búzio de um sotaque

muito antigo, e reviu-se criança, de cabelo aos cachos, enfrentando uma dama de carrapito e avental, de queixo idêntico ao seu, que o repreendia, de dedo espetado, junto ao fogão de lenha da cozinha. Cerrou apressadamente a janela, tonto de confusão, e observou com receio, de viés, a mulher que lhe oferecia de súbito, aos setenta e um anos, a diáfana inocência do passado que ele cuidava embalsamada na leveza de rendas onde murcham as exultações do jogo do pião e os dedos tímidos, molhados de um suor de lulas, das primeiras namoradas, e confrontou-se apenas com uma criatura disforme, erodida pela impiedade dos anos, sumida, numa cama de ferros, num vendaval de roupa, a qual lhe franzia a testa com a zanga da mãe, e prestes a fundir-se, tal como ela, num naufrágio de lágrimas de ternura.

Sem saber o que fazer mas sabendo que fazia o que devia, deixou cair o sapato que tombou no sobrado no som das latas de biscoito vazias, descalçou uma peúga de riscas vermelhas e azuis, exibindo a sua dura pata de ganso de almirante, de marcha dançada de palmípede de rio, e aproximou-se de mim à espera das já arrependidas e sem força recriminações habituais, procurando encobrir a garrafa de vinho da algibeira no receio de uma descompostura fatal. Cheirava a pastilha elástica e a pão com margarina como todos os miúdos da sua idade, a quem a ausência de dentes de siso não confere ainda a monstruosa queixada de palanca dos adultos, e doeram-me os seus pulsos inacabados de adolescente centenário, a penugem indefinida, semeada de borbulhas, entre o nariz e a boca e o novelo da garganta emaranhado numa contracção de pranto. Não sabia sequer que haveria de comandar caravelas pelos penedos de África fora, cravando padrões no areal, e projectava em segredo crescer o mais depressa possível para se tornar recepcionista de hotel, boletineiro ou astronauta, desses que nadam de cabeça para baixo sobre a poeira de copa da lua. O infante D. Henrique resumia-se a uma fábula virtuosa e heróica dos livros de História, que mostravam um príncipe de bigode de cantor romântico e chapéu de abas

largas sentado na extremidade de um promontório de escarpas e lançando às ondas, por desfastio, barquinhos de papel, e não sonhava vir a conhecer pessoalmente D. João II, que o professor da escola da Câmara, recortado contra a ardósia do quadro debaixo de uma cruz de latão, garantia ser um sujeito perverso que espetava navalhadas nos primos na odiosa brutalidade dos contínuos de liceu. Na época em que Gil Eanes alcançou o Cabo Bojador desprezou a sua vocação de boletineiro em troca do desejo de ser profissional de bilhar, servindo-se do giz, de charuto nos beiços, para pasmo dos sargentos do quartel de artilharia vizinho, que atiravam as bolas, em tacadas infelizes, contra as canelas das damas dos chás de camomila. Nu último ano, ao preparar-se para se matricular em Veterinária, apaixonado pelas enxaquecas das ténias, recebeu em casa um postal isento de franquia enviado do paço a convocá-lo para a inspecção médica do serviço militar, e após tremer de frio uma manhã inteira, nu, com mais oitocentos plebeus num ginásio gelado, vendo a chuva tombar no zinco das casernas, uma assembleia de barbeiros de estetoscópio, capacete medieval e dragonas de capitão mediu-lhe o perímetro do tórax, Respire, auscultou-o, Encha o peito de ar e esteja quieto, poça, verificou-lhe as amígdalas, palpou a cicatriz da apendicite e a inexistência de hérnias, e entregou-lhe uma guia de marcha para Sagres a fim de iniciá-lo no conhecimento do mar sob o comando de um furriel bilioso que cheirava a bolores de naufrágio e a açorda de coentros.

No decurso dos meses de instrução, em que aprendeu a desdar nós e a tropeçar nas escotilhas, o infante dos livros de História visitava-os de tempos a tempos com o seu séquito de almirantes, frades, astrónomos e geógrafos, para se inteirar dos progressos das recrutas na difícil arte de escapar a monstros fumegantes e enganar o assobio dos furacões. Os impedidos do comandante instalavam à pressa um trono coberto de franjas de seda ao meio da parada, destinado à realeza que nos recitava, desdobrando pergaminhos e apontando in-fólios, o morse das estrelas do céu, a maneira de aplicar garrotes de borracha

aos amputados, de exterminar com pó de rododendro os ratos dos porões, a influência dos signos do Zodíaco na conduta sexual das sereias e a importância de semear ilhas nos oceanos tenebrosos com índios pintados, de arcos de flechas de curare em punho, a espiarem por trás dos imbondeiros. De forma que decorrido um ano já Diogo Cão explorava as praias de Marrocos, evitando cardumes de polvos e sombras prateadas de sardinhas, e rumava ao longo de África auxiliado nos seus cálculos por um matemático doido que lhe indicava o caminho de tábua de logaritmos na mão.

A pouco e pouco as personagens sem contorno certo que o professor da escola da Câmara, de manga apoiada na calha da esponja, descrevia debaixo da boca de peixe sem fôlego do crucifixo de cobre, aproximavam-se, vivas, iguaizinhas aos retratos trágicos das suas estátuas tumulares, e conversavam familiarmente comigo na ironia das cantigas de escárnio, quer na messe de oficiais de Lagos, a jogarem poker de dados diante de um copo de uísque, de regresso de muitos escorbutos e de amarguras sem conta, quer nos serões da corte onde se aborreciam amavelmente à luz de tochas resinosas, com grandes cães de caça a urinarem nos tapetes de Arraiolos, enquanto escutavam as piadas sensaboronas do monarca e os fados intermináveis dos jograis. Conheceu nessas noites soturnas povoadas de pajens efeminados e de claridades vacilantes, o aio Egas Moniz e os seus filhos de barço ao pescoço, Santo António que sermoneava atuns, o cronista Fernão Lopes tomando apontamentos em caderninhos de argolas, as pestanas irresistíveis de João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, polígrafo e político, e D. Fuas Roupinho que logo após os primeiros cinco minutos de conversa lhe pediu duzentos escudos emprestados e se fazia acompanhar por um guarda-costas sírio de metralhadora no sovaco, com uma tatuagem que rezava Arminda cerzida a ponto de cruz na espádua direita. Na segunda viagem, guiado pelas multiplicações arbitrarias do louco, logrou levar a sua nau até à foz de um rio da Guiné onde boiavam goelas de caimão e cagalhões de pigmeus; viu a sua sereia

inicial a untar-se com cremes de praia ao sol das onze e aportou ao Dafundo, enegrecido pelo calor como uma oliveira incinerada, para tombar no peito festivo do infante de cujo bigode se soltava uma doçura suave de Aramis.

Navegou décadas a fio até ao posto de almirante trancado no camarote com uma pilha de romances de Agatha Cristhie à cabeceira, enquanto o matem tico prosseguia, a roer a ponta do lápis numa mesinha ao lado, as suas tenebrosas operações impávidas. Achou e perdeu arquipélagos despovoados e ósseos apenas cobertos pelo grito raso de um pássaro, escapou de manadas de baleias que mugiam sem cessar como vitelos tristes e de arraias fluorescentes que electrificavam a água e obrigavam o cabelo a desobedecer às escovas, viu tripulações inteiras sucumbirem a febres sem nome que azulavam a pele e transformavam os escrotos em saquinhos de pus, padeceu de cólera, de disenteria, de beribéri, da mordedura odiosa dos percevejos, de paludismo, de saudades e de varizes do esófago, envelheceu a estudar planetas desconhecidos no intuito de determinar com precisão absoluta os pontos cardeais, de tal modo que quando o encontrei pela primeira vez, em Loanda, no cabaré mais barato da Baixa, aparentava o triplo da sua idade verdadeira, não possuía um único dente e sim maxilas forradas de incisivos de plástico que rilhavam ao falar num som de cascos distantes, e o corpo esquelético, enfiado no sobretudo de sempre, ressumava o aroma desvalido comum aos afogados e aos viúvos. Ao abandonar a casa da Ilha, em busca das tágides, minúsculas flores marinhas brotavam das frinchas das paredes e não era raro avistar uma família inteira de lagostas atravessando a claridade ensonada e imóvel da manhã a apalparem com os quebra-nozes das pinças os utensílios domésticos. Gatos de caravela amodorravam-se no silêncio dos armários. As cómodas estalavam as articulações dos dedos nas tardes de cacimbo. Uma alforreca silvava no bidé. E eu tinha medo de me levantar da cama e pairar, como um coral, entre percas acobreadas e linguados tímidos, que tentavam introduzir-se em vão sob as rodelas de crochet.

E contudo bastaria à mulher sentar-se na enxerga para ver o marinheiro, lá fora, contemplando de calças enroladas e botas no gancho dos dedos, a nata de limo amarelo que lhe molhava os pés. As raparigas surgiam das cabanas de madeira e urinavam de cócoras, erguendo a combinação com o, joelhos, o seu denso mijo matinal. Aves da baía debicavam no puré do lodo que um motor de traineira estremecia. A velha cerrou as pálpebras no quartinho do Terreiro do Paço como quem aferrolha num cofre a pacotilha das suas lembranças sem valor, feitas de bares suados, de beliscões dos capatazes das fazendas de café, de retretes imundas de autoclismo avariado e dos gigantescos incisivos de ouro dos hábitos que conversavam demasiado próximos do meu. Aspirou o odor de canja ferida do mar, inquinado pelo gasóleo dos rebocadores do Tejo, correu o indicador na bainha do lençol abalada pelo estrépito de Lixboa e escutou-se a si própria declarando a Diogo Cão, num suspiro modulado muito mais jovem do que ela, cheio de ressonâncias convidativas, de promessas açucaradas e de certezas de prazeres ocultos, De que é que estás à espera para tirar a roupa.

O almirante fitou a mulher deitada que a colcha de damasco e os cobertores de papa algemavam, mirou em redor o seu desgraçado quarto de puta com ridículos quadrinhos de missanga oblíquos nos grampos, observou por cima da espádua a agitação de guindastes e das canoas de vaivém do rio, e tornou à criatura estendida detalhando-lhe as pregas sem viço das pernas, o cabelo raro, as bochechas murchas, os bicos dos seios idênticos a nozes doentes, os pés de avestruz deformados pelos tacões tortos, mas não foi capaz de a relacionar com o sapo taciturno e caritativo de Loanda, à uma porque a esquecera instantaneamente ao embarcar para o reyno e às duas porque os anos e o bagaço lhe haviam transformado o cérebro numa espécie de planície arenosa semeada de cones de guano e habitada por náiades de ligas escarlates que estendiam os joelhos gordos no palco de um acto de variedades. Todavia não conseguiu deixar de obedecer à autoridade da voz

que subia da almofada aconselhando-lhe que se despisse e foi arrumando os enchumaços no dorso da única cadeira à vista, desde o sobretudo oferecido por um porteiro de bar que ganhara a esposa do melhor amigo num poker feliz, às ceroilas de lona impermeável de navegante sujeito à raiva dos tufões, até não sobrarem senão as suas mãos tímidas a esconderem o sexo adormecido, vértices de aduelas sob a pele e uma correnteza de pétalas de musgo pela espinha.

E assim o tornei a olhar, nu e magríssimo, tantos meses depois, como quando dormia, em África, na esteira de secar mandioca desenrolada na sala ou na varanda e eu o espiava da ombreira, pegajosa do luar de açúcar dos coqueiros. Os joelhos tremiam-lhe mais, os dedos pianolavam a vibrar nas amêndoas engelhadas dos testículos, a boca gretava-se de crostas de saliva seca e do almoço de pobre da semana anterior, e assemelhava-se, diante da pertinácia do meu amor, a um deserdado sem idade que poderia colocar um chapéu alto sobre um bibe de asilo.

Diogo Cão fechou a janela para o Tejo tornando em silhuetas difusas os petroleiros, as fragatas e os aleijados dos violinos abrigados nas arcadas dos ministérios da praça, e os móveis elevaram-se como sucedia aos baús empilhados no porão das barcas, no regresso das viagens das Índias. Chegou a pensar por um momento que ele próprio se iria suspender também, desprovido de peso, idêntico a um suicida triste, na atmosfera irisada em que uma cama de ferros dançava como as gaivotas ancoradas. Porém, por continuar a sentir nos pés o atrito lascado das tábuas do soalho e a sua irremediável condição terrestre, sem barbatanas no sovaco nem na curva dos rins, alarmou-se ao ponto de perguntar num gemido indefeso:

- O que é que eu faço agora?

Podia abrir a janela e recuperar o dia, devolvendo ao quarto o som dos guindastes, dos albatrozes e do tráfego, podia começar a fiscalizar contadores na Madragoa,



tropeçando em cestos de pescado e imundícies que a vazante desprezava nos degraus das calçadas, podia puxar do frasco da algibeira que actuava na sua cabeça como um revelador fotográfico, mostrando-lhe as gavetas da memória e as soluções de alívio em que não esbarrava sem o auxílio do vinho, mas as dimensões do leito, que aumentavam de minuto a minuto até lhe impedirem o acesso à porta tombaram a cadeira num ruído de blusas sobrepostas, fracturaram a cómoda de maçanetas de marfim, ocuparam o espaço dos caixilhos e os perfis dos navios, e compeliram-no a uns passos de avestruz aturdido, de cotovelos pregados ao mais íntimo de si, até que a mulher que tripulava o colchão entornando para ele uma órbita preguiçosa o safou dos vapores da sua angústia com o sussurro de um convite:

- Anda cá.

Diogo Cão, que se julgava reservado por determinação divina para amores de Tétis e que jamais acreditara que os seres de vastos seios orvalhados de escamas metálicas e cauda de bacalhau da Gronelândia que os seus contramestres lhe apresentavam para as semanas de desocupação de descargas e concertos eram rameiras de porto mascaradas de artifícios de cartolina, planeou ignorar o conselho da mulher a fim de não trair o cardume de sereias da sua paixão de sempre, com berbigões no cabelo e colares de burriés à cintura. A cama, no entanto, ameaçava as paredes do cubículo, os cobertores enfunavam-se, o sorriso da velha crescia, as necessidades inquietavam-se no pote, e um quadrinho de cupidos soltou-se do seu prego como uma folha de plátano outonal, logo esmagada por um arabesco de rosas de latão. Estes indícios sobrenaturais a que o excesso de água dei torneira conferia proporções terríveis e que os suspiros da mulher sublinhavam de uma asma de furna, decidiu-o. Tal como nas horas sem brisa, em que a sua nau, parada, u obrigava a um bridge desiludido, com os pilotos, assim aquela voz conhecida, de que não lograra porém distinguir a natureza ou a origem, o empurrou para o colchão ilimitado no qual, em lugar

das ninfas do costume, resmungando Ai filho e soltando escamas pintadas como os frangos de capoeira largam penas, jazia uma criatura sem formas que lhe sorria sob o exagero do baton o riso das meninas.

De quando em quando aproximavam-se sapatos no corredor de painéis de azulejo com símbolos maçônicos, batiam à porta, esperavam, batiam outra vez e iam-se embora num decrescendo de protesto. Um hóspede martelava no compartimento vizinho como se cravasse a tampa do caixão da cômjuge adúltera, surpreendida, nos joelhos do canalizador, de regresso do emprego. Os pombos procuravam-se às bicadas (uma garganta tossia num esconso indefinido) nas estátuas dos telhados. Diogo Cão sentiu uma palma passear-lhe no peito, brincar-lhe, beliscando-as, com as bagas de ervilha dos mamilos, deter-se-lhe na hérnia do umbigo e nas chagas de uma doença tropical nunca completamente sarada. Os dedos alcançaram a quilha do púbis, demoraram-se neles como a língua se demora numa afta e encontraram-no por fim, pequenino e humilde, reduzido a um trapito morto em repouso sobre uma das coxas, e que a mulher se esforçou em vão, horas a fio, por despertar.

A janela escureceu devagarinho, o quarto sumiu-se numa água de trevas perfumada pelos meus cremes, as minhas lacas, os meus vernizes, as minhas loções, mas o único odor presente para mim era o vapor de promontório do almirante, o aroma de tornado que lhe inclinava o bigode como as copas dos pinheiros das dunas, e o relento de lapas cariadas das suas gengivas em pedaços. Encostada a ele, apertando-lhe o cordame dos tendões ao meu pescoço, explorei-lhe um a um os inúmeros nichos do corpo topando com mais baías e enseadas e vilas piscatórias do que até então encontrara nos inúmeros marinheiros da minha vida, incluindo os venezianos que me traziam de presente um silêncio de gôndolas e de decomposição submersa de palácios de doges, com telas de santos e de bispos na pedra mármore dos corredores das caves.

Mal a noite principiou a diluir-se no quarto em fragmentos de tecido sem peso que os gases de víscera dos cacilheiros das sete espavoriam, a mulher encalhou de repente, quando já nada esperava mau grado a minúcia tecedeira da sua arte, no imenso, inesperado mastro orgulhoso do navegante, erguido, na vertical da barriga, com todas as velas desfraldadas e o ressoar de cabaça da, conchas. Ao percorrer, fascinada, a monumentalidade náutica desse pénis florido de insígnias e de ecos temeu sentir-se perfurada por uma energia muito maior do que o seu útero, que a desarticulava sem remédio, como nos suplícios árabes, nas maçarocas de milho do colchão. Tentou afastar-se, rastejando no lençol, siderada por aquela potência sem limites, mas os pulsos do marinheiro imobilizaram-lhe de golpe as nádegas com a força com que trinta anos antes domavam rodas de leme desvairadas pelos temporais, sofreu, a centímetros da cara, um sopro de beribéri e de bagaço digerido, e achou-se, por fim, apunhalada por uma enxárcia descomunal que vibrava no interior do seu corpo dezenas de estandartes reais de caravela.

Foi uma madrugada memorável, que se alongou manhã adiante até à hora do almoço alheia às batidas ocasionais na porta, às concertinas dos cegos na praça, aos motores dos paquetes e às intermináveis conversas das rolas nas antenas de televisão dos telhados. Uma madrugada muda e perseverante mau grado os ruídos exteriores que os véus das cortinas transformavam nos acordes dispersos de uma harmonia em delírio, uma terna batalha de sucessivas navalhadas ardentes no meu corpo, uma maré viva sem repouso que me obrigava a segurar-me aos corrimãos da cama, até que um último impulso me arrancou do tombadilho do colchão, me ergueu o tronco num rodopio desmesurado, e uma espuma fervente me alagou as vísceras em sucessivos encontrões de bomba, ensopando a colcha com o sumo do seu licor à medi a que os pendões emurcheciam, o assobio das conchas se calava e a mulher se encontrou de novo, pacificada, na companhia do velhote magro e inofensivo dos bares da Ilha de Loanda, impregnado de vinho e assaltado pela obsessão das

tágides, que a fitava, despenteado, da almofada, com uma expressão palerma nos caninos de plástico.

Um cliente habitual das sextas-feiras estabelecido de despachante na Penha de França, divorciado há doze anos que me carpia no colo, a preços módicos, o desespero da solidão num apartamento de Loures, alugou-lhe uma parte de casa no Largo da Misericórdia, a troco de duas horas por semana de desabafos íntimos relacionados com a sua melancolia sem remédio. Diogo Cão, chamado para consultas, aprovou o quarto pegado a uma saleta minúscula óptima para arquivar mapas do Zaire e guardar astrolábios amolgados, alegrou-se com o som medieval dos sinos da igreja próxima que pareciam anunciar constantemente, por cima das chaminés, um incêndio ou um matrimónio de infanta, e exultou com a quantidade de tabernas do Bairro Alto no qual iria ali s cruzar-se amiúde com o poeta António Duarte Gomes Leal, de camélia branca na sobrecasaca sebenta, debitando alexandrinos republicanos para a discrição de confessorário dos copos e disposto a ajudá-lo a procurar afrodites nos cabazes dos pescadores do rio, os dois de pernas bambas e pupilazinha arguta, o que lhes valeria alguns problemas ocasionais com iletrados coléricos. O cubículo do Terreiro do Paço tornou ao seu primitivo papel de serralho de carícias maternais e de escoadoiro de consolos a metro, e todas as tardes e noites, com o escrúpulo de uma funcionária exemplar, a velha descia do Largo da Misericórdia e dos seus ecos do século treze rumo aos pedintes aleijados do Cais das Colunas, abandonando o almirante na primeira leitaria do percurso, que o borralho do drambuie enrubescia. Recolhia-o pontualmente uma hora depois, já sentado no passeio, a feder a ginginha, entoando baladas de grumete numa desafinação tenebrosa.

Na semana seguinte, a conselho do poeta Gomes Leal com quem partilhava por vezes as serenatas marítimas, decerto irresistíveis para as sereias mas não menos odiadas pelos habitantes da zona, que lhes entornavam nos chapéus de coco os alguidares da roupa,

ameaçando-os aos berros com a esquadra da polícia, Diogo Cão convidou a mulher a acompanhá-lo à Residencial Apóstolo das Índias a fim em reaver os diários de bordo, os planisférios e outros segredos de Estado que a qualquer instante lhe podiam reclamar do paço e que se desfaziam num canto de mala à mercê de um indiano gordo com ares de espião aragonês, num compartimento onde dormiam vinte e sete pessoas que misturavam umas com as outras os seus enjoos palustres e cogumelos das humidades nocturnas. De mão dada, amparando-se mutuamente nos desconcertos da idade, escutando os anos zumbirem-lhes como cigarras nos ouvidos e padecendo a penúria das articulações oxidadas, caminharam, desde o bazar de pacotilhas da Praça da Figueira, ao longo da lamentabilíssima Avenida Almirante Reis, admirando os alfinetes de gravata em forma de gorila e as sandálias ortopédicas das lojas de penhores, espiolhando garrafas de brandy nos cafés e espantando-se com os esqualos dos stands de automóveis, em torno dos quais girava uma pressa solícita de vendedores, enfarpelados de cônsules sudaneses. Havia dezenas de oculistas onde se amontoavam dioptrias, cabeleireiros a que os capacetes dos secadores conferiam o aspecto absurdo de naves espaciais domésticas, comércio de hamsters e cãesinhos engaiolados, e fotógrafos de porta para a rua que mascaravam crianças de feições de mártir de campinos ou de noivas bretãs, e obrigavam as raparigas jovens a posarem de perfil, com flores de papel no cabelo, em atitudes de mulheres fatais desalmadas. A dado passo, à esquina de um edifício em construção que parecia demolido, oculto por taipais turvos de pó e velado pela diáfana sombra mortuária dos prédio; em ruína, Diogo Cão, seguindo as calhas do eléctrico, voltou para uma transversal sem montras excepto a de missais e obras pias de uma livraria metodista, impedindo a mulher de se estarrecer, deslumbrada, perante um estabelecimento de lustres ducais que gotejavam espelinhos lilazes e pingentes de baquelite. Atingiram o rossio oblíquo de Santa Bárbara, com as suas oficinas sem clientes e os seus bolos da véspera, trotaram no gume de um

talude, enfiaram-se de través, por um intervalo de muro, num baldio alvoroçado por clarins militares, magoaram as canelas em lascas de tijolo e calhaus inesperados, galgaram uma colina de arbustos e acharam-se rodeados de escadas de salvação e traseiras de casas com cachos de marquises colados aos furúnculos das paredes, junto aos degraus da Residencial Apóstolo das Índias onde o senhor Francisco Xavier, a estalar na camisola interior, se preparava para o fresco das seis arrastando a cadeira de baloiço até à entrada do vestíbulo, sob um caramanchão de pintassilgos assustados.

A pensão era um cubo sem arranjo esburacado pelo tempo, com cornucópias e açafates de gesso nos tectos, um telhado rococó, de travejamento à vista, forrado por lâminas de cartolina, e um som de gruta nos corredores desertos. Apesar da sua comprida existência de mulher da vida acostumada a mil penúrias de abismo e a um sem número de assombrosas desgraças, caladas por hábito, por medo, ou por uma estranha espécie de orgulhoso pudor, não consegui recordar-me de uma pobreza como aquela a que assisti nessa tarde, com sujeitos a ressonarem uns sobre os outros em desvãos de chiqueiro, crianças roendo baratas nos ângulos dos quartos, mulatas submissas inexistentes de magreza, dezenas de vestidos de noite, de lantejoilas assanhadas, com os rasgões emendados a linha grosseira dependurados das maçanetas das varandas. Uma dama oriental, de chinelos e pinta na testa, pastoreava aquele rebanho inerte de despaisados e de pegas, que estremecia de febres africanas e de ulcerações purulentas como os arbusto, de café nas trevas, e enquanto aguardava que o navegante recolhesse, no antigo salão de baile do segundo andar, as suas preciosidades marinhas, cirandou pelos painéis de serafins da copa, farejando cacimbo; e carraças tropicais, e carreirinhos de formigas vermelhas dos Dembos que devoravam no escuro o alcaçuz dos sonhos.

Os primeiros e doridos tempos que se seguiram, em Angola, à revolução de Lixboa, surgiram outra vez diante dela com os estampidos de canhão das suas guerras diversas, as

multidões apavoradas do aeroporto e do cais, as noites dos cabarés sem clientes onde uma única bailarina de cancan se meneava, ao ritmo de um disco moribundo, para a velhota do bengaleiro que emprestava a juro às artistas e se concentrava, de óculos no bico do nariz, numa rodelinha complicada de malha. O porto assemelhava-se a uma loja de antiquário em que famílias inteiras, vigiadas pela cobiça dos estivadores, se acoravam, à espera da fragata seguinte, entre arabescos de lavatório. A lembrança apagada que conservava do reyno, e que era a de uma sucessão de eucaliptos e coretos nos quais tocavam sem cessar os pífaros das sanfonas de domingo, seria em breve substituída por centenas de roupeiros, de panelas rebentadas, de lavatórios de esmalte e de sagrados corações em relevo, numa feira resignada de vítimas atómicas. Ao buscar Diogo Cão nos quarteirões de Loanda espiava as moradias desertas na mágoa com que os operários das companhias de comboios, de picareta ao ombro, contemplam os desastres ferroviários. Uma brisa de gafaria rolava lixo e pedaços de papel nos becos da cidade, afogando-se nas piscinas sem água em que uma luz solitária reptava nos mosaicos. Negros de uniforme cubano disputavam à metralhadora a fortaleza de S. Paulo. E a espessura de trevas que sufocava as palmeiras da baía escamoteava os bairros sem electricidade que apenas os olhos das osgas verrumavam, sepultando uma planície de caixotes sob os uivos os cachorros.

Quando o almirante regressou ao vestíbulo da Residencial Apóstolo das Índias, empurrando a custo um carrinho de mão de desenhos de arquipélagos imaginados e da descrição pormenorizada de floras lunares, a mulher assistia à partida das mulatas para as discotecas de Arroios, cujas insígnias entornavam no passeio a sua nata alaranjada. Via-as descer o baldio afligidas pelo suplício das saias travadas, numa andadura de penitentes mascaradas de acrobatas de feira, receosas do ventre do senhor Francisco Xavier que lhes latia de cima, galopando na cadeira, encorajamentos e ordens. Os vestidos arranjados à pressa com enchumaços e alfinetes, as pinturas pinceladas ao acaso nas bochechas e as

unhas amarelas e quebradas como teclas de pianos verticais, fizeram-na soltar um borborigmo de saudade pelas engenhosas e competentes patroas francesas que a iniciaram, no começo do século, nos truques subtis e nos duros mistérios da profissão, cinquentonas severas de pestanas postiças e intransigência absoluta, ensinando os alçapões do ofício reclinadas como primas-donas em sofás capitonês ao som de grafonolas de espelho, e obrigando as discípulas a imitar o amor com lentidão e perfume acariciando entre gemidos um manequim de alfaiate. A mulher, que possuía então quinze anos, um arame nos dentes e uma andadura infantil, e era esguia e pelada como um gato vadio, aprendera a dar prazer com o afago da simples polpa de mínimo e a consolar sexagenários deprimidos escutando-os numa intensidade apaixonada de confessorário à medida que os despia como tangerinas da casca de fazenda da braguilha. De modo que se apiedou dos homens obrigados a contentarem-se com a inércia sem ciência das mulatas da pensão a quem faltava o entusiasmo profissional e o requinte deontológico, e que se calçavam, sentados nos lençóis do desventurado anterior; com a mesma pontuda mágoa com que tinham chegado.

O senhor Francisco Xavier, que adquirira o hábito de colar à nuca uma auréola de santo decorada por lampadzinhas de várias cores que lhe forneciam o aspecto equívoco do anúncio de uma marca de pilhas, procurou impedir a saída dos documentos do navegador que as escolopendras e as traças haviam esfarelado dizimando continentes inteiro,, uma dúzia de promontórios e a cordilheira dos Andes, com o argumento de que Diogo Cão não só lhe devia onze meses de diária como quebrara, na intempérie das suas bebedeiras, metade dei mobília da sala de jantar e quase todos os vidros da cozinha, para além dos incontáveis enxergões que apodrecera, em sestras de moribundo antecipado, com a sua ácida urina de cavalo agónico. A mulher, porém, experiente em lidar, com um sorriso indulgente, com a infantilidade primitiva das aldrabices masculinas e que devia às suas mestras francesas a intuição de distinguir a verdade da mentira apenas pela tonalidade do



cheiro, mesmo se escrito, das vogais, ordenou ao almirante, surda às razões e às ameaças do padroeiro de Setúbal, que multiplicava as queixas ao ponto de sugerir que Diogo Cão matava as crianças recém-nascidas e as rolas do telhado vizinho com o impulso do hálito e lhe violara na cave uma afilhada menor com o auxílio de um pau de chocolate, Traz lá a tua papelada que estou farta desta discussão até aqui. Preveniu o senhor Francisco Xavier que se persistisse em aborrecê-la com os seus enredos o denunciava de imediato à polícia de costumes como proxeneta e gatuno, apresentando-lhe um quadro tenebroso dos calaboiços da Judiciária, e quando o santo anunciou, em desespero de causa, que o Vaticano o beatificara e o invólucro terrestre do seu corpo permaneceria incorrupto pelos séculos dos séculos, limitou-se a responder que quem tão pouco conhecia do amor jamais alcançaria um lugar no céu porque malgastara a existência na obscenidade das violações sem requinte, roubando a um cúmplice qualquer a genuína alegria dos prazeres partilhados. O indiano, preocupado com a visita de um chefe de brigada ou a eventualidade de uma participação a Roma, acabou por ajudá-los a pilotar o carrinho de mão pelos escolhos do declive, até ao Largo, propôs inclusivamente à velha que instrísse as mulatas, em aulas colectivas diante de um projector escolar, nas veredas do gozo da carne, e procurava já nas algibeiras das calças o pagamento adiantado da lição inaugural, quando a mulher lhe congelou os gestos apressados ao explicar-lhe que a única boa regra necessária a uma fêmea autêntica consiste em entender que os homens necessitam tanto mais de mãe quantas mais mães tiveram, e que somente os órfãos se encontram preparados para os escolhos quotidianos da paixão. E enquanto eles se afastavam, com os seus papiros náuticos, na direcção de casa, o eleito de Deus quedou-se imóvel no passeio a raspar a sarna dos sovacos absorto pelo peso daquela revelação imensa, com as ampolas da auréola acendendo-se a apagando-se em torno da cara, junto às discotecas de Arroios, do modo que aparece, torturado e bondoso, nas pagelas dos missais de madrepérola, acompanhado uma geração de resultado garantido

contra os desgostos de família.

O peso das ilhas e das penínsulas de Diogo Cão, excessivo para a idade de ambos, obrigava-os a desembaraçarem-se uma a uma de encicloplédias inteiras de arquipélagos e de estreitos no trajecto até à praça de sinos medievais da Misericórdia, em cujas sombras os travestis do Bairro Alto se misturavam a cada instante com procissões de penitente, de sandálias que se flagelavam com ramos de salgueiro. Assim que o poder dos músculos lhe diminuía impedindo-o de transportar pelas ruas de Lixboa a sua biblioteca de continentes, o marinheiro destapava um contentor de lixo e vertia-lhe dentro um feixe de rios tropicais que se enterravam com a sua fauna, a sua vegetação, os seus minérios, as suas peculiaridades meteorológicas e a profundidade e características dos seus leitos, entre sobejos de arroz de grelos e embalagens de pastilhas para a tosse. O planeta inteiro sumiu-se dessa forma, país a país e meridiano a meridiano, nos caixotes da cidade, e não lhe sobrava mais, por alturas do Jardim da Patriarcal, que um astrolábio ferrugento e meia dezena de recortes de jornal de Luas & Marés que o almirante utilizava a fim de orientar melhor a navegação das caravelas. Nas vizinhanças do Bairro perceberam ao longe, entre um cortejo de frades que entoavam ladainhas e Te Deums soturnos, o poeta Gomes Leal, de cartola amolgada e camélia no fraque, entrando na pressa urgente do tinto numa taberna aclarada pela fosforescência de um televisor. Carruagens de marqueses, de braços desenhados na talha da porta, ultrapassavam-nos de eixos a chiar para se desvanecerem no Teatro da Trindade abanando as molas lassas do traseiro de ganso. Ao vestir o pijama, exactamente por debaixo das badaladas das duas da manhã, Diogo Cão, em ceroilas, flutuava numa espécie de limbo deserto de afluentes e bacias por achar, onde um infante qualquer, de pé no extremo de um qualquer monte rochoso, observava o nada com binóculos de madrepérola de sócio do Jockey Club. Puxou o autoclismo para se assegurar da realidade da água e nenhuma cachoeira se despenhou na retrete. Espreitou o rio pela

janela e não entendeu as lanternas de navegação das chalupas e das naus, substituídas por um grande espaço negro atravessado pelos candeeiros da ponte. Palpou ao espelho as gengivas que o escorbuto devorara e deu no vidro com uma dentadura perfeita, de cerâmica, que respondeu com um sorriso amável à sua aflição de marujo. Acabou por a jogar no copo da mesinha-de-cabeceira, por apagar a luz do quarto, por recusar as carícias preocupadas da mulher, e por continuar fitando, até de madrugada, moendo a pedra-pomes das mandíbulas, a Terra que se transformara num deserto seco de ondas e de tágides, onde mesmo o vento dos búzios tinha por fim desaparecido.

Para alojar, de entre os que tornavam de África, aqueles cujos corpos conservavam ainda o cheiro e o murmúrio de larvas dos campos de algodão adormecido que os cães selvagens percorriam no seu trote quimérico, o governo desocupou um hospital de tuberculosos que passaram a tossir nos jardins públicos hemoptises cansadas, e vasou nas enfermarias de muros de cenas de guerra e de actos piedosos, impregnados pelo torpor de morte dos desinfectantes, os colonos que vagavam à deriva, de trouxa sob o braço, nas imediações dos asilos, na mira dos restos de sopa do jantar.

O homem de nome Luís, que se alimentava do espinafre da Mitra na antiga capela de um refeitório miserável, foi presenteado com uma cama em pedaços num pavilhão cercado de macieiras e de ervas ruins perto do gradeamento de um colégio de meninos mongolóides, dalai-lamas descidos das neves do Tibetápara aprenderem, em Lixboa, a moldar carneirinhos de plasticina numa paciência de noviços. As empregadas, que se esqueceram entretanto de transferir para outra clínica, comportavam-se connosco como com os doentes expulsos, medindo-nos a febre de manhã e à tarde, introduzindo-nos à força arrastadeiras sob os lençóis, e levando-nos a passear em roupão, a seguir ao almoço, num parque de camélias calvas e de tanques de basalto de cujas fendas nasciam em desordem madeixas de jacintos. No sanatório os dias tornavam-se mais lentos do que

partidas de xadrez; as sextas obrigatórias nas cadeiras de lona da varanda, com um tubo de mercúrio espetado na língua e um galho de plátano a atormentar os pés aparentavam-se às semanas de mar chão, e alguns mulatos, contagiados pela mágoa dos poentes e o perpétuo outono das mimosas, deram em cuspir sangue em bacias esmaltadas numa agonia lânguida que os mongolóides do Tibet, todos parecidos como uma ninhada de gémeos, espiavam do portão numa sabedoria secreta.

Logo de madrugada um concerto de pigarros e bronquites afogava os guinchos dos pássaros no jardim e as solas dos médicos nos corredores, chegados para auscultarem as pioras no tórax dos doentes cujos pulmões se aparentavam aos naperons dos tremós, prestes a dissolverem-se em grumos com a simples força do olhar. O homem de nome Luís, a quem apesar da ausência de sintomas obrigaram a um roupão de moribundo, obteve autorização para um intervalo de uma hora fora da cerca do hospício, escoltado por um servente que carregava o penico de loiça destinado aos bacilos da hemoptise que tardava. Assim conheceu, em pantufas, o bairro envenenado pelo sanatório de miasmas tristes e no qual toda a gente adquirira, por receio de contágio, o uso de apertar contra a boca o lenço de assoar, fornecendo ao épico a impressão de que caminhava de pijama no meio de uma multidão de cirurgiões aberrantes vestidos de vendedeiras de peixe, de operários canalizadores ou de caixas de banco, esmagados pelo lacre em chamas de agosto.

Cada vez mais Lixboa se lhe afigurava um rodopio de casas sem destino, uma cavalgada de algerozes, e de tapumes, de flechas de igreja e de ruas a quem as obras camarárias expunham as tripas dos esgotos sob um céu rebentado de pústulas de nuvens. No meio de tanta odiosa claridade que despia as pessoas da misericórdia das suas próprias sombras, o escritor, tonto de luz, acabava por acompanhar, sempre seguido do sujeito do penico, os falsos doirados de um enterro qualquer na esperança da noite de cedros dos cemitérios onde os defuntos se evaporavam sob miniaturas de templos gregos e crianças de

gesso, estranguladas por flores artificiais que cheiravam às cerejas de gaze dos chapéus e que ele confundia com o aroma de naftalina da morte. Sentado no parapeito de tijolo de uma ruela de jazigos, com o bacio ao alcance do primeiro cuspo, assistia ao cortejo modesto dos funerais dos pobres, ou seja uma urna numa carreta desfeita velhos a cambalearem atrás, e rafeiros vagabundos que a presença do cadáver atiçava. Internado num sanatório longe do mar ter-se-ia esquecido de Loanda e dos pássaros pernaltas da baía, de pescoço esticado no cume das palmeiras, se no seu pavilhão, mesmo colado ao edifício onde os dalai-lamas aprendiam os ditongos, não escutasse por vezes, trazido pelos assopros do vento, o sussurro dos motores das fragatas largando para a pesca das docas de Cabo Ruivo, sob a labareda litúrgica da Siderurgia.

Aos domingos à noite um flautista internado na enfermaria do terceiro andar de onde se avistava o radar do aeroporto e os longes do Seixal, animava a sala de convívio, de mesas de pingue-pongue empenadas e longos sofás de concubina, com baladas dos anos trinta segregadas pelo enfisema do instrumento. Fora cozinheiro num restaurante do Lobito frequentado por camionistas negros e bêbedos sem vintém, e interrompia o halo de insónia dos programas de televisão para exumar o pífaro de um estojo de cetim, encaixar uns nos outros os três segmentos que o compunham, esticar os lábios num mamilo de biberão, apoiar a ponta dos dedos nos orifícios semelhantes a buracos de cinto, e em pontas de pés, no intuito de conferir mais sentimento às notas, soprar pelos poros da gaita um tango de Gardel que a tosse dos colonos acompanhava a descompasso. Num desses recitais aflitivos, logo a seguir a notícias de greves de relojoeiros suíços, alunagens papais e inundações em Cabo Verde, o homem de nome Luís, que se julgava sozinho numa poltrona de ramagens, meditando oitavas e compondo episódios gloriosos, notou a presença, ao seu lado, de um sujeito albino e míope, de frasquinho para a expectoração nos joelhos, que o som da flauta atravessava sem tocar de tal modo a tuberculose e o despaisamento lhe tornaram o corpo

numa espécie de tutano sem substância. De tempos a tempos pingava no gargalo um fiozito de sangue que coagulava numa florinha escarlate e desaparecia de novo no interior do pijama, reduzido à cintilação dos olhos. No termo da serenata dirigiu-se, quase não roçando o sobrado com as calças de brim, para um pavilhão Inais recente que os restantes, construído nas traseiras do prédio principal, a vinte ou trinta metros da cozinha, e em cujos quartos empalideciam, definitivamente, os derradeiros odores das canjas das dietas.

Nas tardes seguintes, quando abria caminho a chinelar, através de um emaranhado de pigarros, para o seu passeio diário, topava o fulano míope, que a translucidez confundia com as aguarelas das paredes, a observar as macieiras do parque derramado numa cadeira de lona ou dialogando num canto da varanda, em conspirações misteriosas, com cavalheiros tão inexistentes como ele, cada qual com a sua proveta de rosas de cuspo na mão, e de que línguas cicatrizadas, possuíam a marca iniludível do escorbuto. Por essa época o sanatório conseguia os seus primeiros defuntos entre os retornados mais magros, minúsculos sob os lençóis que lhes cobriam a cabeça, e a gente via-os seguir, estendidos numa espécie de tabuleiro com rodas, para a cave de adega das autópsias, claustro onde um carnicheiro de avental de borracha e luvas cor de nêspere de lavar a roupa dissecava intestinos e artérias a golpes de facão.

O homem de nome Luís já levava escrito um terço do poema na tarde de setembro em que o míope caviloso, após uma hora de prudentes círculos de abutre, lhe puxou a manga do pijama e o convidou a presenciar na Ericeira, na primeira semana de outubro, o desembarque do rei:

- D. Sebastião aparece das ondas num cavalo branco, assobiou ele depositando uma rosa no seu frasco.

O poeta imaginou uma horda de tísicos em uniforme hospitalar, acorados na neblina das dunas, à espera de um monarca risível que se elevaria das águas na companhia

do seu exército vencido. Desde que regressara de África que até o fluir do tempo se lhe afigurava absurdo, e não se conformara ainda com os demorados crepúsculos de calda de marmelo do verão, a ausência de capim e o seu restolhar ávido de insectos, e movia-se na cidade como num planeta criado pelo mecanismo da imaginação, informado por notícias de jornal tão enigmáticas como arrulhos de baleia. E aceitou a expedição do mesmo modo que aceitava os pneumotórax e os xaropes dos médicos do asilo que se lançavam sobre si, às terças e às sextas, num zelo curativo de agulhas e de tintura de iodo.

- O único problema, preveniu-o o senhor transparente sem mover os lábios, designando com o queixo os serventes que vigiavam as expectorações dos colonos, são os informadores espanhóis.

E elucidou-o que o país tora ocupado pelos castelhanos na sequência do fracasso da expedição a Marrocos, e o prior do Crato, filho do infante D. Luís, cuja tropa desertara após dois ou três recontros de jogo do pau, vagueava pelo norte disfarçado de pequinês tentando apoios inúteis nas aldeias alheadas.

As miudezas do plano para a restauração da independência, elaborado entre acessos de bronquite pelo patriota da flauta, ser-lhe-iam reveladas durante as sestras de depois do almoço ou os velórios quase quotidianos na capela do sanatório, decorada por S. Roques pestanudos que contemplavam, numa piedade marialva, tuberculosos de jaquetão com a boca ainda aberta num sorvo sem ar. Um escriturário do hospício, aliciado pelas manobras de amor de uma mulata pasionaria que se redimia dessa forma de vinte anos de prostituição desenfreada, alugara um autocarro de vidros fumados de pastorear turistas por torres de menagem, catedrais e insignificâncias do género, que se destinava a transportar os doentes até à Ericeira ao encontro do rei maricas e do seu Estado-Maior em farrapos, partindo daí a fim de ocupar o aeroporto, as estações de rádio e de televisão, o parlamento, a ponte do Tejo e as entradas de Lixboa, enquanto pelotões de internados de diversos asilos, Sob o

comando de moribundos a soro, invadiriam, a pigarrear as suas pétalas de sangue, o edifício da política, os ministérios e os portos, aprisionando os duques espanhóis no forte de Caxias ou empilhando-os em escunas sem leme, jogadas ao acaso num oceano de tritões.

O sanatório viveu as semanas imediatas no silêncio de maus prenúncios que antecede as gripes e sobressalta os cachorros, cujas pupilas se arroxéiam de um suor de pavor. A tísica dizimava pavilhões inteiros e os corpos, cobertos de mantas numeradas, aguardavam as tesouras da autópsia não apenas nas mesas de mármore de esquartejar defuntos mas nos próprios degraus que conduziavam à adega, nos tapetes esfiados da sala de jantar, no espaço para as pernas das secretárias dos doutores e por detrás dos fogões da cozinha, juntamente com os jornais e as baratas, corados pelos briquetes dos fornos. Alguns enfermeiros e médicos escondiam já as faringites incipientes na palma da mão, e apresentavam-se ao trabalho com olheiras de noites mal dormidas, atormentados pelas perturbações da febre. E no entanto o flautista prosseguia os seus concertos impávidos apesar do resplendor murcho da televisão, interpretando boleros com uma veemência que comovia ao ponto das lágrimas a assistência que salivava moléstias nas provetas, enquanto lá fora as rajadas de setembro secavam as árvores e doiravam as noites, quase de outono, do pó amarelo dos seus bagos. O homem de nome Luís julgava entender na flutuação da música o morse cifrado dos adeptos do menino loiro, principalmente qualido o artista, a quem a inspiração libertava do peso da sua condição terrestre, se erguia verticalmente no ar no sentido do estuque do tecto, agitando os pés como barbatanas de peixe de aquário acima das cadeiras do público, para regressar ao soalho, com a última nota, na leveza dos ilusionistas. Ao atravessar o parque, acabados os boleros, imaginava naus de espanhóis perdidas nos escolhos do Báltico e galeras sem destino encalhadas nos penedos da Costa do Marfim, nas quais centenas de soldados, de armaduras amolgadas por tempestades dementes, acenavam em vão para orlas de floresta onde se acumulavam cachos de pretos siderados.



No serão em que o músico trocou o reportório do costume pelo hino nacional, executado em ritmo de pasodoble para enganar os serventes, já muito poucos colonos sobreviviam aos bacilos dos pulmões, a calcular pelos bancos desertos e pelo odor de carne decomposta das enfermarias, e vários médicos haviam deixado o hospital em busca de melhoras nas clínicas nos Alpes, arrepiados pelos soluços dos cucos. Preparava-se para se levantar do sofá, enjoado pela pestilência dos defuntos, quando o sujeito transparente o arrastou com brandura pelo terraço de tijoleira fora, que as raízes das macieiras fracturavam num esforço imenso de ressurreição, e lhe apontou com o mínimo, que mal se diferenciava da cor malva do ar, uma camioneta de faróis acesos estacionada ao portão e tuberculosos em pijama que se disseminavam em bicos de pés pelas moitas de arbustos, tentando não fazer barulho no silêncio do escuro em que patinhavam como escafandristas na direcção das luzes coaguladas do carro.

A camioneta era um espantoso veículo para americanos ricos, de assentos semelhantes a cadeiras de barbeiro, ar condicionado, lavatórios de avião, auscultadores individuais para zarzuelas e óperas, e hospedeiras de farda e bivaque que serviam pães de leite e copinhos de sumo. O motor trabalhava no zunido imperceptível da electricidade estática, e o homem de nome Luís viu pela última vez o desmedido edifício do asilo composto de varandas sucessivas e cercado de caramanchões indecifráveis, adornado sob a meia laranja da lua. Viu os pavilhões na trama dos buxos, as estufas dos laboratórios em que chiava o medo das cobaias e a casa mortuária repleta de múmias quitinosas, idênticas aos caimões dos museus. Nos quartos dos médicos deslizavam de quando em quando os pavios de navegação da insónia dos doutores, que desciam seminus ao armário dos remédios à cata da garrafa rolhada dos hipnóticos. O colégio dos dalai-lamas era uma nave de cujo sótão surdavam sem rumor cardumes de morcegos, de caninos cruéis como mestres de francês. Carrocéis de cavaleiros e outras ferramentas de tortura giravam numa espécie

de redil destinado a esmagar rótulas e a abrir cabeças, que o farmacêutico do quarteirão suturava amorosamente num aparato de agrafes. O homem de nome Luís acomodou-se nos estofos, fechou o; olhos e sonhava já com as vielas tortas do Cazenga e os jipes da polícia militar derrapando nas traições do lodo, quando o flautista berrou lá da frente, com o pífaro numa das mãos e a proveta dos cuspos na outra, S. Jorge e Portugal. O hospício dos pneumotórax desapareceu nas suas costas, sombras de prédios escorregaram para trás de mim nas janelas fumadas, os lampiões dos palacetes do Lumiar -, cobertos de buganvílias até às vigias do sótão, afastaram-se de nós com as suas salvas de prata e os seus leitões de dossel e ficou-se apenas a telefonia do autocarro que repetia, aos uivos, marchas militares e versos comunistas.

Tomaram a estrada de Sintra atrás do escape de uma furgoneta de legumes que silvava gases de guerra por todos os poros da panela desfeita, enquanto vários pijamas revolucionários se desmoronavam em intermináveis acessos de tosse e o senhor transparente, de termómetro na boca, vacilava de febre à minha esquerda naufragado em limos de transpiração. Pinheiros afiados ameaçavam-nos das bermas perto do arco de trevas do desvio de Queluz devorado pela gula da hera. Um tapume que corria paralelamente ao alcatrão, desvaneceu-se de súbito abandonando-nos numa mata de abetos. Polícias de trânsito de bastões luminosos, emboscados nas encruzilhadas, multavam caleches desprevenidas. Os restaurantes e os monumentos de Sintra, diluídos numa neblina perpétua e desenhados por holofotes de estádio, achatavam-se no fundo da humidade com robalos entrando e saindo pelas janelas abertas a despedirem reflexos azulados. A estação dos comboios enchia-se na noite de malmequeres de ausentes, e nas vivendas de telhados como cornos de bois minhotos, marujos vogavam de perfil na preguiça das algas. O homem de nome Luís recordou-se dos crepúsculos concretos de Loanda onde tudo parecia exactamente o que era, sem mistérios náuticos nem pegadas de sereias ausentes, que se

limitavam a conversar nos bares dos hotéis, de cigarro nas escamas das unhas, com belgas idosos a quem o quarto cálice de porto transtornava.

O trajecto de Sintra à Ericeira compunha-se de um desespero de curvas e contracurvas com aglomerados de aldeolas no percurso, casas de campo, vivendas de emigrantes e cães estremunhados, de palatos negros, a ladrarem com ódio das portas das tabernas. Ultrapassaram o convento de Mafra repleto de centopeias e soldados, e chegaram à Ericeira pouco antes das três e vinte da manhã, chocalhando os ossos de frio no interior do pijama hospitalar, cada qual com o seu gargalo expectorante debaixo da boca e os comprimidos do pequeno almoço na algibeira, sob as ordens do tísico do pífaro cuja asma assobiava como um fole empenado. Vaguearam por becos e pracinhas reconhecendo-se mutuamente pela tonalidade dos pigarros, a farejar, com o nariz cor de amêijoa dos doentes, a direcção do mar e a localização da praia, e esbarrando em cadeiras de esplanada, bancos públicos a que faltavam pranchas, taipais que lhes vedavam a água, muralhas de granito de cinquenta metros a pique, canoas de pescadores, redes enroladas, cintilações de bóias e os paus de toldo do verão acabado, com os seus desperdícios atolados nas dunas. Foi um velhote de pupilas pisadas pelo avanço dos bacilos, de cachecol em torno do talo de couve do pescoço, que encontrou a escada que descia para a areia em patamares precários, e chamou o músico que decifrava nas trevas o mercúrio do termómetro a fim de se inteirar dos centígrados da sua desdita. O patriota transparente e mais dois ou três heróis de bacia no queixo convocaram os tuberculosos que se aventuravam, em roupão, num parque de automóveis deserto palpando o possível sentido do oceano que os espreitava ao mesmo tempo de todas as esquinas com o seu cheiro de alforrecas e narcisos, e acabaram por tropeçar em rebanho, numa manada incerta de esqueletos, nos degraus que levavam à praia e aos cesto de sardinha desprezada, junto a um café com um gato cinzento a dormir no gume desigual do parapeito.

Amparados uns aos outros para partilharem em conjunto do aparecimento do rei a cavalo, com cicatrizes de cutiladas nos ombros e no ventre, sentaram-se nos barcos de casco ao léu, no convés de varanda das traineiras, nos flutuadores de cortiça e nos caixotes esquecidos, de que se desprendiam odores de suicida dado às dunas pela chibata das correntes. Esperámos, a tiritar no ventinho da manhã, o céu de vidro das primeiras horas de luz, o nevoeiro cor de sarja do equinócio, os frisos de espuma que haveriam de trazer-nos, de mistura com os restos de feira acabada das vagas e os guinchos de borrego da água no sifão das rochas, um adolescente loiro, de coroa na cabeça e beiços amuados, vindo de Alcácer Quibir com pulseiras de cobre trabalhado dos ciganos de Carcavelos e colares baratos de Tânger ao pescoço, e tudo o que pudemos observar, enquanto apertávamos os termómetros nos sovacos e cuspiamos obedientemente o nosso sangue nos tubos do hospital, foi o oceano vazio até à linha do horizonte coberta a espaços de uma crosta de vinagreiras, famílias de veraneantes tardios acampados na praia, e os mestres de pesca, de calças enroladas, que olhavam sem entender o nosso bando de gaiivotas em roupão, empoleiradas a tossir nos lemes e nas hélices, aguardando, ao som de uma flauta que as vísceras do mar emudeciam, os relinchos de um cavalo impossível.